HOMEM e MULHER



seu papel bíblico no lar, na igreja e na sociedade

compilado por

John Piper e Wayne Grudem

Este livro foi digitalizado com o intuito de disponibilizar literatura cristã a todos aqueles que não têm condições financeiras ou boa literatura ao seu alcance.

Muitos se perdem por falta de conhecimento, como diz a Bíblia; e às vezes por que algumas pessoas cobram muito caro para compartilhar esse conhecimento.

Esse livro está sendo disponibilizado na rede para que você, através de um meio de comunicação tão versátil, tenha acesso a ele.

Espero que esta obra traga edificação para sua vida espiritual.

Se gostar do livro e for abençoado por ele, eu recomendo que você compre esta obra impressa para abençoar o autor.

HOMEM e MULHER



seu papel bíblico no lar, na igreja e na sociedade

compilado por

John Piper e Wayne Grudem

EDITORA FIEL

HOMEM e MULHER
Seu Papel Bíblico no Lar, na Igreja e na Sociedade

Condensado e traduzido do original em inglês:
Recovering Biblical Manhood and Womanhood

Copyright © Council on Biblical Manhood and Womanhood

Primeira edição em português — 1996

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

Editora Fiel da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 81
São José dos Campos, SP
12201-970
Brasil

Índice

Prefácio 5

1 Masculinidade e Feminilidade Definidas de Acordo com a Bíblia 7

2 Igualdade Masculino-Feminina e Liderança Masculina *(Gênesis 1-3)* 33

3 O Que Significa Não Ensinar ou Ter Autoridade Sobre Homens? *(1 Timóteo 2.11-15)* 53

4 Esposas como Sara e Maridos que as Honram *(1 Pedro 3.1-7)* 67

5 Mulheres no Ministério da Igreja 85

6 A Masculinidade e a Feminilidade na Prática 105

7 O Sublime Chamado da Esposa e Mãe 119

8 Perguntas e Respostas 135

Prefácio

Uma controvérsia de grandes proporções tem se espalhando por toda a igreja. Começou há pouco mais de 20 anos, na sociedade em geral. Desde o seu início, o movimento feminista argumenta que não precisa haver diferença alguma entre o papel do homem e o papel da mulher. Dizem que, de fato, é injusto e discriminatório sustentar tais diferenças.

Vemos hoje, nas igrejas evangélicas, os efeitos deste movimento. Muitos se manifestam contra o ensino que coloca o homem como líder no lar e na igreja. Dizem que, ao avaliar a habilidade de alguém para a liderança, é irrelevante se aquela pessoa é um homem ou uma mulher.

Os defensores destas novas idéias, no contexto da igreja, podem ser chamados de "feministas evangélicos". Eles não se opõem à autoridade e à veracidade da Bíblia. Porém, atribuem a ela novas interpretações a fim de sustentar suas idéias e reivindicações. Mediante seus detalhados argumentos, estão conseguindo influenciar a muitos.

O resultado tem sido uma crescente incerteza entre os evangélicos. Homens e mulheres encontram-se indecisos quanto a seus próprios papéis. A maioria não está satisfeita com a posição defendida pelos feministas. Pensam que ela não reflete nitidamente o padrão apresentado na Bíblia. Mas como reagir efetivamente aos feministas que usam a Bíblia para sustentar seus argumentos?

Temos editado este livro na esperança de que apresente uma solução adequada a esta controvérsia. Desejamos ajudar os cristãos a descobrir uma animadora perspectiva da masculinidade e da feminilidade, segundo o propósito de Deus.

John Piper e Wayne Grudem

Nota:

Este livro é uma condensação de 8 capítulos da obra original. Foi planejado para que o leitor consulte os capítulos na ordem que mais o interesse.

O capítulo 1 apresenta uma definição da masculinidade e feminilidade. Os capítulos 2 a 5 tratam de importantes textos bíblicos concernentes ao assunto. Os capítulos 6 e 7 abordam questões de aplicação prática. Finalmente, o capítulo 8 oferece respostas concisas às perguntas mais frequentemente levantadas a respeito deste assunto.

1

Masculinidade e Feminilidade Definidas de Acordo com a Bíblia

O Aspecto Complementar Entre Homem e Mulher

John Piper

Quando eu era um garoto e crescia no Estado de Carolina do Sul, USA, meu pai estava ausente de casa cerca de dois terços do ano. E, enquanto ele pregava por todo o país, orávamos — minha mãe, minha irmã mais velha e eu. O que aprendi naquele tempo foi que minha mãe era competente para tudo.

Ela cuidava das finanças, pagava as contas e lidava com o banco e os credores. Uma vez ela dirigiu, à parte, um pequeno negócio de lavanderia. Ela era ativa no departamento de crianças de nossa igreja batista e gerenciava alguns imóveis.

Ela me ensinou a cortar grama, a pintar o beiral da casa, a polir a mesa da sala de jantar com uma flanela e a dirigir o carro. Ela me ajudava com mapas de geografia e me mostrou como acreditar que a álgebra era possível. Ela fez os contatos com os empreiteiros, quando acrescentamos o subsolo à casa. Nunca me pareceu haver algo que ela não pudesse fazer.

Mas nunca me ocorreu pensar sobre minha mãe e meu pai numa mesma categoria. Ambos eram fortes. Ambos eram brilhantes. Ambos me beijavam, e ambos me disciplinavam. Ambos oravam com fervor e amavam a Bíblia. Mas, sem dúvida, meu pai era um homem e minha mãe era uma mulher. Eles sabiam disso, e eu também. E não era simplesmente um fato biológico. Era antes uma questão de personalidade e diferenças na maneira de relacionarem-se.

Quando meu pai chegava, percebíamos claramente que ele era o chefe da casa. Ele dirigia a oração à mesa; reunia a família para os devocionais; levava-nos para a escola dominical e para o culto; guiava a família até o lugar onde nos sentaríamos. Depois, tomava a decisão de irmos a um restaurante para o almoço. Ele nos levava até a mesa, chamava o garçom e pagava a conta. Ele era a quem prestaríamos conta, se quebrássemos alguma regra familiar ou desrespeitássemos a mamãe. Aqueles eram os dias mais felizes para mamãe. Oh! como ela se alegrava quando papai estava em casa! Ela adorava sua liderança. Mais tarde, entendi que a Bíblia chama isso de "submissão".

Mas como meu pai não estava a maior parte do tempo, mamãe costumava exercer boa parte da liderança também. Então, nunca me passou pela cabeça que liderança e submissão tivessem algo a ver com superioridade e inferioridade. Também nada tinha a ver com músculos; e não era uma questão de habilidades. Aquilo estava relacionado a algo que eu nunca poderia ter explicado como criança.

Com o passar dos anos, tenho percebido, através das Escrituras e da vida, que masculinidade e feminilidade são a bela obra artística de um Deus bom e amável. Ele delineou nossas diferenças, e elas são profundas. Não são meros pré-requisitos fisiológicos para a união sexual. Elas vão à raiz da nossa personalidade. Este capítulo é uma tentativa de definir, de acordo com a Bíblia, algumas dessas diferenças como Deus as deseja.



Deixe-me dizer uma palavra sobre a frase "de acordo com a Bíblia". Fiz grande esforço para harmonizar o pensamento deste capítulo com o ensino bíblico. Ao mesmo tempo, porém, não tentei incluir um argumento detalhado para cada afirmação. Pareceu melhor apresentar a visão bíblica da masculinidade e da feminilidade o mais claramente possível e deixar a discussão técnica para os próximos capítulos. Espero que seja evidente que minhas reflexões não são a criação de uma maneira de pensar independente, mas o fruto de uma árvore firmemente plantada no solo da constante meditação na Palavra de Deus.

A experiência ensinou-me que há duas formas de se promover uma visão da masculinidade e da feminilidade. Uma forma é através de detalhada e cuidadosa argumentação. Mas há outra forma de se promover a visão. Não apenas deve haver uma análise bíblica completa, mas também deve haver um quadro da visão que satisfaça tanto o coração quanto a mente. Posto de outra maneira: devemos promover a beleza assim como a verdade da visão. Devemos mostrar que não é apenas correto, mas também é bom; que não é apenas válido, como também é admirável.

Este capítulo foi escrito primeiramente para se enquadrar na segunda categoria. Foi elaborado para mostrar que nossa visão da masculinidade e da feminilidade é um dom gracioso do Deus amoroso que tem no coração a manutenção dos melhores interesses de suas criaturas. A visão não é pesada nem opressiva. Não promove o orgulho ou a exaltação própria. Ela se conforma àquilo que somos pelo bom desígnio de Deus. Portanto, é satisfatória no sentido mais profundo dessa palavra.



A tendência atual é enfatizar a igualdade dos homens e das mulheres, minimizando o singular significado da masculinidade e da feminilidade. Mas esta depreciação da masculinidade e da feminilidade é uma grande perda. Tem custado caro a gerações de jovens homens e mulheres que não sabem o que significa ser homem ou ser mulher. Hoje, a confusão sobre o significado da personalidade sexual é uma epidemia. A consequência desta confusão não é uma feliz harmonia entre pessoas libertas da identidade masculino/feminina. Ao invés disso, há mais divórcio, mais homossexualismo, mais abuso sexual, mais promiscuidade, mais inadequação social, mais desconforto emocional e suicídio, que acompanham a perda da identidade concedida por Deus.

É notável e revelador observar que cristãos feministas dediquem tão pouca atenção à definição de feminilidade e masculinidade. Pouca ajuda tem-se dado a um filho que pergunta: "Pai, o que significa ser um homem e não uma mulher?" Ou a uma filha que pergunta: "Mãe, o que significa ser uma mulher e não um homem?" Muita energia tem sido gasta hoje para

minimizar as distinções entre masculinidade e feminilidade. Porém, não se ouve com frequência sobre o que a masculinidade e a feminilidade *deveriam* nos inclinar a fazer. Estamos à deriva em um mar de confusão a respeito dos papéis sexuais. E a vida não melhorou com isso.

Ironicamente, os pensadores mais perspicazes reconhecem o quanto a masculinidade e a feminilidade são essenciais para nossa personalidade. No entanto, o significado de masculinidade e feminilidade é visto como inatingível. Por exemplo, Paul Jewett escreve, em seu livro *O Homem como Macho e Fêmea*:

> A sexualidade permeia cada indivíduo em sua profundeza; ela condiciona todas as facetas da vida de uma pessoa. Visto que o ser sempre está ciente de si mesmo como um "Eu", este "Eu" está sempre ciente de si mesmo como ele mesmo ou ela mesma. Nosso autoconhecimento está indissoluvelmente ligado não somente ao nosso ser humano, mas ao nosso ser sexual. Ao nível humano não há, *de per si*, "Eu e Tu", mas apenas o "Eu", macho ou fêmea, confrontando-se com o "Tu", o "Outro", que também é macho ou fêmea.

Após ler esta impressionante declaração, é surpreendente verificar que Jewett não sabe o que são a masculinidade e a feminilidade. Ele diz:

> Pelo menos alguns dentre os teólogos contemporâneos não estão certos de saberem o que significa ser um homem em distinção a ser uma mulher, ou uma mulher em distinção a ser um homem. Por compartilhar desta incerteza é que o escritor se esquivou da questão da ontologia neste estudo.

Certamente isto é uma grande tristeza. Sabemos que "a sexualidade permeia cada indivíduo em sua profundeza". Sabemos que "ela condiciona todas as facetas da vida de uma pessoa". Sabemos que todo encontro "Eu-Tu" é um encontro não de pessoas abstratas, mas de pessoas que são "machos ou fêmeas". Mas, incrível, não sabemos quem somos como homem ou mulher. Somos ignorantes sobre esta dimensão tão penetrante de nossa identidade. Como os pais podem criar filhas para serem mulheres e filhos para serem homens, quando nem

mesmo os principais mestres da igreja sabem o que são a masculinidade e a feminilidade?

A convicção por trás deste capítulo é que a Bíblia não nos deixa na ignorância sobre o significado da masculinidade e da feminilidade. Deus não escondeu de nós o significado de nossa identidade. Ele nos mostrou, nas Escrituras, a beleza da masculinidade e da feminilidade em harmonia complementar. Revelou-nos as distorções que o pecado gerou na masculinidade e na feminilidade decaídas. E nos mostrou o caminho da redenção e cura através de Cristo.

Com certeza, vemos como por um espelho, obscuramente. Nosso conhecimento não é perfeito. Contudo, não estamos tão alheios que não tenhamos nada a dizer a nossa geração sobre o significado da masculinidade e da feminilidade e sobre suas implicações em nossos relacionamentos. Entendemos que a Bíblia revela a natureza da masculinidade e da feminilidade, descrevendo responsabilidades distintas para o homem e a mulher. Ela baseia esta diferença não em normas culturais temporárias, mas em fatos permanentes da criação. Isto se vê em 1 Coríntios 11.3-16, Efésios 5.21-33 e 1 Timóteo 2.11-14. Na Bíblia, papéis diferentes para homens e mulheres têm origem no modo como as coisas eram no Éden, antes que o pecado distorcesse nossos relacionamentos. Os papéis distintos foram criados por Deus.



Isto me leva a tentar ao menos definir masculinidade e feminilidade. Não são definições exaustivas, abrangendo tudo o que estas significam. Mas espero que nos façam pensar a respeito do assunto. Elas pretendem incluir tanto pessoas casadas como solteiras. São uma tentativa de se chegar ao cerne do significado da masculinidade e da feminilidade.

> NO CERNE DA MASCULINIDADE MADURA ESTÁ UM SENSO DE RESPONSABILIDADE BENEVOLENTE PARA LIDERAR AS MULHERES, PROVER A ELAS E PROTEGÊ-LAS, ATRAVÉS DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UM HOMEM.

NO CERNE DA FEMINILIDADE MADURA ESTÁ UMA LIBERTADORA DISPOSIÇÃO DE RATIFICAR, RECEBER E NUTRIR FORÇA E LIDERANÇA DE HOMENS DIGNOS, ATRAVÉS DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UMA MULHER.

O Significado de Masculinidade

A seguir, tomamos a definição de masculinidade, frase por frase, e desenrolamos seu significado e implicações.

NO CERNE DA MASCULINIDADE MADURA ESTÁ UM SENSO DE RESPONSABILIDADE BENEVOLENTE PARA LIDERAR AS MULHERES, PROVER A ELAS E PROTEGÊ-LAS, ATRAVÉS DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UM HOMEM.

"NO CERNE..."

Estas palavras indicam que a definição não é exaustiva. Há mais sobre a masculinidade do que contém esta definição. Creio que ela se aproxima bastante do significado da verdadeira masculinidade, mesmo que haja um mistério a respeito da existência complementar do homem e da mulher que nunca vamos esgotar.

"...MASCULINIDADE MADURA..."

Um homem pode se sentir forte e sexualmente competente, vigoroso e racional. Mas se ele não sente esta benevolente responsabilidade para com as mulheres, a fim de liderá-las, prover a elas e protegê-las, então sua masculinidade é imatura. Ela está incompleta e, talvez, distorcida. A masculinidade madura é uma forma de amor, não de auto-afirmação.

As circunstâncias de vida de um homem podem tornar a interação com as mulheres muito limitada. Ele pode estar na guerra ou no mar, longe de mulheres. Pode estar em uma prisão. Ele pode trabalhar em um poço de petróleo, no alto mar. Porém, qualquer homem pode ser apropriadamente masculino nessas circunstâncias, se tiver um senso de responsabilidade para liderar, prover, e proteger as mulheres. Isto afetará o modo como ele

fala sobre mulheres e a maneira como lida com a pornografia, e também ficará evidente na preocupação que demonstra com os casamentos dos homens ao seu redor.

Um homem pode não ser fisicamente capaz de prover sustento para sua família e, ainda assim, ser maduro em sua masculinidade. Ele pode ser paralítico ou ter uma doença que o incapacita. Sua mulher pode ser a principal ganha-pão em tal circunstância. Isto não é fácil para o homem. Mas, se ele ainda tem um senso de sua benevolente responsabilidade, diante de Deus, ele não perderá sua masculinidade. Ela encontrará expressão nas formas como este homem supera a autopiedade e dá liderança moral e espiritual à sua família, tomando a iniciativa de prover à família o pão da vida, que é Cristo, e protegendo-a dos maiores inimigos de todos, Satanás e o pecado.

"...SENSO DE RESPONSABILIDADE BENEVOLENTE..."

A responsabilidade da masculinidade manifesta-se em favor do bem da mulher. A responsabilidade benevolente elimina todo autoritarismo gerado pela exaltação própria. Deixa de lado toda condescendência desdenhosa e qualquer ato que faça uma mulher madura sentir-se patroneada, em vez de honrada e valorizada (1 Pedro 3.7).

A masculinidade é uma incumbência dada por Deus para o bem de todas as suas criaturas; não é um direito a ser exercido pelos homens, tendo como finalidade a sua própria exaltação ou satisfação. É um dever e uma obrigação. Como todos os requisitos de Deus, não foi criada para ser um peso (1 João 5.3).

O homem será chamado a prestar contas de sua liderança, provisão e proteção em relação às mulheres. Isto está ilustrado em Gênesis 3.9, quando Deus se dirigiu primeiramente a Adão: "Onde estás?" Eva já havia pecado antes de seu marido, mas Deus não a responsabilizou em primeiro lugar. Adão é quem devia prestar contas a Deus pela vida moral de sua família, no jardim do Éden. Isto não significa que a mulher não tenha responsabilidade, como veremos. Simplesmente significa que o homem tem uma responsabilidade singular e principal.

"...LIDERAR..."

Preciso explicar em detalhe o que tenho em mente por responsabilidade de liderar. Doutro modo, falsas idéias poderiam facilmente chegar às mentes das pessoas. A seguir, apresento nove afirmações esclarecedoras sobre o significado de liderança da masculinidade madura.

1. *A masculinidade madura se expressa não na exigência por ser servido, mas na força de servir e sacrificar-se pelo bem de uma mulher.*

Liderança não é um encargo exigente. Trata-se de levar as coisas em direção a um objetivo. "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse" (Efésios 5.25,26). Jesus levou sua noiva à santidade e ao céu, através do caminho do Calvário. Ele parecia fraco, mas era infinitamente forte ao dizer NÃO ao caminho do mundo. Assim será sempre com homens maduros que assumem a responsabilidade de liderar.

2. *A masculinidade madura não assume o mesmo tipo de autoridade que Cristo tem sobre a mulher, mas defende tal autoridade.*

Não estamos falando de uma liderança que dá ao homem todos os direitos e autoridade que Cristo possui. O esposo precisa não cair na tentação de tomar o lugar de Cristo na vida de sua esposa. Isto significa conduzir a esposa a depender de Cristo e não dele, o marido. Na prática, isto exclui a supervisão menosprezadora e minuciosa.

3. *A masculinidade madura não pressupõe superioridade, mas mobiliza as habilidades das outras pessoas.*

Nenhum líder humano é infalível. Homem algum é superior àqueles a quem guia em todos os aspectos. Portanto, um bom líder sempre deve considerar as idéias daqueles a quem lidera, e pode frequentemente adotá-las, se forem melhores do que as dele. O alvo da liderança não é demonstrar a superioridade do líder, mas despertar nas pessoas todas as habilidades que as conduzirão em direção ao objetivo almejado.

Em Efésios 5.28-29, a esposa é retratada como parte do corpo do homem, assim como a igreja é parte do corpo de Cristo. Então, ao amar sua esposa um homem está amando a si mesmo. Isto elimina uma liderança que trata a mulher como uma criança. Um marido não quer tratar a si mesmo desse modo.

Além disso, Cristo não guia a igreja como sua filha, e, sim, como sua esposa. Ele a está preparando para ser "co-herdeira" (Romanos 8.17), não uma escrava. Qualquer tipo de liderança que, pelo excessivo controle, tende a produzir na esposa imaturidade pessoal, ou fraqueza espiritual, ou insegurança perdeu o sentido da analogia de Efésios 5. Cristo não criou esse tipo de esposa.

4. *A masculinidade madura não tem de iniciar toda ação, mas sente a responsabilidade de prover um padrão geral de iniciativa.*

Na família, o marido não executa todo o pensar e o planejar. Sua liderança implica em ser o responsável geral pelo planejamento espiritual e moral da vida familiar. Especificamente, haverá muitas ocasiões em que a esposa fará todo tipo de planejamento e iniciativa. Mas, ainda assim há um padrão geral de iniciativa que é provido pelo marido.

Por exemplo, o padrão de liderança não seria bíblico, se a esposa frequentemente tivesse de tomar a iniciativa de orar nas refeições, de tirar a família da cama para o culto no domingo de manhã e de reunir a família para períodos de devocionais. Uma esposa pode iniciar a discussão e o planejamento de qualquer uma destas atividades; mas, se ela se torna a responsável geral por estas coisas, enquanto o seu marido é passivo, algo contrário à masculinidade e à feminilidade bíblicas está surgindo.

O psicólogo James Dobson, preocupado com a recuperação da liderança dos maridos no lar, escreveu:

> Um homem cristão é obrigado a liderar sua família no máximo de suas habilidades... Se sua família comprou itens demais no crediário, então o arrocho financeiro é, em última análise, falta sua. Se a família nunca lê a Bíblia ou raramente vai à igreja aos domingos, Deus culpa o homem. Se as crianças

> são desrespeitosas e desobedientes, a responsabilidade principal está sobre o marido... não sobre a esposa... [Nossa] maior necessidade é que os maridos comecem a liderar suas famílias, em vez de esgotar todos seus recursos físicos e emocionais na mera obtenção de dinheiro.

5. *A masculinidade madura aceita a responsabilidade de dar a palavra final nos desacordos entre marido e mulher, mas não pressupõe usá-la em toda instância.*

Em um bom casamento a tomada de decisão se concentra no marido, mas não é ditatorial. Ele busca a participação de sua esposa e frequentemente adota suas idéias. A consciência de sua imperfeição deverá guardá-lo de pensar que sabe o que é melhor em todas as circunstâncias. Onde nenhuma questão moral está em jogo, ele pode ceder sua preferência à de sua esposa. No entanto, se há alguma discordância, o marido aceitará a responsabilidade de fazer a escolha final. Se não implica em pecado, a decisão do marido deve predominar.

6. *A masculinidade madura expressa sua liderança em relações sexuais românticas, ao comunicar uma aura de busca intensa e terna.*

Isto é muito difícil de explicar. Há uma aura de liderança masculina que surge da mistura de poder e ternura, força e afeição. Ela acha expressão na firmeza do seu abraço, no vigor com que toma a esposa em seus braços, na constância da admiração verbal, etc.

Evidentemente, há uma busca feminina nas relações sexuais. A esposa pode iniciar um interesse pelo romance e continuar em diversos passos adiante. Mas há uma diferença. A iniciação feminina é de fato um convite ao homem para que faça seu tipo de iniciação. A esposa o está convidando a guiá-la de uma forma que apenas o homem pode fazer, para que ela possa responder a ele.

7. *A masculinidade madura se expressa em família, ao tomar a iniciativa de disciplinar os filhos, numa ocasião em que ambos os pais estão presentes e foi quebrado um padrão familiar.*

Mães e pais devem, ambos, ser obedecidos por seus filhos (Efésios 6.1). Tanto as mães como os pais são mestres estimados no lar (Provérbios 1.8; 6.20; 31.1). Assim, a mãe tem direitos de autoridade e liderança sobre seus filhos; ela não precisa esperar até que o pai chegue do trabalho para corrigir uma criança desobediente.

Mas as crianças precisam ver que o pai também se encarrega de discipliná-los, quando a mãe e o pai estão presentes. Nenhuma mulher deveria tomar a iniciativa de disciplinar uma criança desobediente, enquanto seu marido fica despreocupado como se nada estivesse acontecendo.

8. *A masculinidade madura é sensível a expressões culturais de masculinidade, de modo a se relacionar com uma mulher não de forma agressiva ou pervertida, mas com a dignidade de um homem.*

Isto significa vestir-se de modo que não seja efeminado nem grosseiro. Também significa aprender modos e costumes. Quem fala em nome do casal, no restaurante? Quem ajuda o outro a sentar-se? Quem abre a porta? Quem estende a mão ao cumprimentar? Quem anda do lado de fora, na calçada? Estas coisas mudam de cultura para cultura e de época em época. O fato é que a masculinidade madura não tentará transmitir a idéia de que estas coisas não importam. Ao invés disso, ela busca preservar padrões que expressam a natureza distintiva da masculinidade e da feminilidade.

9. *A masculinidade madura reconhece que o chamado para a liderança é um chamado ao arrependimento, à humildade e ao arriscar-se.*

Todos somos pecadores. A masculinidade e a feminilidade foram distorcidas pelo pecado. Como homens, devemos admitir que historicamente houve sérios abusos. Cada um de nós, durante a vida, tem grandes motivos de contrição por causa de passividade ou de dominação. Alguns negligenciaram a esposa e consumiram seu tempo diante da televisão, ou, muitas vezes, foram caçar, pescar ou jogar futebol com os amigos. Outros foram muito

ásperos e dominadores, dando a impressão de que a esposa era irresponsável ou tola.

Deveríamos nos humilhar diante de Deus por nossas falhas. O chamado à liderança não é um chamado à nossa própria exaltação sobre qualquer mulher. Não se trata de um chamado para dominar, ou desprezar, ou "pôr a mulher em seu devido lugar". Ela é, afinal, uma co-herdeira de Deus e destinada a uma glória que um dia resplandecerá eternamente (Mateus 13.43).

O chamado à liderança é um chamado a ser um servo de formas específicas. É um chamado a orar como nunca antes oramos; a praticar constantemente os princípios da Palavra de Deus; a sermos mais cuidadosos, menos levados pelo humor do momento; a sermos disciplinados e organizados em nossas vidas; a sermos amáveis e sensíveis; a tomarmos tempo para falar com a esposa sobre o que precisa ser falado; e, se necessário, a estarmos prontos a dar a própria vida, conforme o exemplo de Cristo.

"...PROVER..."

NO CERNE DA MASCULINIDADE MADURA ESTÁ UM SENSO DE RESPONSABILIDADE BENEVOLENTE PARA LIDERAR AS MULHERES, PROVER A ELAS...

A razão de se dizer isto não é que a mulher não deva ajudar no sustento da família. Historicamente, ela sempre fez isto, visto que a vida doméstica exige dela trabalhos extraordinários, que visam a manutenção da vida familiar. Provérbios 31 retrata uma esposa com grandes habilidades em assuntos de negócios da família.

Porém, o homem deve sentir uma responsabilidade benevolente de prover sustento para sua família. Quando não há pão à mesa, o homem é quem mais deve sentir a pressão de fazer algo para colocá-lo ali. Isso não significa que sua esposa não possa ajudar. Mas o homem deve sentir sua masculinidade comprometida, se ele, por indolência, descuido ou falta de disciplina, se torna dependente do salário da esposa.

Isto está implícito em Gênesis 3, onde a maldição atinge tanto o homem quanto a mulher, nas áreas e funções naturais na vida. A maldição não é que o homem deva trabalhar no campo para ganhar o pão para a família ou que a mulher dê à luz filhos, e, sim, que estas esferas da vida se tornaram difíceis e frustrantes. Evidentemente, desde o começo Deus tinha em mente que o homem teria a responsabilidade específica de sustentar a sua família através do trabalho; e a mulher, a responsabilidade específica de sustentar a família ao dar à luz filhos e ao alimentá-los. Ambos são essenciais sustentadores da vida.

O texto de Gênesis sugere que qualquer inversão de papel nestes níveis básicos, o cuidar das crianças e o ganhar o pão, será contrária à intenção original de Deus e contrária ao modo como Ele nos fez macho e fêmea. Sustentar a família é, primariamente, responsabilidade do marido. Cuidar das crianças é, primariamente, responsabilidade da esposa.

"...PROTEGER..."

NO CERNE DA MASCULINIDADE MADURA ESTÁ UM SENSO DE RESPONSABILIDADE BENEVOLENTE PARA LIDERAR AS MULHERES, PROVER A ELAS E PROTEGÊ-LAS...

Suponha que um homem e uma mulher estejam andando na rua, quando um assaltante os ameaça. A masculinidade madura sente uma responsabilidade natural, dada por Deus, de colocar-se entre o assaltante e a mulher. Ao fazer isto, o homem se torna servo dela. Ele está disposto a sofrer por sua segurança. Ele a honra e sente instintivamente que, como homem, é chamado a tomar a liderança e protegê-la.

Existe uma masculinidade distorcida que reivindica o direito de dizer à mulher que se coloque à frente dele e proteja-o dos tiros. Mas todo homem sabe que isto é uma perversão do que significa ser homem e líder. Em qualquer instância de perigo, o primeiro pensamento de um homem não é que a mulher ao seu lado seja fraca, mas simplesmente que ele é um homem e ela é uma mulher. Pertence à masculinidade aceitar o perigo a fim de proteger as mulheres.

"...MULHERES..."

Não digo "esposas" porque há um senso de que a masculinidade inclina o homem a sentir a responsabilidade pela liderança, provisão e proteção das mulheres em geral. A masculinidade e a feminilidade estão enraizadas em quem nós somos por natureza. Não são apenas reflexos de uma relação conjugal. O homem não se torna homem ao se casar. Mas fica claro que a forma com que toma a liderança, provisão e proteção, varia conforme o tipo de relacionamento que ele tem com uma mulher — desde a mais íntima relação de casamento à mais casual relação com uma estranha na rua. Por isso a descrição da masculinidade deve ser concluída com a seguinte frase:

"...ATRAVÉS DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UM HOMEM"

Efésios 5.22, Tito 2.5 e 1 Pedro 3.1,5 exortam as esposas a serem sujeitas a "seus próprios" maridos. Este termo, "seus próprios", mostra que o relacionamento entre uma mulher e seu marido deve ser diferente do relacionamento que ela tem com os homens em geral. Esposo e esposa têm responsabilidades um para com o outro, no casamento, que não têm para com outros homens e mulheres. Mas isto não significa que de algum modo a masculinidade e a feminilidade não afetam o relacionamento entre homens e mulheres em geral.

A responsabilidade dos homens em relação às mulheres muda de acordo com o tipo de relacionamento que desenvolvem. Marido e mulher terão diferentes responsabilidades daquelas de um pastor para com uma mulher que seja membro de sua igreja. Essas responsabilidades, por sua vez, não serão iguais àquelas de homens e mulheres nos negócios, recreação, governo, vizinhança, namoro, noivado, etc. As possibilidades de homens e mulheres se relacionarem uns com os outros são extremamente diversas. Minha convicção é de que o homem maduro buscará expressões apropriadas de masculinidade em cada um destes relacionamentos.

Por exemplo, suponhamos que um homem trabalhe como advogado em um escritório junto com outros advogados, alguns

dos quais são mulheres. Ele, com certeza, não terá com as colegas o tipo de conversa que mantém com sua esposa. De fato, ele tomará iniciativas de se proteger contra o desenvolvimento de qualquer tipo de intimidade inapropriada com suas colegas. Não é primordialmente responsabilidade das mulheres estabelecer limites para se protegerem dos avanços de homens mal-comportados. É responsabilidade da masculinidade madura estabelecer um padrão de atitudes que permitam a homens e mulheres se relacionarem uns com os outros em liberdade, conforto e segurança moral.

No decurso do dia, uma mulher, em um escritório de advocacia, pode convocar uma reunião. Há formas de um homem, chegando àquela reunião, expressar sua masculinidade através de cortesias culturalmente apropriadas, endereçadas às mulheres do escritório. Ele pode abrir a porta, oferecer sua cadeira e falar de uma forma mais gentil.

É verdade que isto se torna cada vez mais difícil, em um contexto onde a mentalidade unissex converte tais cortesias cavalheirescas em ofensas. Poderá haver tentativas de serem excluídas todas as formas de expressão provenientes do senso de masculinidade e de feminilidade. Será um desgaste para homens e mulheres cristãos trabalharem nessa atmosfera. Mas é possível que, através de conversação inteligente e comportamento cordial, haja um efeito restaurador até sobre o que seus colegas pensam e sentem a respeito da masculinidade e da feminilidade.

Devemos considerar a possibilidade do aparecimento de relacionamentos cujos papéis comprometam profundamente o que um homem e uma mulher sentem ser apropriado à sua masculinidade ou feminilidade. Em tais casos, eles terão de buscar uma posição diferente. Isto é o que J.I.Packer sugere quando faz a incisiva observação:

> Embora eu não goste dos termos hierarquia e patriarcalismo, para descrever a relação homem-mulher nas Escrituras,... Gênesis 2.18-23... e Efésios 5.21-33... continuam a me convencer de que a relação homem-mulher é intrinsecamente irreversível. Com isso quero dizer que... uma situação em que uma chefe mulher tem um secretário homem ou um

> casamento em que a mulher manda trarão mais desgaste tanto ao homem quanto à mulher do que se a situação fosse o contrário. Isto é parte da realidade da criação, um fato que não mudará.

Isto nos leva de volta ao ponto básico de Paul Jewett, ou seja,

> Nosso autoconhecimento está indissoluvelmente ligado não somente ao nosso ser humano, mas ao nosso ser sexual. Ao nível humano não há, *de per si*, "Eu e Tu", mas apenas o "Eu", macho ou fêmea, confrontando-se com o "Tu", o "Outro", que também é macho ou fêmea.

Creio que isto é verdade e que Deus não nos deixou sem um testemunho a respeito do significado de masculinidade e feminilidade. Tentei descrever algo a respeito da personalidade masculina. Agora, nos voltaremos ao significado de feminilidade madura.

O Significado de Feminilidade

Um aspecto significativo de feminilidade é como uma mulher responde ao padrão de iniciativas estabelecido pela masculinidade madura. Esta é a razão pela qual primeiramente abordei a questão da masculinidade. Entretanto, é importante agora focalizar o conceito de feminilidade dado anteriormente. Desenvolverei seu significado a fim de apresentar um quadro atraente e equilibrado da masculinidade e da feminilidade.

> NO CERNE DA FEMINILIDADE MADURA ESTÁ UMA LIBERTADORA DISPOSIÇÃO DE RATIFICAR, RECEBER E NUTRIR FORÇA E LIDERANÇA DE HOMENS DIGNOS, ATRAVÉS DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UMA MULHER.

"NO CERNE..."

Estas palavras indicam que a definição de feminilidade não é exaustiva. Há mais sobre a feminilidade do que contém esta definição. Creio que ela se aproxima bastante do significado da verdadeira feminilidade, mesmo que haja um mistério a

respeito da existência complementar do homem e da mulher que nunca vamos esgotar.

"...FEMINILIDADE MADURA..."

A palavra "madura" sugere que há distorções na feminilidade. Estereótipos falsos ou imaturos são às vezes identificados como a essência da feminilidade. Ronda Chervin fornece uma lista do que as pessoas comumente consideram "características femininas positivas":

> Compreensiva, compassiva, empática, resignada, gentil, afetuosa, carinhosa, hospitaleira, receptiva, diplomática, atenciosa, educada, cooperadora, intuitiva, sábia, perspicaz, sensível, espiritual, sincera, vulnerável (no sentido de ser emocionalmente acessível), obediente, confiante, graciosa, doce, expressiva, charmosa, delicada, serena, sensualmente receptiva, fiel, pura.

Chervin, então, alista as seguintes "características femininas negativas":

> Fraca, passiva, servil, chorona, indecisa, sedutora, paqueradora, vã, tagarela, tola, sentimental, ingênua, mal-humorada, trivial, enigmática, manipuladora, queixosa, implicante, rabugenta, opressora, maldosa.

Então, fica claro que, ao falarmos de feminilidade, devemos fazer distinções cuidadosas entre as distorções e o desígnio original de Deus. A "feminilidade madura" refere-se não ao que o pecado fez da feminilidade ou o que a opinião popular faz dela, mas ao que Deus desejou que ela fosse, no seu melhor.

"...UMA LIBERTADORA DISPOSIÇÃO..."

Focalizo a feminilidade madura como uma disposição, em vez de um conjunto de comportamento e papéis. Isto porque a feminilidade madura se expressará de muitas formas diferentes, dependendo da situação.

Por exemplo, a submissão de uma esposa toma diferentes formas, dependendo da qualidade da liderança do marido. Ela

deve possuir uma disposição para ceder à autoridade do marido e uma inclinação a seguir sua liderança. Esta distinção é importante, porque nenhuma submissão de um ser humano a outro é absoluta. O marido não substitui Cristo como a autoridade suprema da mulher. Ela nunca deve seguir a liderança do marido, se esta conduzir ao pecado. Ela não roubará, ou se embebedará, ou participará de fraudes juntamente com ele.

Uma mulher pode ter um espírito de submissão, uma disposição para submeter-se, até mesmo quando tem de se posicionar ao lado de Cristo contra a vontade pecaminosa de seu marido. Ela pode mostrar, por sua atitude e comportamento, que não está resistindo à vontade de seu marido, e, sim, desejando que ele abandone o pecado e a lidere com justiça, para novamente poder honrá-lo como cabeça numa relação harmoniosa.

A disposição da feminilidade madura é libertadora. Isto ocorre porque está de acordo com a verdade do propósito de Deus na criação. É a verdade que liberta (João 8.32). Há sensações de independência que não são liberdade verdadeira, pois negam a verdade e se destinam à calamidade.

Por exemplo, duas mulheres podem saltar de um avião e experimentar uma liberdade na queda livre. Mas há uma diferença: uma está portando um pára-quedas às costas e a outra está livre deste peso. Qual delas está mais livre? Aquela que não tem um pára-quedas sente-se livre — até mais livre, visto que não sofre as restrições das tiras do pára-quedas. Mas, ela não é de fato livre. Ela está presa à força da gravidade e à ilusão de que tudo está bem. Este falso senso de liberdade é de fato escravidão à calamidade, que está para acontecer com certeza após um ligeiro momento de prazer.

Isto é o que, hoje, muitas mulheres (e homens) pensam sobre a liberdade. Eles a julgam com base nas sensações imediatas de independência. Mas, a verdadeira liberdade leva em conta o propósito de Deus na criação e busca se encaixar tranquilamente no bom desígnio de Deus. A liberdade inclui também fazer o que queremos. Mas, a mulher madura não busca esta liberdade, forçando a realidade a se enquadrar em seus desejos. Ela busca a liberdade ao transformar seus desejos, a fim de que se

enquadrem à perfeita vontade de Deus (Romanos 12.2). A maior liberdade está em sermos tão transformados pelo Espírito de Deus que possamos fazer o que gostamos, sabendo que nossos atos se conformam à vontade de Deus e levam à vida e à glória.

Deus não pretende que as mulheres sejam esmagadas, subjugadas ou frustradas. Entretanto, Ele também não pretende que elas façam algo para remover tais sentimentos, sem considerarem se a ação é apropriada. Às vezes, a liberdade vem de mudanças exteriores, nas circunstâncias. Às vezes, vem de mudanças interiores, no coração e na mente.

Atualmente, muitos dizem, por exemplo, que a verdadeira liberdade para uma lésbica seria a liberdade de agir de acordo com a sua preferência sexual. Mas eu diria que a verdadeira liberdade não pode ignorar o juízo de Deus sobre a atividade homossexual, nem a vontade de Deus de que homens e mulheres sejam heterossexuais em suas relações sexuais. Portanto, a verdadeira liberdade não é cedermos a todo impulso. Envolve, antes, a satisfação de descobrirmos o poder de Deus e libertarmo-nos da escravidão a nossos egos pecaminosos.

Acredito que a feminilidade à qual Deus chama a mulher é o caminho da liberdade para toda mulher. A feminilidade madura não se desenvolverá em circunstâncias iguais para todas as mulheres; mas acarretará responsabilidades sobre todas as mulheres, da mesma maneira que a masculinidade madura acarreta responsabilidades sobre todos os homens. Algumas destas responsabilidades expressamos naturalmente. Outras devemos aprender através de oração, fé e prática.

"...DE RATIFICAR, RECEBER E NUTRIR FORÇA E LIDERANÇA DE HOMENS DIGNOS..."

A "força e liderança de homens dignos" mencionada aqui se refere à responsabilidade da masculinidade madura de liderar, prover e proteger. Reconheço que existe uma liderança que é indigna da aprovação de uma mulher. Não pretendo definir feminilidade meramente como uma resposta a qualquer coisa que homens pecadores possam oferecer. A feminilidade madura está enraizada no compromisso com Cristo, como Senhor, e

é criteriosa no tipo de liderança que aprova. A feminilidade madura tem uma visão bíblica clara da masculinidade madura. Quando um homem não possui masculinidade madura, a resposta de uma mulher madura não é abandonar a sua feminilidade. Ao contrário, sua feminilidade permanece intacta, com o desejo de que tudo seja conforme Deus planejou. Porém, ela reconhece que a expressão natural de sua feminilidade será atrapalhada pela imaturidade do homem.

Observe as três palavras que descrevem a resposta de uma mulher à força e à liderança de homens dignos: *ratificar*, *receber* e *nutrir*.

"Ratificar" significa que mulheres maduras aprovam o aspecto complementar masculino-feminino que aqui descrevemos.

"Receber" significa que a feminilidade madura se sente natural e alegre por aceitar a força e a liderança de homens dignos. Uma mulher madura fica contente, quando um homem respeitoso e atencioso oferece iniciativas apropriadas em seu relacionamento. Ela não quer inverter estes papéis. Ela se alegra quando ele não é passivo. Ela se sente enriquecida, honrada e livre pela força, atenção e liderança oferecida por ele.

"Nutrir" significa que uma mulher madura sente uma responsabilidade não apenas de receber, mas de fortalecer as fontes da masculinidade. Ela deverá ser companheira dele; como Gênesis 2.18 afirma: "Uma auxiliadora que lhe seja idônea". Há contribuições que as mulheres trazem a um relacionamento que os homens não têm condições de trazer. Mulheres maduras oferecem observações que tornam os homens mais fortes e sábios e que tornam o relacionamento mais rico.

Observe: Precisamos nos acautelar a respeito das diferentes forças de homens e mulheres. Quando alguém pergunta se achamos que as mulheres são, digamos, mais fracas, ou mais inteligentes, ou mais facilmente amedrontadas do que os homens, ou algo assim, uma boa resposta seria mais ou menos esta: as mulheres são mais fracas do que os homens em alguns aspectos, e os homens são mais fracos do que as mulheres em alguns aspectos; as mulheres são mais inteligentes de que os homens em alguns aspectos, e os homens são mais inteligentes do que as

mulheres em alguns aspectos... Deus pretende que todas as "fraquezas" que são caracteristicamente masculinas evoquem e destaquem as forças de uma mulher. E Deus pretende que todas as "fraquezas" que são caracteristicamente femininas evoquem e destaquem as forças de um homem... Masculinidade e feminilidade devem se complementar, em vez de se duplicarem... a maneira como Deus nos fez é boa... Ninguém é de menor valor do que o outro. Homens e mulheres são de valor e dignidade iguais aos olhos de Deus — ambos criados à imagem de Deus e extremamente singulares no universo.

"...ATRAVES DE FORMAS APROPRIADAS AOS DIFERENTES RELACIONAMENTOS DE UMA MULHER"

A feminilidade madura não se expressa da mesma forma em todos os seus relacionamentos com os homens. Uma mulher casada, por exemplo, não recebe bem, de outros homens, o mesmo tipo de liderança que recebe de seu marido. Mas, ela deve ratificar, receber e nutrir a força e a liderança de homens, de alguma forma, em todos os seus relacionamentos com eles.

Isto é verdadeiro, embora ela possa desempenhar funções que a deixem em posição de autoridade sobre alguns homens. A feminilidade madura buscará se expressar de formas apropriadas. Existem formas adequadas de uma mulher interagir, ainda que um homem esteja subordinado a ela. Ela pode expressar respeito por sua força e alegre aceitação de suas cortesias cavalheirescas. Seu comportamento e disposição podem indicar sua afirmação do papel singular que os homens devem assumir no relacionamento com as mulheres.

É normal que em algumas ocasiões uma mulher seja colocada em uma posição de influenciar ou liderar homens. Por exemplo, uma dona de casa, em seu jardim, pode informar a um homem como chegar à certa rodovia. Nessa situação, ela está exercendo um tipo de liderança. Ela tem conhecimento superior no assunto que o homem necessita e o submete à sua orientação. Mas sabemos que existe uma forma correta pela qual esta dona de casa pode orientar o homem, de modo que nenhum deles sinta sua feminilidade ou masculinidade comprometidas.

Como disse antes, existem papéis que desgastam demais a personalidade do homem e da mulher, não sendo apropriados e saudáveis na estrutura do lar e da sociedade. Alguns papéis envolveriam tipos de liderança e autoridade que tornam inadequado uma mulher se encaixar neles. Isto nos traz a uma questão: que tipo de influência seria apropriada para mulheres maduras exercerem sobre homens?

Seria inútil tentar definir isto na base de caso por caso. É mais apropriado um conjunto de critérios para ajudar uma mulher a pensar, por exemplo, se as responsabilidades de determinado emprego lhe permitem sustentar a ordem criada por Deus. Aqui está um possível conjunto de critérios. Todos os atos de influência podem ser descritos através destes dois padrões:

PESSOAL ⟷ NÃO-PESSOAL
DIRETIVO ⟷ NÃO-DIRETIVO

À proporção em que a influência de uma mulher sobre um homem seja pessoal e diretiva, ela geralmente ofenderá o senso de responsabilidade e liderança daquele homem, invertendo assim a ordem criada por Deus. Ao contrário, a influência não-diretiva age com petição e persuasão, e não com ordens diretas. Um belo exemplo de tal liderança foi o de Abigail, ao convencer Davi a não matar Nabal (1 Samuel 25.23-35). Ela exerceu grande influência sobre Davi e mudou o curso de sua vida; mas, o fez com impressionante restrição, submissão e discrição.

Todos os atos de influência se estendem sobre o padrão pessoal e o não-pessoal. Quanto mais se aproximam do lado pessoal, mais inapropriado se torna, para as mulheres, exercerem influência direta. Numa situação de trabalho, se o papel de uma mulher envolve boa quantidade de ordens a homens, estas necessitarão em geral ser não-pessoais.

No casamento, a relação de uma mulher com um homem é muito pessoal; nesse caso, a forma como a mulher oferece orientação precisará ser não-diretiva. O apóstolo Pedro fala do espírito manso e tranquilo de uma boa esposa, o que pode ser muito atraente ao seu marido (1 Pedro 3.4). Uma esposa que é

muito direta em suas opiniões provavelmente levará seu marido a um silêncio passivo ou a uma ira ativa. É válido dizer: uma mulher, ao crer que deve orientar um homem a um novo comportamento, deve fazê-lo de uma forma que indique sua aprovação à liderança masculina. Isto é precisamente o que recomenda o apóstolo Pedro, em 1 Pedro 3.

A Visão Bíblica do Aspecto Complementar

Nos capítulos seguintes, esperamos mostrar que a visão esboçada neste ensaio é uma visão bíblica; não é um quadro perfeito, sem dúvida, mas um quadro fiel. Esta é a maneira como Deus intencionou que fosse, antes mesmo de haver qualquer pecado no mundo: o homem sem pecado, com sua liderança terna e forte em relação à mulher; e a mulher sem pecado, em seu feliz apoio à liderança do homem. Nenhum desprezo da parte do homem, nenhuma humilhação por parte da mulher. Dois seres inteligentes e humildes, em bela harmonia, vivendo suas responsabilidades únicas.

O pecado distorceu este propósito em todos os aspectos. Não somos mais sem pecado. Mas cremos que a recuperação da masculinidade e da feminilidade madura é possível, pelo poder do Espírito de Deus, pela fé em suas promessas e pela obediência à sua Palavra.

No lar, quando um marido lidera como Cristo e uma esposa reage como a noiva de Cristo, há harmonia que é tanto bela quanto satisfatória. Liderança bíblica é o chamado divino para o marido assumir, à semelhança de Cristo, a responsabilidade pela liderança, proteção e provisão do seu próprio lar. Submissão bíblica para a esposa é o chamado divino para honrar e apoiar a liderança de seu marido e ajudá-lo a realizá-la de acordo com os seus dons. Este é o caminho da felicidade, pois Deus ama o seu povo e quer a sua própria glória. Portanto, quando seguimos a orientação dEle a respeito do casamento (esboçada em textos como Gênesis 2.18-24; Provérbios 5.15-19; 31.10-31; Marcos 10.2-12; Efésios 5.21-33; Colossenses 3.18-19; e 1 Pedro 3.1-7) ficamos muitíssimo satisfeitos, e Ele é muitíssimo glorificado.

O mesmo é verdade quanto ao desígnio de Deus para a liderança da igreja. As realidades da liderança e da submissão no casamento têm seus paralelos na liderança da igreja. Assim Paulo fala de autoridade e submissão em 1 Timóteo 2.11-12. Vamos tentar mostrar que "autoridade" se refere ao divino chamado a homens espirituais e dotados, para assumirem responsabilidade primária como pastores na liderança e no ensino da igreja. E "submissão" refere-se ao chamado divino ao restante da igreja, tanto homens como mulheres, para honrarem e apoiarem a liderança e o ensino dos pastores; e se equiparem, através deles, para as centenas de ministérios disponíveis a homens e mulheres no serviço de Cristo.

O último ponto é muito importante. Para os homens e mulheres que têm um coração preocupado com o ministério — no salvar almas e sarar vidas arruinadas, no resistir ao mal e atender as necessidades — há um campo de oportunidades que é simplesmente ilimitado. Deus pretende que toda a igreja seja mobilizada para o ministério, homens e mulheres. Ninguém deve ficar em casa assistindo novela ou jogo de futebol, enquanto o mundo pega fogo. Deus quer equipar e mobilizar os santos, através da comunhão com homens espirituais que assumem responsabilidade primária pela liderança e o ensino, na igreja.

A palavra "primária" é muito importante. Indica que há diferentes tipos e níveis de ensino e liderança, os quais não são responsabilidade unicamente de homens (Tito 2.3; Provérbios 1.8; 31.26; Atos 18.26). A masculinidade madura buscará promover o envolvimento ministerial, que desenvolve os dons de todo homem e mulher cristãos e honra a ordem, definida por Deus, de liderança por meio de homens espirituais.

Há muitas vozes, hoje, que afirmam conhecer uma forma melhor de mobilizar homens e mulheres para a missão da igreja. Mas, cremos que a masculinidade e a feminilidade se entrelaçam melhor no ministério quando os homens assumem a responsabilidade primária pela liderança e o ensino na igreja. Masculinidade e feminilidade são mais bem preservados, mais bem nutridos, mais bem realizados e mais frutíferos nesta ordem eclesiástica do que em qualquer outra.

Se eu tivesse de apontar um pecado que hoje devasta a humanidade, não seria o tão falado movimento feminista, mas a falta de liderança espiritual dos homens, no lar e na igreja. Satanás conseguiu uma impressionante vitória tática, ao disseminar a noção de que a chamada à liderança masculina nasce do orgulho e da decadência, quando de fato o orgulho é precisamente o que impede a liderança espiritual. A falta de propósito espiritual, a fraqueza, a letargia e a falta de fibra entre os homens é a questão maior, e não a busca feminina por cargos de liderança, tanto na igreja como em outras áreas do viver diário.

Orgulho e autopiedade, medo, preguiça e confusão estão induzindo muitos homens a casulos de silêncio. Isto abre espaço para as mulheres assumirem mais liderança. Isto, às vezes, é endossado como uma virtude; porém, creio que no fundo os homens — e as mulheres — sabem que não é correto.

Onde estão os homens com uma visão moral por suas famílias, um zelo pela casa do Senhor, um compromisso com o avanço do reino de Deus, um sonho pela missão da igreja e uma tenacidade para fazer disso uma realidade?

Quando o Senhor nos visitar do alto e criar um poderoso exército de homens espirituais, comprometidos com a Palavra de Deus e com a missão global da igreja, a grande maioria das mulheres se regozijará com a liderança destes homens. Homens e mulheres entrarão em uma alegre parceria que sustenta e honra o belo padrão bíblico de masculinidade e feminilidade maduras.

2

Igualdade Masculino-Feminina e Liderança Masculina

Gênesis 1 a 3

Raymond C. Ortlund, Jr.

Qual a razão para voltarmos aos primeiros três capítulos da Bíblia, se nossa preocupação é a masculinidade e a feminilidade hoje? Porque, a interpretação de Gênesis influencia toda a discussão sobre o que a Bíblia ensina a respeito deste assunto. De uma forma ou outra, todos os textos bíblicos sobre masculinidade e feminilidade têm de ser interpretados consistentemente com estes capítulos. Eles estabelecem o próprio fundamento da masculinidade e da feminilidade bíblicas.

Meu propósito neste ensaio é demonstrar, a partir de Gênesis 1 a 3, que tanto a igualdade masculino-feminina como a liderança masculina foram instituídas por Deus, na criação, e continuam como aspectos permanentes da existência humana.

Deixe-me definir a *igualdade masculino-feminina*:

> HOMEM E MULHER SÃO IGUAIS NO SENTIDO QUE PORTAM IGUALMENTE A IMAGEM DE DEUS.

Deixe-me também definir *liderança masculina*:

> NA PARCERIA ENTRE O HOMEM E A MULHER, O HOMEM TEM A PRINCIPAL RESPONSABILIDADE DE LIDERAR, EM UMA DIREÇÃO QUE GLORIFICA A DEUS.

O modelo de liderança é nosso Senhor, o Líder (Cabeça) da igreja, que se entregou por nós. Observe como dominação

masculina é o oposto de liderança masculina. Dominação masculina é a imposição da vontade do homem sobre a vontade da mulher, independentemente de sua igualdade espiritual, seus direitos e seu valor.

Esta distinção entre a liderança e a dominação masculina é da maior importância, pois feministas evangélicos normalmente não vêem diferença alguma. Eles argumentam que Deus criou homem e mulher como iguais, sem definir a liderança masculina. De acordo com o ponto de vista deles, a dominação/liderança masculina foram impostas sobre Eva, como uma penalidade por sua participação no primeiro pecado.

Mas, será que a Bíblia afirma isso? Vamos olhar para os dois primeiros capítulos de Gênesis e ver o que Deus pretendia ao instituir a masculinidade e a feminilidade na criação. Depois estudaremos Gênesis 3 e veremos exatamente o que Deus decretou como punição em consequência da queda no pecado.

Gênesis 1.26-28

No versículo 26, Deus anuncia sua intenção de fazer o homem.

> Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Esta proclamação divina é sem paralelo no relato da criação; ela coloca a criação do homem à parte, como um evento especial. Deus está compartilhando sua imagem e domínio com uma mera criatura.

O versículo 26 ensina três formas de grandeza do homem. Primeiro, Deus diz: "Façamos o homem". Na criação do homem, Deus agiu direta e pessoalmente. Segundo, o homem foi criado para portar a imagem ou a semelhança de Deus. Ser a imagem de Deus é refletir sua santidade. Deus compartilhou sua imagem apenas com o homem. O homem é singular e encontra sua identidade acima, em Deus; e não abaixo, nos animais. A terceira

indicação de grandeza do homem é seu chamado especial: "Tenha domínio". A posição do homem é entre Deus (acima) e os animais (abaixo), como governador da criação e representante de Deus.

No versículo 27, Deus realiza seu propósito e cria o homem. Observe como Moisés muda de prosa para poesia:

> Criou Deus, pois, o homem à sua imagem,
> à imagem de Deus o criou;
> Homem e mulher os criou.

Cada uma destas três linhas explica um aspecto da criação. A linha um afirma a criação divina do homem: Viemos de Deus. A linha dois focaliza a imagem divina no homem: Temos uma semelhança com Deus. A linha três ousadamente afirma a sexualidade do homem: Somos ou homem ou mulher. Moisés, sem dúvida, pretende se referir à igualdade de valor, independentemente do sexo, pois tanto o homem como a mulher expõem a glória da imagem de Deus com igual brilho.

Finalmente, no versículo 28, Deus pronuncia sua bênção sobre o homem.

> E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

Observe como "Deus os abençoou e lhes disse". Com o homem e a mulher igualmente, sem distinção, Deus compartilha um relacionamento "Eu-Tu". Com sua bênção, o Criador também os autoriza a cumprirem juntos sua missão de dominar a criação inferior.

Para resumir, o homem foi criado como realeza no mundo de Deus; homem e mulher, ambos, portando a glória divina igualmente.

A maioria dos feministas evangélicos concordaria entusiasticamente com esta interpretação. Gênesis 2 e 3 são mais polêmicos. Mas desafio um ponto da interpretação feminista, antes de seguir para o capítulo dois. Ao comentar sobre o

versículo 26, Gilbert Bilezikian observa que Deus utiliza a palavra "homem", para se referir a ambos, homem e mulher. Ele escreve:

> A designação "homem" é um termo genérico para "ser humano" e engloba tanto o gênero masculino como o feminino.

Realmente, este é um fato impressionante. Deus chama a raça humana de "homem". Por que Deus faria tal coisa? Certamente Deus foi sábio e proposital nesta decisão, como o é em todas as suas decisões. Que aspecto da realidade poderia Deus estar apontando? Bilezikian continua:

> Então, quando Deus declara: "Façamos o homem à nossa imagem", o termo "homem" se refere tanto ao ser masculino como ao feminino. Tanto homem como mulher são portadores da imagem de Deus. Não há base em Gênesis para se confinar a imagem de Deus apenas aos representantes masculinos da humanidade.

Quem, eu pergunto, está ensinando que somente os homens portam a imagem de Deus? Nenhum colaborador, nesta obra, dirá isso. Não apenas Bilezikian levantou uma questão inexistente, como também deixa de explicar o que realmente diz o versículo 26.

Como podemos entender a decisão de Deus em descrever a raça humana desta maneira? Deixe-me sugerir que, ao chamar à raça de "homem", Deus está mencionando a liderança masculina. Deus não chamou a raça humana de "mulher"; se "mulher" fosse o termo mais apropriado, sem dúvida Deus o teria usado. Ele nem mesmo utiliza um termo neutro como "pessoas". Ele disse "homem", referindo-se à liderança masculina, claramente expressa no capítulo dois.

Gênesis 2.18-25

Há um paradoxo no relato da criação. Enquanto Gênesis 1 ensina que Deus criou homem e mulher à sua imagem igualmente, Gênesis 2 acrescenta que Ele fez o homem como o cabeça e a mulher como a ajudadora. Este desenrolar é muito significativo.

O que emerge claramente de Gênesis 2 é que a igualdade de homens e mulheres não consiste em semelhança absoluta. Homem e mulher são espiritualmente iguais, como portadores da imagem de Deus; mas ambos têm uma identidade sexual distinta. Esta distinção bela e profunda (que alguns desprezam como "uma mera questão de anatomia") não é uma trivialidade biológica ou acidental. Ela existe porque Deus deseja que os homens sejam homens e as mulheres sejam mulheres.

Nós mesmos podemos sentir intuitivamente a importância disto quando vemos, por exemplo, um travesti. Um homem tentando ser uma mulher nos causa repulsa. Sabemos que se trata de uma perversão. A confusão sexual é um problema pessoal significativo; portanto, não é irrelevante. Isto porque a nossa identidade sexual define quem somos, determina porque estamos aqui e indica como Deus nos chama para servi-Lo.

Deus não tem a intenção de ofuscar as distinções sexuais a favor da igualdade ilimitada. Ele sabiamente faz cada um de nós de acordo com o seu parecer. Por isso, há distinções e diferenças entre nós. Mas a igualdade que a Bíblia afirma é que, em termos de valor e dignidade, somos todos iguais; este tipo de igualdade abrange toda a raça humana — homens, mulheres e crianças. Somos todos portadores da imagem de Deus. Esta é nossa única igualdade diante de Deus. Um critério para avaliar nossa sabedoria, como portadores da imagem de Deus, é se compartilhamos ou não com Deus desta perspectiva. Um fator que indica se nos reconciliamos ou não com Deus, em Cristo, é se seus decretos soberanos nos levam a responder com adoração ou com ressentimento.

Como, então, Gênesis 2 ensina as paradoxais verdades da igualdade masculino-feminina e da liderança masculina? Os versículos cruciais são 18 a 25, mas, primeiro, vamos estabelecer o contexto.

Deus criou Adão (2.7) e o pôs no jardim do Éden, para que o cultivasse e guardasse (2.15). Deus deu-lhe uma ordem dupla. Primeiro, o homem recebeu a ordem de comer livremente das árvores que Deus criara (2.16). Segundo, o homem recebeu a ordem de não comer de uma das árvores, para que não morresse

(2.17). Aqui vemos tanto a abundante generosidade de Deus como a responsabilidade moral do homem. O homem tinha de viver dentro do amplo, mas não irrestrito, círculo ordenado por Deus. Para o homem, pular fora daquele círculo e tentar uma existência autônoma seria sua ruína.

Esse é o cenário, e, ao chegarmos ao versículo 18, somos surpreendidos:

> Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.

No jardim do Éden, em meio a toda esta perfeição fenomenal, há algo errado. O homem não pode ficar só. Deus pôs o dedo na única deficiência existente no Paraíso. O homem precisava "de uma auxiliadora idônea".

Para nossa surpresa, porém, Deus não criou esta ajudadora imediatamente. Em vez disso, fez os animais desfilarem diante do homem para que este lhes desse nome (2.19-20). Por quê? Porque o homem ainda não vira o problema de sua solidão. Assim, Deus lhe deu a tarefa de nomear os animais, dando um nome apropriado a cada um, de acordo com a natureza particular deles. Através deste exercício, o homem começou a entender que não havia, no jardim, nenhuma criatura que compartilhasse de sua natureza. Descobriu não apenas sua superioridade singular sobre os animais, mas também descobriu sua solidão no mundo. Podemos imaginar isso como um doloroso anseio, no interior do homem, pela companhia de outra criatura de seu nível.

E, então, Deus realiza a primeira cirurgia (2.21-22). Imagine a cena: quando o último animal passa e recebe o seu nome, o homem se vira com um traço de perplexidade e tristeza no rosto. Deus diz: "Filho, quero que você deite. Agora feche os olhos e durma". O homem cai em profundo sono. O Criador opera, abrindo o lado do homem e removendo uma costela; Ele fecha o corte e forma a mulher. Lá está ela, perfeitamente maravilhosa e singularmente adequada à necessidade do homem. O Senhor diz-lhe: "Filha, quero que você fique, em pé, ali. Eu já volto". Ela obedece. Então Deus toca no homem e diz: "Acorda, filho. Tenho mais uma criatura para você dar nome.

Gostaria de saber o que acha desta". Deus a leva até Adão, que a cumprimenta com alívio rapsódico (2.23):

> Esta, afinal, é osso dos meus ossos
> e carne da minha carne;
> chamar-se-á varoa,
> porquanto do varão foi tomada.

Estas são as primeiras palavras humanas registradas, e são poesia. O que expressam? A alegria do primeiro homem ao receber o dom da primeira mulher: "Esta criatura somente, Pai, dentre todas as outras, finalmente atende minha necessidade de companhia. Ela somente é igual a mim, minha própria carne. Eu me identifico com ela e a amo. Eu a chamarei mulher, pois ela veio do homem". O homem percebe a mulher não como sua rival mas como sua companheira, não como uma ameaça mas como a única capaz de realizar seus desejos íntimos.

Este evento primário explica porque vemos homens e mulheres se unindo hoje, como Moisés ensina no versículo 24: "Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne". Tudo começou no jardim do Éden. O casamento não é um costume humano, variável de acordo com a mudança dos tempos; é uma instituição divinamente criada e definida, em Gênesis 2, para todos os tempos e todas as culturas.

E o que significa o casamento? O que distingue esta instituição social? Moisés explica que o casamento é unir de novo o que era originalmente uma só carne — mas, agora, de uma forma muito mais satisfatória (com isto todos nós concordamos). Mas, a relação em "uma só carne" envolve mais do que sexo; é a fusão de duas vidas em uma; é consentir em compartilhar a vida juntos, através do pacto do casamento; é a completa entrega de si mesmo a um novo círculo de existência, ao lado de um companheiro.

Uma Ajudadora Idônea

No contexto desta notável frase, "uma auxiliadora idônea" (2.18,20), encontramos o paradoxo da masculinidade e da

feminilidade. Por um lado, a mulher somente, dentre todas as criaturas, era "idônea" ao homem. Ela somente era igual a Adão. Por outro lado, a mulher é a ajudadora do homem. O homem não foi criado para ajudar a mulher, mas o inverso. Este fato marcante sugere que a masculinidade e a feminilidade são distintas e irreversíveis.

Assim, Eva era igual a Adão? Sim e não. Era igual a ele no aspecto espiritual e, diferentemente do animais, "idônea" a ele. Mas, não era exatamente igual a ele, visto ser sua "auxiliadora". Note que Deus criou o homem e a mulher de forma diferenciada. A masculinidade e a feminilidade identificam seus respectivos papéis. Conforme Deus determinou, o homem, em virtude de sua masculinidade, é chamado para liderar; e a mulher, em virtude de sua feminilidade, é chamada para ajudar.

Isto é um insulto ou uma ameaça às mulheres? De modo algum, porque *Eva era igual a Adão, no único sentido em que a igualdade é significativa.* A mulher é tão dotada quanto o homem, "com todos os atributos necessários para a aquisição da sabedoria, justiça e vida". Num sentido paralelo, um membro de igreja tem tanta oportunidade de alcançar importância verdadeira quanto o pastor da igreja; mas o pastor deve liderar, e o membro deve apoiar. Não há razão para alguém sentir-se ofendido.

Por que então algumas pessoas, crentes consagrados, resistem tão energicamente a este ensinamento? Uma razão é a sufocante dominação masculina, imposta em nome da liderança masculina. Quando se abusa da verdade, uma posição rival pode assumir grandes proporções. Mas, observe: dominação masculina é uma falha pessoal e moral, não uma doutrina bíblica.

Se tentarmos identificar a nós mesmos fundamentando-nos em experiências más do passado, estaremos sempre transformando nossa antiga dor em nova dor no presente. Devemos identificar a nós mesmos não pela ofensa pessoal recebida, mas pelo padrão ensinado nas Sagradas Escrituras.

O paradoxo de Gênesis 2 também é visto no fato que a mulher foi feita do homem (demonstrando sua igualdade) e para o homem (demonstrando sua diferença). Deus não fez ambos, Adão e Eva, do pó da terra. Tampouco criou primeiro a mulher

e depois, o homem. Ele poderia tê-los criado de uma dessas maneiras, mas não o fez. Por quê? Porque isso teria escondido a própria natureza da masculinidade e da feminilidade, a qual Ele tencionava deixar clara.

Outra indicação do paradoxo é que Adão recebe bem a Eva, como lhe sendo igual ("osso dos meus ossos e carne da minha carne"); entretanto, também lhe dá um nome ("chamar-se-á varoa"), pois Deus o havia encarregado de nomear as criaturas. E a prerrogativa de líder se manifesta no fato de ter Deus permitido a Adão dar nome à sua ajudadora. No entanto, o nome que ele lhe dá, "mulher" (varoa), vem de seu reconhecimento instantâneo de ser ela o paralelo do "homem" (varão).

Observemos isto cuidadosamente. Adão a reconhece como feminina, diferente dele mesmo, e, ainda, como seu paralelo, igual a ele mesmo. De fato, contempla-a como sua própria carne. Deus permitiu a Adão identificar a mulher. Isto deixou clara a liderança de Adão sobre Eva. Por causa da identificação feita pelo homem, Eva encontrou sua própria identidade em relação a ele, como lhe sendo igual e sua ajudadora. Assim tanto Adão como Eva entenderam o paradoxo de sua relação desde o princípio.

Devemos ser plenamente capazes de aceitar esta verdade paradoxal. Os cristãos, dentre todas as pessoas, têm uma razão para conviver com paradoxos. Afinal, Deus existe como uma Divindade em três pessoas, iguais em glória mas diferentes em funções. Dentro da Santíssima Trindade, o Pai lidera e o Filho se submete a Ele. Isto faz parte da sublime beleza e lógica da Divindade. Se nosso Criador existe desta maneira, deveríamos estar surpresos e ofendidos se nós, suas criaturas, existimos em uma forma parecida?

Mas o que o feminismo evangélico tem a dizer sobre Gênesis 2? Temos visto que a palavra "auxiliadora" sugere o papel apoiador da mulher. Aida Bensanon Spencer argumenta, porém, que esta descrição de Eva "não implica de modo nenhum uma subordinação inerente". Ela alega que Deus mesmo é retratado nas Escrituras como nosso "Ajudador", como realmente Ele é. Ela raciocina que, "se a característica de ser 'alguém que ajuda' inerentemente implica em subordinação, então, nesse

caso, Deus seria subordinado aos homens!" Assim, ela sugere que Deus não pode estar subordinado aos seres humanos.

Mas é perfeitamente possível a Deus subordinar-Se, em certo sentido, aos seres humanos. Ele o faz, sempre que nos ajuda. Tal como me subordino a meus filhos, quando os ajudo com o dever de casa, assim acontece com Deus. Quando Ele ajuda o seu povo, Ele mantém sua gloriosa deidade, mas (surpreendentemente!) assume o papel de servo a fim de nos socorrer. Ele é o Deus que esvaziou-Se e desceu ao nosso nível — abaixo de nós, ao nível da servidão — para nos ajudar supremamente na cruz. Portanto, o fato de que o Velho Testamento retrata Deus como nosso Ajudador somente prova que o papel de ajudador é um papel glorioso, digno até mesmo do Todo-Poderoso. A subordinação faz parte da própria natureza do papel de ajudador.

Os feministas comumente argumentam que subordinação significa degradação. De onde eles retiram esta idéia? O Filho de Deus é menosprezado por ter vindo fazer a vontade do Pai? A igreja é degradada por sua subordinação a seu Senhor? Os membros da igreja são prejudicados por serem submissos a seus pastores e presbíteros? As crianças perdem alguma coisa por serem submissas a seus pais?

Mas alguém dirá: "A hierarquia no casamento não reduz uma mulher ao *status* de escrava?" De modo algum. Existe um relacionamento de autoridade no casamento, assim como na Trindade, no Corpo de Cristo, na igreja e na família. Isto não reduz todas estas relações à lógica da escravidão. Os feministas parecem estar deduzindo que, pelo fato de certo tipo de subordinação ser degradante, toda subordinação dever ser necessariamente degradante. Ao contrário, o que a Bíblia requer é que o líder respeite aquele que o auxilia como uma pessoa igualmente significativa, que porta a imagem de Deus.

O Engano de Eva em Gênesis 3

Aqueles que negam a criação da liderança masculina, em Gênesis 1 e 2, frequentemente argumentam, em Gênesis 3, que Deus impôs a liderança/dominação masculina (sem nenhuma

distinção permitida) sobre a mulher após a queda no pecado. Eles continuam o seu argumento dizendo que a redenção em Cristo reverte este decreto e reinstitui a mulher em "plena igualdade" com o homem. Temos visto, porém, que Deus inseriu a liderança masculina (não a dominação masculina) na gloriosa ordem da criação. Nosso propósito é apresentar de forma suscinta a doutrina da masculinidade e da feminilidade ensinada em Gênesis 3, especialmente nos versículos 16 a 19.

Gênesis 3 é um dos capítulos cruciais da Sagrada Escritura. Se ele fosse subitamente removido da Bíblia, ela não faria mais sentido. A própria vida também não faria mais sentido. Se todos começamos na felicidade do Éden, por que a vida é tão dolorosa agora? Gênesis 3 explica o motivo. E, se algo saiu terrivelmente errado, temos qualquer esperança de restauração? Gênesis 3 nos dá a esperança.

Nos versículos 1 a 5, Satanás, mascarado no disfarce de serpente, conduz Eva a reconsiderar toda sua vida. Parafraseando e ampliando seu raciocínio:

> Rainha Eva, algo me incomoda. É verdade que Deus proibiu vocês de comerem de alguma destas árvores? Isso me deixa perplexa. Afinal, Ele não declarou que tudo era "muito bom"? Ele não colocou tanto você quanto o rei Adão na responsabilidade de tudo? Nosso amável Criador não imporia tão severa limitação a vocês, ou sim? Não entendo, Eva. Você poderia me explicar este problema?

Eva nunca soubera que havia um "problema". Mas a maliciosa pergunta da serpente a perturba e a leva a reavaliar sua vida nestes termos. Ela começa a sentir que a ordem de Deus precisa ser defendida:

> Temos permissão de comer destas árvores, serpente. Mas existe esta única árvore aqui, no centro do jardim, sobre a qual Deus disse: "Não comam dela; nem sequer a toquem, para não morrerem".

Deus realmente dissera: "Você pode comer livremente de qualquer árvore, com apenas uma exceção". Mas a incorreta

citação de Eva reduz a abundante generosidade de Deus ao nível de mera permissão: "Podemos comer das árvores". Daí em diante, o jardim já não parece o mesmo para Eva. A árvore da vida não está mais no centro (cf. 2.9). Eva nem sequer a menciona. Agora, em sua mente, a árvore proibida está no centro. A vida está adquirindo um senso novo e perigoso. Eva também aumenta a proibição de Deus, acrescentando: "vocês não podem tocá-la". Em sua mente, a limitação cresce em importância. Ao mesmo tempo, ela suaviza o tom da ameaça de punição: "Vocês certamente morrerão", torna-se mais fraco — "para não morrerem".

Diante do enfraquecimento da visão de Eva a respeito das consequências do pecado, a serpente explora este ponto: "É certo que não morrereis". Agora percebemos que o diabo não estava à busca de informação, de modo algum. Ele sabe exatamente o que Deus disse. Então, a serpente finge deixar Eva ciente de um importante segredo:

> Eva, vou lhe fazer um favor. Lamento ser aquele que vai lhe contar isso, mas você merece saber. Deus tem um motivo além do amor para esta proibição. A verdade é que Deus quer lhes prender, frustrar seu potencial. Você não compreende que Deus tem o conhecimento do bem e do mal? Ele sabe o que vai melhorar suas vidas e o que vai arruiná-las. Sabe também que este fruto dará a vocês esse mesmo conhecimento, de modo que vocês crescerão a um nível de domínio e entendimento semelhante ao dEle. Eva, pode ser um choque para você, mas Deus está escondendo algo de vocês. Ele não é seu amigo; Ele é seu rival.
>
> Agora, Eva, você tem de superá-Lo. Sei que este jardim parece bastante agradável; mas realmente, isso é um gigantesco esquema para mantê-los em seu lugar, porque Deus se sente ameaçado pelo que vocês dois poderiam se tornar. Esta árvore, Eva, é sua única chance de alcançar seu potencial. De fato, Eva, se vocês não comerem desta árvore, vocês certamente morrerão!

Foi uma mentira suficientemente grande para reinterpretar toda a vida e foi suficientemente atraente para redirecionar a lealdade de Eva, de Deus para si mesma. A mentira lhe disse

que a obediência é como um mergulho suicida, que a humildade é humilhante e que o serviço é servidão. Assim Eva começou a sentir a ofensa de uma injustiça que, na realidade, não existia.

Havendo implantado a mentira na mente de Eva, a serpente agora fica calada e deixa que a nova percepção da realidade que Eva possui tome seu próprio curso (3.6). Podemos imaginar quais foram seus pensamentos:

> Este fruto não parece mortal, parece? De fato, me dá água na boca! Como um Deus bom proibiria uma coisa tão boa? Como um Deus justo o colocaria bem aqui, na nossa frente, e depois esperaria que nos negássemos seus prazeres? Também ele é intrigantemente belo. E com o discernimento que ele oferece, pode nos libertar da dependência do nosso Criador. E quem sabe? Se Deus descobrir que agora sabemos de seu plano, tirará daqui a árvore e ficaremos estancados nesta prisão para sempre? Vamos comer o fruto agora, enquanto temos a chance!

Após sua descrição detalhada do engano de Eva, Moisés descreve o verdadeiro ato do pecado de Adão e Eva com muita simplicidade: "Tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu" (3.6b).

Note bem o que o texto diz, pois o que aconteceu é cheio de significado. Eva usurpou a liderança de Adão e levou-o a pecar [ela pegou o "fruto e comeu, e deu também ao marido"]. Adão (aparentemente) havia estado passivo, permitindo que o engano prosseguisse, sem qualquer intervenção. Ele abandonou sua responsabilidade como líder. Eva foi enganada. Ambos estavam errados e juntos arrastaram a raça humana para o pecado e a morte.

Não é impressionante que tenhamos caído numa situação de inversão de papéis? Vamos repetir esta confusão para sempre? Vamos permitir que esse erro, que Deus condenou desde o início, seja institucionalizado até mesmo na igreja?

É importante notar, em Romanos 5.12-21, que apesar de Adão e Eva terem caído juntos em pecado, Paulo culpa Adão pela nossa queda? Por que Paulo não culpa tanto Adão como

Eva? Por que Deus chama Adão, indagando-lhe: "Onde estás?" (Gênesis 3.9)? Por que Deus não convocou a ambos, Adão e Eva, para prestarem contas juntos? Como líder nomeado por Deus, Adão tinha a responsabilidade primária de liderar sua esposa em uma direção que glorificaria a Deus.

Isto pode explicar porque Satanás se dirigiu à mulher e não ao homem. O chamado de Eva era para ajudar a Adão como segunda autoridade no governo do mundo. Se os papéis fossem invertidos, se Eva tivesse sido criada primeiro e depois Adão como ajudante, a serpente teria sem dúvida se aproximado de Adão. De fato, Eva não era moralmente mais fraca do que Adão. Entretanto, Satanás estava atacando a liderança do homem. Suas palavras tiveram o efeito de convidar Eva a assumir a responsabilidade primária, no momento da tentação: "Você decide, Eva. Você lidera. Você não prefere estar exercendo liderança?" Tal como o próprio Satanás caíra por causa deste mesmo tipo de raciocínio, assim usou-o com grande efeito sobre Eva. Presumivelmente, ela acreditou que poderia gerenciar a parceria para a vantagem de Adão e dela mesma. Adão, em contraste, ao abandonar sua liderança, afrontou deliberadamente a Deus.

O que Deus Declarou na Queda

Como a queda no pecado afetou a ordem perfeita que Deus criara ao definir as funções do homem e da mulher? O que Ele declarou como nossa punição?

Quando confrontado por Deus, Adão não mentiu. Apenas transferiu a culpa para Eva: "Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (3.12). Por que a resposta evasiva de Adão parece hipócrita? Porque, reconhecemos, ainda que intuitivamente, Adão teve a responsabilidade pelo que aconteceu. Eva, quando questionada, pôde apenas balançar a cabeça e admitir: "A serpente me enganou" (3.13).

Nos versículos 14 e 15, Deus amaldiçoa a serpente, condenando-a a humilhação e a derrota final, sob a vitoriosa descendência da mulher. Nossa única esperança, como uma raça

arruinada, é a misericordiosa promessa, feita por Deus, de derrotar nosso inimigo; e isto Ele realizou através de Cristo.

No versículo 16, Deus determina uma justa sentença com relação à mulher:

> Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz a filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.

A sentença divina é dupla. Primeiro, como mãe, a mulher sofrerá em relação a seus filhos. Ela ainda poderá dar à luz; isto é a misericórdia de Deus, providenciando os meios pelos quais Ele cumprirá sua sentença de morte sobre a serpente. Mas a mulher sofrerá com o parto. Esta é a punição de Deus por seu pecado. O novo elemento em sua experiência, então, não é o parto, mas a dor do parto.

Em segundo lugar, como esposa, a mulher sofrerá em relação a seu marido. Deus a entrega a um desejo de impor sua vontade sobre o seu marido. Por ter usurpado a liderança do marido, na tentação, Deus a entrega à miséria da competição com aquele que, por direito, é seu líder. Isto é justiça, uma resposta na proporção do seu pecado.

A medida exata de seu sofrimento conjugal poderia ser avaliada em uma destas duas formas. Primeiro, Deus pode estar dizendo: "Você terá um desejo, Eva. Você desejará controlar seu marido. Mas ele não deve permitir que você imponha sua vontade sobre ele. Ele deve liderar você". Se é este o sentido, então Deus está exigindo que o homem aja como o líder, tal como Deus o fez, sem deixar-se vencer sob a pressão pecaminosa de sua esposa.

Segundo, Deus pode estar dizendo: "Você terá um desejo, Eva. Você desejará controlar seu marido. Mas ele não permitirá que você imponha sua vontade sobre ele. Ele dominará sobre você". Se este é o verdadeiro sentido, então, ao entregar a mulher a seu desejo insubordinado, Deus a penaliza com a dominação da parte de seu marido.

Contudo, qualquer que seja o sentido exato de Gênesis 3.16, nada pode mudar o fato que Deus criou a liderança

masculina, como um aspecto de nossa perfeição, antes da queda. Assim, enquanto muitas mulheres hoje precisam de libertação da dominação masculina, a solução verdadeira não é a rivalidade feminina ou a autonomia, mas a liderança masculina amorosa combinada com a ajuda feminina. A salvação cristã não redefine a criação; ela restaura a criação de modo que as esposas aprendem submissão santa e os maridos aprendem liderança santa.

Em 3.17-19, Deus decreta seu juízo sobre Adão:

> Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.

Deus entrega Adão à dolorosa tentativa de obter seu sustento da terra amaldiçoada. Observe quatro coisas no texto. Primeiro, o trabalho não é a punição de Adão, assim como o dar à luz não foi a punição de Eva. O novo elemento é sua dor ao trabalhar na terra e, em última análise, o seu fracasso nisso. Pois, após uma vida de sobrevivência pelo suor de seu rosto, o chão, de onde Adão fora criado, o engoliria, na morte.

O segundo ponto importante é o fundamento lógico que Deus possui para esta punição. Deus não diz: "Porque comeste da árvore". Deus diz: "Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore". Adão pecou em dois níveis. Em um nível, ele desafiou a ordem divina (2.17). Isso é óbvio. Mas Deus vai mais além. Em outro nível, Adão pecou por "ouvir sua mulher". Ele abandonou sua liderança. De acordo com a avaliação de Deus, esta falha moral conduziu Adão à sua ruína.

O terceiro ponto interessante é o fato de que Deus se dirige a Adão com a frase introdutória: "Visto que atendestes a voz..." Deus não se dirigira a Eva desta maneira, mas Deus proclama esta acusação formal contra Adão antes de sentenciá-lo. Por quê? Adão era o líder, o membro responsável pelo casal. Sua desobediência, e não a desobediência de Eva, foi o fator central

na queda. Observe isto. Deus afirma: "É por sua causa, Adão, que o solo é maldito" (v. 17). Deus não diz: "É por causa de vocês dois, Adão e Eva", como se eles compartilhassem de igual responsabilidade.

O quarto ponto saliente é que Deus anunciou somente a Adão que ele morreria. Mas Eva também morreu. Por qual motivo, então, Deus pronunciou a sentença de morte apenas sobre Adão? Porque, tal como é a cabeça, assim é o membro.

Através destes oráculos temíveis, mas esperançosos, Deus molda para nós a existência que todos compartilhamos hoje. Sob estas condições, nossa dor nos alerta sobre uma grande verdade: esta vida não é a nossa realização. Esta vida não tem o propósito de ser uma experiência final. Nossa dor aponta para Deus, o eterno, em quem repousa nossa verdadeira realização.

Penso que Adão entendeu esta verdade. Em vez de fugir, em amargura e desespero, da justiça de Deus, Adão se vira para sua mulher e declara: "Creio nas promessas de Deus. Ele não nos abandonou completamente. Ele nos dará a vitória final sobre nosso inimigo e novamente nos regozijaremos na riqueza e plenitude da vida em Deus. E, uma vez que você é a mãe de todos os que viverão de verdade, eu lhe dou um novo nome — Eva, a que vive. Creio em Deus e honro a você". Em contraste com as palavras cruéis e incisivas do versículo 12, Adão abraça Eva com amor, e eles se unem novamente em fé e esperança.

Depois de estudar esta passagem profunda e comovente e verificar o seu conteúdo, acho deprimente ler os comentários feministas. Eles deturpam a verdade e beleza deste texto. Por exemplo, Bilezikian escreve:

> A queda havia gerado dois males gêmeos: o sofrimento da mulher e o trabalho sofrido do homem. Como resultado da obra de Satanás, o homem era agora senhor sobre a mulher, assim como a terra era agora senhora sobre o homem. Por estas razões, é apropriado considerar tanto a dominação masculina como a morte como antitéticas ao intento original de Deus na criação. Ambas são o resultado do pecado, este próprio instigado por Satanás. Sua origem é satânica.

Eu respondo de duas formas. Primeiro, Bilezikian apresenta mal o ponto de vista tradicional. Nesta passagem, os intérpretes conservadores não defendem a "dominação masculina" opressiva. Defendem a liderança masculina destituída de egoísmo, em que o homem se propõe a assumir servir sua mulher e sua família, provendo a liderança que glorificará a Deus e os beneficiará. A liderança chama a nós, homens, a gastarmos nossas vidas em favor de nossas famílias.

Em segundo lugar, se Bilezikian continua a argumentar que o exercício da liderança masculina é satânico, então preciso concluir que ele está profundamente enganado. Na conclusão de sua obra, ele se refere à "repugnante prática pagã em que um cônjuge exerce domínio sobre outro". Se o mero exercício de liderança é repulsivo e indicador de paganismo (e presumivelmente, também satânico), então, também é repulsivo quando um pai exerce autoridade sobre seu filho? Pode ser. Mas deveria ser? É indicador de paganismo quando o pastor de uma igreja exerce autoridade sobre um membro de sua igreja? Pode ser. Mas deveria ser? É satânico quando Cristo exerce autoridade sobre sua igreja? Isso não pode ser! Sua liderança sobre nós é a nossa salvação.

Segue-se, portanto, que a repulsa e o paganismo evidentes em outras relações deve ser culpa não do exercício de autoridade em si mesmo, mas do abuso do exercício de autoridade. A origem da miséria conjugal não se deve à liderança masculina, a qual Deus criou para nos abençoar, mas a uma multidão de outros fatores provenientes do pecado.

Conclusão

A igualdade masculino-feminina e a liderança masculina, corretamente definidas, estão entretecidas na própria textura de Gênesis 1 a 3. Feministas não-evangélicos reconhecem isto e tentam criar um novo cânon, ou seja, um novo padrão de medida. Feministas evangélicos, porém, não podem fazer isso sem perder suas credenciais evangélicas; então, reinterpretam a Bíblia para satisfazer seus propósitos particulares. Não digo que fazem

isto conscientemente. Somente Deus conhece nossos pensamentos íntimos. Mas todos conhecemos a experiência devastadora de descobrir, para nossa consternação, que temos feito a Bíblia dizer coisas que realmente não diz. Fazer essa descoberta e depois mudar é simplesmente crescer na graça.

Qual deve ser a principal fonte da cegueira feminista evangélica com relação ao texto bíblico? Considere o seguinte princípio: não há relação necessária entre o papel pessoal e o valor pessoal. O feminismo nega este princípio. O feminismo insiste que o papel pessoal e o valor pessoal devem andar juntos. Em sua mente, uma limitação no papel reduz ou ameaça o valor pessoal. Mas por quê? Que lógica há em tal reivindicação? Por que minha posição deve ditar minha importância? O mundo pode raciocinar dessa forma. Porém, o evangelho nos ensina que nosso valor é medido pela nossa conformidade pessoal com Cristo. O absurdo do feminismo está em sua exigência irracional de que a mulher não pode ser "uma pessoa de valor" a menos que ocupe uma posição de liderança.

Ironicamente, o feminismo está fundamentado sobre o mesmo princípio no qual se fundamenta a dominação masculina: que a importância pessoal se mede de acordo com o grau na escalada, ou seja, que a oportunidade para realização pessoal se expande, ou se contrai, de acordo com o papel desempenhado. Segundo esta linha de raciocínio, o objetivo da vida se degenera em competição pelo poder. Não admira que tanto a dominação masculina como o feminismo estão destruindo as pessoas!

Em nome de Deus e alicerçado em Gênesis 1 a 3, rogo a meus leitores que reconsiderem a base de sua importância pessoal. Nossa glória encontra-se tão-somente na imagem de Deus, que está em nós, à medida que mais procuramos nos assemelhar ao caráter santo dEle; nosso valor é independente da posição que ocupamos nas diversas circunstâncias estabalecidas por Deus para a nossa vida.

3

O Que Significa Não Ensinar ou Ter Autoridade Sobre Homens?

1 Timóteo 2.11-15

Douglas Moo

O Novo Testamento deixa bem claro que as mulheres cristãs, como também os homens cristãos, receberam dons espirituais (1 Coríntios 12.7-11). Ambos devem usar estes dons para ministrar ao corpo de Cristo (1 Pedro 4.10). Seus ministérios são indispensáveis à vida e ao crescimento da igreja (1 Coríntios 12.12-26). Há muitos exemplos no Novo Testamento de tais ministérios da parte de mulheres cristãs agraciadas com dons. Para ser fiel ao Novo Testamento, então, a igreja contemporânea precisa honrar os variados ministérios de mulheres e encorajá-las a buscá-los.

Mas o Novo Testamento coloca alguma restrição ao ministério de mulheres? Desde os primeiros dias da igreja apostólica, a maioria dos cristãos sinceros têm crido assim. Uma razão importante pela qual eles têm pensado desta forma é o ensino de 1 Timóteo 2.8-15:

> Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas). A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que

> exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso.

A igreja tem se mostrado correta ao pensar que esta passagem impõe certas restrições ao ministério das mulheres? Certamente é o que a passagem parece dizer. As mulheres não devem ensinar ou ter autoridade sobre os homens. Não devem fazer isso por causa da sequência em que Deus criou o homem e a mulher e por causa de como eles caíram em pecado.

Porém, muitos em nossos dias pensam que esta passagem não requer que a igreja contemporânea limite o ministério das mulheres. Outros pensam que ela deve limitar somente certas mulheres, em alguns ministérios e em certas circunstâncias. Assim, há muitos cristãos sinceros que afirmam a inspiração e a autoridade das Escrituras, mas não pensam que 1 Timóteo 2.8-15 estabeleça qualquer restrição sobre o ministério das mulheres. Será que estão corretos? Terá sido a posição da igreja cristã nesta questão, por vinte séculos, o produto de um condicionamento cultural, do qual finalmente conseguimos nos livrar?

Este não é o nosso pensamento. Pensamos que 1 Timóteo 2.8-15 impõe duas restrições ao ministério de mulheres: elas não devem ensinar doutrina cristã aos homens e não devem exercer autoridade diretamente sobre os homens na igreja. Estas restrições são permanentes e têm autoridade para direcionar a igreja em todos os tempos, lugares e circunstâncias. Neste ensaio, procuraremos justificar estas conclusões. Ao fazê-lo, estaremos particularmente preocupados em mostrar porque os argumentos em favor de outras interpretações não são convincentes.

O Cenário

Paulo escreveu esta primeira carta a seu cooperador Timóteo, para lembrá-lo de "como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo" (1 Timóteo 3.15).

Paulo enviou esta carta porque a igreja em Éfeso, onde Timóteo fora deixado, estava cercada por falsas doutrinas (1 Timóteo 1.3). Certas pessoas da igreja haviam se afastado do verdadeiro ensino do evangelho, tornando-se contenciosas e propagando doutrinas errôneas.

Muitas interpretações de 1 Timóteo 2.11-15 se baseiam fortemente na natureza daquela falsa doutrina, ao explicarem o que Paulo quer dizer nestes versículos. Não há nada errado com isto, em princípio; boa exegese sempre considera o contexto em que aparece o texto. Contudo, Paulo nos fala notavelmente pouco sobre as particularidades desta falsa doutrina. Isto significa que não podemos estar certos, de modo nenhum, quanto à natureza precisa dela. Vamos, então, nos aproximar com cautela. Em nossa exegese, vamos usar apenas aqueles aspectos da falsa doutrina que podem ser claramente deduzidos das epístolas pastorais. Alguns dos aspectos especificamente relevantes a 1 Timóteo 2.11-15 são:

1. Os falsos mestres semeavam dissensão e estavam preocupados com trivialidades (1 Timóteo 1.4-6; 2 Timóteo 2.14,16-17,23-24; Tito 1.10; 3.9-11).

2. Os falsos mestres enfatizavam o ceticismo como um meio de adquirir espiritualidade. Ensinavam a abstinência de certos tipos de alimentos, do casamento e, provavelmente, de relações sexuais (1 Timóteo 4.1-3).

3. Os falsos mestres haviam persuadido muitas mulheres a segui-los em seus ensinos (1 Timóteo 5.15; 2 Timóteo 3.6-7).

4. Em 1 Timóteo 5.14 Paulo aconselhou às jovens viúvas que "se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa", isto é, a se ocuparem com os tradicionais papéis femininos. Este conselho foi dado porque algumas haviam se desviado, "seguindo a Satanás" (v. 15). Visto que Paulo classifica o falso ensinamento como demoníaco (1 Timóteo 4.1), é provável que este "desviar-se para seguir a Satanás" signifique seguir os falsos mestres. Os falsos mestres estavam incentivando as pessoas a se absterem do casamento e, muito provavelmente, estavam também incentivando as mulheres a descartarem o que poderíamos chamar de tradicionais papéis femininos, em favor de uma

abordagem mais igualitária a respeito dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres.

Comportamento Apropriado às Mulheres — Versículos 8-11

A fim de entendermos 1 Timóteo 2.11-15, precisamos voltar ao versículo 8, onde Paulo pede que "os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade". Este cuidado com relação à ira e à animosidade durante a oração é quase certamente causado pelo impacto do falso ensinamento na igreja, pois a divisão e a discórdia foram resultados óbvios de tal ensinamento (1 Timóteo 6.4-5).

Nos versículos 9-10 Paulo incentiva as mulheres cristãs a se ataviarem com "modéstia e bom senso" e com "boas obras", em vez de penteados sofisticados e roupas ostensivas. Esta exortação pode também ser dirigida contra o impacto da falsa doutrina em Éfeso. Pois vestido ostensivo, no mundo antigo, às vezes podia indicar uma mulher de moral frouxa e sua independência do marido. O problema tratado em 1 Coríntios 11.2-16 é da mesma natureza geral. Em Corinto, as mulheres cristãs estavam adotando um estilo de vestir (ou de penteado) que implicitamente proclamava sua independência de seus maridos.

Tendo lembrado a Timóteo que as mulheres cristãs deveriam se adornar com "boas obras", Paulo agora adverte sobre certas atividades que não se enquadram nesta categoria. No versículo 11, ele ordena que "a mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão". Paulo deseja que as mulheres cristãs aprendam, e isto é uma questão importante, pois tal prática não era, em geral, incentivada pelos judeus. Mas isto não significa que o fato de Paulo desejar que as mulheres aprendam seja o ponto principal desse texto. A preocupação de Paulo não é que elas devem aprender, mas a maneira como devem aprender: "em silêncio" e "com toda submissão".

Paulo está preocupado com que as mulheres aceitem o ensinamento da igreja pacificamente, sem crítica ou disputa. Evidentemente algumas mulheres não estavam aprendendo "em silêncio"; provavelmente haviam adquirido dos falsos mestres

os hábitos de contender. Por isso, o apóstolo exorta aquelas mulheres a aceitarem sem crítica o ensino dos líderes da igreja.

Entretanto, provavelmente há mais do que isto em questão. Há boa razão para pensarmos que o assunto no versículo 11 não é apenas submissão ao ensinamento da igreja, mas submissão de mulheres a seus maridos e, talvez, à liderança masculina na igreja. Isto é sugerido pelo uso que Paulo faz da palavra submissão. Submissão é a atitude apropriada dos cristãos para com aqueles que estão em autoridade sobre eles. Observe que este versículo é dirigido apenas a mulheres e que os versículos 12-14 focalizam o relacionamento dos homens com as mulheres. Isto nos inclina a pensar que a submissão em vista aqui é a submissão de mulheres à liderança masculina. Presumimos que as mulheres, em Éfeso, estavam expressando sua "liberação" de seus maridos ou de líderes na igreja, criticando e falando contra a liderança masculina. Paulo incentiva Timóteo a combater esta tendência, enfatizando o princípio da submissão das mulheres à liderança masculina apropriada.

Aida Besancon Spencer argumenta que o próprio fato de que mulheres deveriam aprender implica que deveriam eventualmente ensinar, visto que muitos textos antigos enfatizam que o propósito de se aprender é preparar alguém para ensinar. Mas é evidente que o incentivo para que as mulheres aprendam, em 1 Timóteo 2.11, não dá razão para imaginarmos que também deveriam se envolver em expor e aplicar a verdade bíblica aos homens. Além disso, aprender não leva necessariamente a uma atividade de ensino reconhecida oficialmente. Todos os homens judeus eram incentivados a estudar a lei; porém, nem todos se tornavam rabinos. Semelhantemente, todos os cristãos são incentivados a estudar as Escrituras; mas Paulo expressamente limita o "ensinar" a um número restrito de pessoas que têm o dom de ensinar (cf. 1 Coríntios 12.28-30).

A Proibição de Ensinar — Versículo 12

A frase "com toda a submissão" é a conexão entre a ordem, no versículo 11, e as proibições, no versículo 12.

Podemos parafrasear a transição desta forma: "Deixe que as mulheres aprendam em silêncio e em completa submissão; mas completa submissão também significa que eu não permito que uma mulher ensine ou exerça autoridade sobre um homem". O versículo 12 é o foco da discussão desta passagem, pois através dele Paulo proibiu as mulheres em Éfeso de se engajarem em certos ministérios designados aos homens.

Ao proibir que as mulheres ensinem, o que exatamente Paulo está proibindo? A palavra *ensinar*, no Novo Testamento, denota a cuidadosa transmissão da verdade a respeito de Jesus Cristo e a proclamação com autoridade da vontade de Deus para os crentes à luz daquela verdade (ver especificamente 1 Timóteo 4.11; 2 Timóteo 2.2; Atos 2.42; Romanos 12.7). A palavra pode ser usada mais amplamente para descrever o ministério geral de edificação que acontece de vários modos (Colossenses 3.16). Mas geralmente esta atividade é restrita a certas pessoas que têm o dom de ensinar (1 Coríntios 12.28-30; Efésios 4.4-11). Isto deixa claro que nem todos os cristãos estão engajados no ensino.

Nas epístolas pastorais, o ensino sempre tem este sentido restrito. Paulo está profundamente preocupado em garantir que o ensino saudável e correto seja mantido pelas igrejas. Uma das principais tarefas de Timóteo era ensinar (1 Timóteo 4.11-16; 2 Timóteo 4.2) e preparar os outros para cumprirem este ministério vital de instrução doutrinária com autoridade (2 Timóteo 2.2). Embora, talvez, não fosse restrito aos pastores, o ensino era uma atividade importante destas pessoas (1 Timóteo 3.2; 5.17; Tito 1.9).

Neste ponto, a questão da aplicação não pode ser evitada. De acordo com este significado, quais funções seriam consideradas ensino, na igreja moderna? Alguns têm sugerido que não temos paralelo moderno, pois, como se argumenta, o cânon do Novo Testamento é a autoridade de ensino que substitui o mestre do primeiro século. Deve-se observar, porém, que antes das Escrituras do Novo Testamento, os antigos mestres cristãos possuíam autoritárias tradições cristãs nas quais basearem seus ministérios. A implicação de passagens como 2 Timóteo 2.2 é que o ensino deveria continuar a ser muito importante para a

igreja. Além disso, as Escrituras deveriam ser vistas como substitutas dos apóstolos que as escreveram, não dos mestres que as expuseram. Certamente, qualquer autoridade que o mestre possua é derivada. A autoridade é inerente à verdade a ser proclamada e não à pessoa do ensinador. Ainda assim, a atividade de ensino possui autoridade em si mesma. Isto porque o mestre vem ao povo de Deus com a autoridade de Deus e da sua Palavra.

À luz destas considerações, argumentamos que o ensino proibido às mulheres inclui o que chamaríamos de pregação. (Observe 2 Timóteo 4.2 — "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina".) Inclui também o ensino da Bíblia e da doutrina na igreja, em faculdades e em seminários. Outras atividades — dirigir estudos bíblicos, por exemplo — podem ser incluídas, dependendo de como são realizadas. Ainda outras, tais como testemunho evangelístico, aconselhamento, ensino secular, não são, em nossa opinião, ensinar no sentido que Paulo propõe aqui.

Paulo está proibindo as mulheres de exercerem qualquer tipo de ensino? Não pensamos assim. A palavra homem é claramente o objeto da expressão "exercer autoridade". Também, ela poderia ser analisada como objeto do verbo ensinar. Em Tito 2.3-4, Paulo permite a mulheres ensinarem a outras mulheres. Mas aqui, neste contexto, ele se preocupa com a diferença existente entre homens e mulheres (v. 13) e com a submissão (v. 11). Portanto, ele proíbe que as mulheres ensinem aos homens.

A Proibição de Exercer Autoridade — Versículo 12

O verbo traduzido por "exercer autoridade" significa "ter autoridade sobre" ou "dominar" (no sentido de "ter domínio sobre" e não no sentido negativo de "subjugar"). Que tipo de prática, na igreja moderna, Paulo estaria proibindo, quando diz que a mulher não deve exercer autoridade sobre o homem?

Evidentemente isto excluiria uma mulher de se tornar pastora nos moldes como este ofício é descrito nas epístolas pastorais. Por extensão, as mulheres seriam impedidas de

ocupar, em uma igreja, qualquer posição que seja equivalente à de presbítero (muitas igrejas, por exemplo, chamam estas pessoas de diáconos). Esta proibição é válida até mesmo se o marido der permissão para que a esposa ocupe tal posição. Pois a preocupação de Paulo aqui não é que a mulher aja independentemente de seu marido ou usurpe sua autoridade, mas que a mulher exerça autoridade sobre qualquer homem na igreja.

Por outro lado, não cremos que a proibição de Paulo deveria restringir as mulheres de votar em uma assembléia congregacional. Nem cremos que Paulo pretendia proibir as mulheres de exercerem a maioria das atividades administrativas na igreja.

Até aqui temos falado da proibição de Paulo, dirigida às mulheres, sobre duas atividades específicas: "ensinar" homens e "exercer autoridade sobre" eles. Argumentou-se, porém, que os dois verbos deveriam ser tomados juntos e que Paulo realmente está proibindo as mulheres de "ensinar de uma forma autoritária". Porém, não pensamos que esta interpretação é provável. Embora ensinar seja autoritário em si, nem todo exercício de autoridade na igreja é através do ensino. Paulo trata as duas tarefas como distintas, em 1 Timóteo, quando discute o trabalho dos pastores na igreja (3.2,4-5; 5.17). É verdade que ensinar e exercer autoridade estão proximamente relacionados; mas aqui, como em outros textos, são distintos. Em 1 Timóteo 2.12, Paulo proíbe as mulheres de conduzirem qualquer uma destas atividades em relação aos homens.

Alguns propuseram que Paulo está proibindo não o ensino e o exercício de autoridade da parte de qualquer mulher sobre qualquer homem, mas, sim, de esposas sobre seus próprios maridos. Mas, as palavras e o contexto não apoiam esta perspectiva. Paulo não diz: "Eu não permito a uma esposa ensinar ou exercer autoridade sobre seu marido". O contexto (versículos 8-9) claramente se refere a homens e mulheres como membros da igreja, não como maridos e esposas. Não são apenas os maridos que devem levantar mão santas em oração, mas todos os homens; e não apenas as esposas que

devem se vestir com modéstia, mas todas as mulheres (versículos 9-10). Portanto, as proibições do versículo 12 são aplicáveis a todas as mulheres da igreja, em seus relacionamentos com todos os homens da igreja.

A Base da Instrução: A Criação e a Queda — Versículos 13-14

No versículo 12, Paulo proíbe as mulheres, na igreja situada em Éfeso, de ensinar a homens e de exercerem autoridade sobre eles. Porém, agora enfrentamos a questão crucial: Esta proibição se aplica à igreja cristã hoje?

Não podemos simplesmente presumir que sim. O Novo Testamento contém muitas injunções que são aplicadas a uma situação específica e, quando a situação muda, a injunção pode mudar sua forma ou perder sua validade. Por exemplo, a maioria dos cristãos concorda que não somos mais obrigados a saudar-nos "uns aos outros com ósculo santo" (1 Coríntios 16.20). As formas de cumprimentar mudaram; e, em nossos dias, para praticar este costume, podemos apertar as mãos como sinal de amor cristão.

Por outro lado, não é simplesmente o caso de identificarmos uma circunstância local, à qual o texto está sendo dirigido, e concluir que o texto é limitado em sua aplicação. Quase todo o Novo Testamento foi escrito em circunstâncias específicas, tais como corrigir falsos ensinamentos, responder a perguntas específicas, buscar a unidade das facções da igreja, etc. Mas isto não significa necessariamente que tais escritos se aplicam somente àquelas circunstâncias. Por exemplo, Paulo desenvolve sua doutrina da justificação pela fé, em Gálatas, em oposição a específicos falsos mestres do primeiro século. A natureza específica destas circunstâncias de modo algum limita a aplicação de seu ensino. Podemos dizer que as circunstâncias fazem surgir um ensinamento, mas não limitam sua aplicação.

Este ponto em particular é importante, porque alguns estudos a respeito de 1 Timóteo 2.12 sugerem que, se alguém pode identificar a circunstância em função da qual foi escrita

uma passagem, então pode concluir que o texto tem uma aplicação limitada. Isto, obviamente, não é verdadeiro. Ao invés disso, a pergunta a ser feita acerca de 1 Timóteo 2.12 é: Podemos identificar circunstâncias que limitam sua aplicação a certas épocas e lugares? Muitos pensam que sim, e há numerosas sugestões que foram propostas sobre as circunstâncias locais. Focalizaremos os dois pontos de vista mais populares.

O primeiro afirma que Paulo está se referindo *apenas* a mulheres que sucumbiram ao falso ensinamento em Éfeso. Os defensores desta perspectiva insistem que o propósito de Paulo não é impedir todas as mulheres, em todas as épocas, de ensinarem aos homens, mas proibir as mulheres que sucumbiram às falsas doutrinas de ensinarem e propagarem estas doutrinas. Em nossos dias, dizem eles, obedecemos a injunção de Paulo ao impedir que mulheres sem treinamento e sob influência de falsas doutrinas ensinem tal doutrina.

Quais são as razões para aceitar esta interpretação específica? Os defensores deste ponto de vista, que se tornou muito popular, apontam particularmente para o versículo 14. Ali, eles argumentam, Paulo cita Eva como exemplo típico do que as mulheres de Éfeso estavam fazendo: ensinando falsa doutrina e fazendo-o sem o preparo adequado. Eva ensinou o homem a comer da árvore, trazendo a ruína da transgressão; as mulheres, em Éfeso, não deviam repetir seu erro de propagar falsa doutrina e trazer ruína para a igreja.

Mas este argumento falha completamente em ser convincente. A referência de Paulo a Eva, no versículo 14, focaliza o relacionamento entre o homem e a mulher ("Adão não foi iludido; mas a mulher"). Paulo também focaliza o engano. Isto sugere que Eva permanece como um tipo para as mulheres efésias que estavam *sendo enganadas* pelas falsas doutrinas, mas não como um tipo para as mulheres que estavam *ensinando* falsa doutrina. Daí a necessidade de Paulo adverti-las sobre aprender "em silêncio, com toda a submissão" (v. 11). Observe também que não há evidência nas epístolas pastorais de que as mulheres estivessem *ensinando* estas falsas doutrinas.

Se, de fato, o problema está no engano, pode ser que Paulo desejava sugerir que todas as mulheres são, como Eva, mais suscetíveis de serem enganadas do que os homens e, por isso, não deveriam estar ensinando aos homens! Embora esta interpretação não seja impossível, nós a consideramos improvável. Primeiramente, ela não combina com o contexto. Paulo aqui está preocupado em proibir as mulheres de ensinar aos homens; o foco está no desempenho dos papéis masculino e feminino. Eva foi enganada pela serpente, quando tomou a iniciativa independentemente do homem que Deus havia dado para estar com ela e cuidar dela. Da mesma forma, se as mulheres na igreja em Éfeso proclamassem sua independência dos homens da igreja, recusando-se a aprender "em silêncio, com toda a submissão" (v. 11), buscando papéis que foram dados aos homens na igreja (v. 12), elas cairiam no mesmo erro que Eva cometeu e trariam desastre semelhante sobre si mesmas e sobre a igreja. Melhor do que qualquer outra, esta explicação descreve a ênfase de Paulo no versículo 14.

Ao explicar o sentido dos versículos 12 e 14, não devemos perder o significado do versículo 13. Este provê a primeira razão para a proibição no versículo 12. Paulo enfatizou que o homem foi criado primeiro e, depois, Eva. Na língua original, o fator temporal é intensamente marcante. Qual o motivo desta afirmação? É o seguinte: a prioridade do homem na ordem da criação indica a liderança que o homem deve exercer sobre a mulher. A mulher foi criada após o homem, como sua ajudadora. Isto mostra a posição de submissão que Deus intencionou no relacionamento da mulher com o homem. Esta submissão é violada se uma mulher ensina doutrina ou exerce autoridade sobre um homem.

Observe como Paulo fundamenta estas proibições nas circunstâncias da criação, e não nas circunstâncias da queda no pecado. Desta forma, Paulo mostra que não considera estas restrições como o produto da maldição (presumivelmente, portanto, a serem desfeitas pela redenção). Observe, também, que ele cita a criação, e não a situação local, como sua base para as proibições. Assim, Paulo mostra que, embora os problemas

locais e culturais possam ter fornecido o contexto da questão, eles não fornecem o motivo para a sua exortação. Seu motivo para as proibições do versículo 12 é o diferente desempenho de papéis do homem e da mulher. Com razão podemos concluir que estas proibições são aplicáveis enquanto este motivo permanecer verdadeiro.

Isto nos leva ao segundo ponto de vista que procura confinar o ensino do versículo 12 a uma situação local ou limitada. De acordo com este ponto de vista, Paulo ordenou que as mulheres não ensinassem ou exercessem autoridade sobre os homens, porque tais atividades seriam consideradas ofensivas à grande maioria das pessoas em Éfeso.

É verdade que Paulo menciona nas epístolas pastorais sua preocupação sobre os cristãos evitarem um comportamento que traria má fama ao evangelho (1 Timóteo 6.1; Tito 2.5). E, como temos visto, os falsos mestres estavam propagando uma visão antitradicional acerca do papel das mulheres. Mas devemos fazer uma pergunta crucial: ao reagir contra tal ensino falso, Paulo restringe as atividades das mulheres apenas porque tais atividades seriam ofensivas a essa cultura? Cremos que não. Não há referência, no contexto de 1 Timóteo 2.11-12, a uma preocupação com a acomodação cultural. Ao contrário, Paulo apela para a ordem da criação — uma consideração manifestamente transcultural — como a base inequívoca para o comportamento.

Resumindo, achamos que Paulo estava corrigindo perspectivas erradas sobre o lugar das mulheres e, de forma especial, combatendo o ensino dos falsos mestres. O versículo 12 afirma a posição costumeira de Paulo nesta questão. Em outras palavras, era a posição de Paulo, em qualquer igreja, que as mulheres não deveriam ensinar ou exercer autoridade sobre os homens. Ele precisou dar ensinamento claro sobre o assunto, em 1 Timóteo, simplesmente porque a questão havia surgido como um problema na igreja de Éfeso. No entanto, esta seria sua posição em qualquer igreja, não importando se algum ensino falso exigisse que ele escrevesse a respeito.

O Papel da Mulher Sob uma Luz Positiva — Versículo 15

Antes de concluir, devemos dizer algo sobre o versículo 15.

> Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso.

Ainda que este versículo seja difícil de entender, ele conclui o parágrafo. Entendê-lo trará luz sobre o todo.

Uma interpretação do versículo 15 ensina que Paulo está prometendo que as mulheres serão resguardadas fisicamente durante o parto. Porém, este é um sentido incomum para a palavra salvar, que em outros textos se refere à salvação. E mais, esta interpretação não se encaixa bem com as qualificações que se seguem: "Se elas permanecerem na fé e amor e santificação, com bom senso".

Outros encontram no versículo 15 uma referência ao nascimento de Cristo. Porém, achamos que é preferível ver o versículo 15 como uma designação das circunstâncias em que as mulheres cristãs experimentarão sua salvação. Ou seja, elas serão salvas ao manterem como prioridades aqueles papéis que Paulo enfatiza: serem fiéis, esposas úteis, criando os filhos para que amem e temam a Deus e cuidando do lar (cf. 1 Timóteo 5.14; Tito 2.3-5). Isto não quer dizer, é claro, que as mulheres não podem ser salvas a menos que tenham filhos. Inferimos, porém, que as mulheres a quem Paulo se dirige são casadas. Então ele menciona um papel central — ter e criar filhos — como uma forma de descrever papéis femininos em geral.

Provavelmente, Paulo faz esse destaque porque os falsos mestres estavam alegando que as mulheres só poderiam realmente experimentar o que Deus tinha para elas, se abandonassem as atividades do lar e se envolvessem ativamente em papéis de ensino e liderança na igreja. Se esta interpretação está correta, então o versículo 15 se encaixa perfeitamente com a ênfase que temos visto neste contexto. Contra a tentativa dos falsos mestres de fazer as mulheres em Éfeso adotarem atitudes e comportamento antibíblico, Paulo reafirma o modelo bíblico da mulher cristã, adornada de boas obras (em vez de ornamentos

externos e sedutores), aprendendo quietas e submissas, evitando assumir posições de autoridade sobre homens, dando atenção àqueles papéis aos quais Deus chamou especialmente as mulheres.

Conclusão

Queremos enfatizar um ponto final muito importante sobre todas as tentativas de se limitar a aplicação de 1 Timóteo 2.12. O estudioso das Escrituras poderá de forma válida questionar se qualquer ordem deve ser aplicada além da situação para a qual foi dada inicialmente. Mas o critério usado para responder essa pergunta deve ser formulado com muito cuidado. Certamente não basta sugerir fatores locais ou culturais que possam restringir a aplicação de um texto. Com tal metodologia qualquer ensino na Escritura poderia ser descartado.

No caso de 1 Timóteo 2.12, muitos fatores locais têm sido propostos (as mulheres não eram suficientemente educadas para ensinar; os judeus ficariam ofendidos, se uma mulher ensinasse, etc.). Mas nenhum destes é declarado, ou sequer sugerido, no texto. Não é um procedimento perigoso propor tais fatores sem o claro aval do texto?

Com certeza, há ordens na Bíblia que não consideramos aplicáveis hoje (ver, por exemplo, 1 Coríntios 16.20). Mas a diferença entre tais textos e 1 Timóteo 2.12 é dupla. Primeiro, as atividades envolvidas em 1 Timóteo 2.12 são, por definição, transculturais, ou seja, são princípios permanentes na igreja cristã. Em segundo lugar, as proibições de 1 Timóteo 2.12 estão baseadas na teologia. Quando acrescentamos a isso o fato de que o ensino do Novo Testamento nestas questões é consistente, não podemos deixar de concluir que as restrições impostas por Paulo, em 1 Timóteo 2.12, são válidas para os cristãos em todos os lugares e em todos os tempos.

4

Esposas como Sara e Maridos que as Honram

1 Pedro 3.1-7

Wayne Gruden

Este é um texto magnífico para se entender o plano de Deus para um casamento ideal. Em poucos versículos, Pedro descreve as responsabilidades complementares de maridos e esposas e adverte contra abusos comuns:

> Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos, para que, se alguns deles ainda não obedecem à palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio do procedimento de suas esposas, ao observarem o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram outrora as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seus próprios maridos, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma. Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações (1 Pedro 3.1-7).

I. Orientações às Esposas

A. O que a Submissão não Significa

Por haver, atualmente, muito engano a respeito do que a Bíblia quer dizer ao falar que as mulheres devem ser "submissas" a seus maridos, este texto é muito útil para corrigir compreensões e práticas erradas. Ao mesmo tempo que Pedro exorta as mulheres a serem submissas a seus maridos, também fornece várias indicações sobre o que tal submissão não significa.

1. *Submissão não significa colocar o marido no lugar de Cristo.*

O contexto pressupõe que o relacionamento com Cristo tem prioridade acima de todo o relacionamento humano. O trecho mais amplo começa: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor" (1 Pedro 2.13), e afirma que, acima de tudo, a vida cristã significa que deveríamos olhar para Cristo e seguir os seus passos (2.21).

2. *Submissão não significa abandonar a sua própria maneira de pensar.*

Pedro fala diretamente às esposas, não aos maridos. Note que os maridos não são utilizados como porta-vozes de Pedro às mulheres. Ele pressupõe que elas ouvirão, entenderão e responderão por si mesmas à Palavra de Deus. Além disso, Pedro sabe que algumas mulheres escolheram a Cristo, embora seus maridos não o tenham feito, e isso é bom para elas. Elas consideraram o assunto e abandonaram o modo de pensar de seus maridos, nesta questão de suprema importância na vida.

3. *Submissão não significa que uma mulher deve desistir de influenciar e orientar seu marido.*

A mulher cristã deve tentar influenciar seu marido para que ele se torne um cristão. Pedro ajuda a esposa a fazer isto; ele a aconselha a fazê-lo.

4. *Submissão não significa que uma mulher deve render-se a toda exigência de seu marido.*

Se ele disser: "Deixe de ser cristã, seja como eu", ela deverá responder humildemente: "Não posso. Minha consciência deve responder a uma autoridade superior". Se ele lhe pedir para roubar, ou mentir, ou fazer algo contrário aos claros ensinamentos da Escritura, ela deve recusar; dessa forma seguirá a ordem de manter boa conduta entre os gentios (1 Pedro 2.12). Além disso, a palavra "honesto" significa "puro, livre de degradação moral". Isto serve como outro lembrete de que a submissão que Pedro ordena nunca deve ir ao ponto de incluir obediência a pedidos para fazer algo que é moralmente errado.

Esta ênfase é consistente com outros textos das Escrituras, onde o povo de Deus desobedeceu a alguma autoridade humana e foi aprovado por Deus ao fazê-lo. Considere, por exemplo, as parteiras hebréias no Egito (Êxodo 1.17), Ester diante do rei Assuero (Ester 4.16), Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3.13-18), o profeta Daniel (Daniel 6.10-14), os apóstolos (Atos 4.18-20; 5.27-29), e os pais de Moisés (Hebreus 11.23). O princípio a ser extraído destas passagens é o seguinte: devemos obedecer, exceto quando a obediência implica em pecado. Isto é consistente com a afirmação que devemos ser submissos a toda autoridade, "por causa do Senhor" (1 Pedro 2.13).

5. *A submissão não ocorre por causa de inteligência ou competência inferiores.*

De fato, no lar onde existe uma mulher cristã e um marido não-cristão, ela demonstra ter mais percepção espiritual do que ele, pois conhece a verdade do cristianismo, e ele não.

6. *Submissão não significa ser medrosa ou tímida.*

Pedro orienta as mulheres a viverem "não temendo perturbação alguma" (v. 6). Assim, a referência à mulher como "parte mais frágil" (v. 7) não pode ser devido a qualquer falta de força ou coragem em face ao perigo ou à ameaça.

7. *Submissão não é inconsistente com a igualdade em Cristo.*

Devemos recordar que submissão à autoridade é sempre coerente com igualdade em importância, dignidade e honra. Jesus

era submisso tanto a seus pais como a Deus, o Pai. E os cristãos, que são grandemente honrados aos olhos de Deus, também têm ordem de se submeterem a autoridades governamentais e patrões incrédulos. Assim, a ordem às mulheres de serem submissas a seus maridos nunca deveria ser entendida como sugerindo que as mulheres são inferiores em importância, personalidade e espiritualidade. De fato, Pedro afirma justamente o oposto: as mulheres são herdeiras, juntamente com os maridos, do gracioso dom da vida (v. 7).

É importante observar a relação entre esta passagem e Gálatas 3.28-29:

> Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.

Este texto geralmente é usado contra a submissão, como se "nem homem nem mulher" (v. 28) eliminasse qualquer ordem de submissão dentro do casamento. Mas 1 Pedro 3.1-7 mostra que os apóstolos não sentiam qualquer tensão entre um chamado às mulheres para se submeterem a seus maridos (v. 1) e uma clara afirmação de que maridos e esposas são co-herdeiros da graça da vida (v. 7). Este último versículo é a maneira de Pedro dizer: "Não há nem homem nem mulher... vocês todos são um, em Cristo Jesus". Este contexto mostra que no casamento a igualdade não é inconsistente com a submissão feminina e a liderança masculina. No pensamento apostólico, caminham lado a lado o ato da esposa submeter-se e a afirmação de que o marido e a esposa são iguais em importância e dignidade.

B. O Que a Submissão de Fato Significa

1. *A Submissão afirma a liderança do marido.*

"Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos" significa que uma mulher se submeterá voluntariamente à autoridade e à liderança do marido no casamento. Significa reconhecer seu marido como líder, dentro

dos limites da obediência a Cristo. Inclui honrá-lo como líder, mesmo quando ela discorda de algo. Naturalmente, é uma atitude que vai muito além da mera obediência. Mas a idéia da obediência espontânea à autoridade do marido certamente faz parte desta submissão, como os versículos 5 e 6 deixam claro. Ali, Pedro ilustra o significado de "sede submissas a vossos próprios maridos" com o exemplo de Sara, "que obedeceu a Abraão". Além disso, esta submissão é uma afirmação respeitosa, pois Pedro recorda que Sara obedeceu a Abraão "chamando-lhe senhor" (v. 6).

2. *A Submissão é uma qualidade interior de mansidão.*

Compreensão melhor sobre a natureza desta submissão se adquire com a descrição de Pedro sobre a beleza que a acompanha — a beleza de "um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus" (v. 4). O adjetivo *manso* (*praus*) ocorre somente outras três vezes no Novo Testamento (duas se referindo a Cristo — Mateus 11.29, 21.5; e também 1 Pedro 5.5). Tem o significado de "não ser insistente sobre os seus próprios direitos" ou "não ser impositivo ou egoisticamente reivindicador", "não exigindo que sua própria vontade se faça". Tal espírito manso e tranquilo será considerado belo por outras pessoas, até mesmo por maridos incrédulos (vv. 1-2). Porém, mais importante ainda, ele "é de grande valor aos olhos de Deus". Por quê? Sem dúvida porque tal espírito é o resultado de uma confiança tranquila e contínua em Deus para suprir todas as suas necessidades. Como testifica a Escritura, Deus tem prazer em que confiemos nEle (cf. 1 Pedro 1.5,7-9,21; 2.6-7,23; 5.7).

Ao descrever as coisas que acompanham esta submissão, Pedro se concentra nas atitudes interiores do coração. Pedro afirma que a fonte da beleza de uma mulher deve ser "o homem interior" (v. 4); ele está falando da natureza íntima, a verdadeira personalidade de uma mulher. Isso não é visível por si mesmo, mas se manifesta rapidamente por meio de palavras e ações que revelam atitudes interiores. *Incorruptível* é um adjetivo que o Novo Testamento usa constantemente para falar das realidades celestiais, coisas que não desaparecerão com o passar deste

mundo. Pedro está afirmando que um espírito manso e tranquilo possui uma beleza que durará até a eternidade, em contraste com a efêmera beleza de jóias e roupas.

3. *A Submissão envolve obediência como a de Sara.*

Pedro ilustra o que quer dizer com submissão, ao se referir às vidas de mulheres que esperaram em Deus (v. 5). Embora tenha mencionado especificamente Sara, no versículo 6, o plural "mulheres" se reporta às mulheres santas do Antigo Testamento. O padrão de suas vidas indicava que estavam sempre esperando em Deus. Elas costumavam se adornar "desta forma", ou seja, com um espírito manso e tranquilo. O tempo do verbo adornar indica que elas estavam repetida ou continuamente se adornando desta forma. A idéia é de que a humilde confiança em Deus produz em uma mulher a imperecível beleza de um espírito manso e tranquilo. Este espírito a capacita a se submeter, sem temor, à autoridade de seu marido. Ela sabe que, em última análise, essa atitude não será prejudicial a seu bem-estar ou à sua personalidade.

Pedro usa a submissão de Sara a Abraão como um exemplo da submissão de uma esposa a seu marido. As esposas devem ser submissas a seus maridos como Sara obedeceu a Abraão, chamando-o de "senhor". Pedro não parece estar se referindo a nenhum incidente específico aqui, pois a linguagem indica um comportamento constante durante a vida.

É comum as feministas negarem que Sara é um modelo a ser seguido por mulheres cristãs. Citam Gênesis 16, quando Sara instou com Abraão que tivesse um filho com Hagar. É verdade que Sara nem sempre foi uma esposa modelo. Mas note-se que Pedro não resolveu destacar este fato. Em vez disso, ele menciona Sara como um exemplo positivo para as esposas cristãs imitarem.

O exemplo da obediência de Sara seria um incentivo apropriado às esposas a quem Pedro estava escrevendo. Enquanto acompanhava Abraão, Sara aprendeu a confiar em Deus em situações incertas, desagradáveis e até mesmo perigosas (Gênesis 12.1,5,10-15; 13.1; 20.2-6; 22.3). De igual modo, as mulheres crentes são agora filhas de Sara, membros de sua família

espiritual. Ser filha de Sara é ser uma herdeira das promessas e da honra concedidas a ela e a Abraão.

A condição para ser filha de Sara é estar "praticando o bem e não temendo perturbação alguma" (v. 6). Ambos os verbos novamente indicam um padrão de vida continuado através do tempo. Observe que a insistência de Pedro em fazer o que é certo é um lembrete de que nenhum ato de desobediência na vida de Sara deve ser imitado por esposas cristãs. É a sua submissão a seu marido e a sua confiança em Deus que Pedro recomenda. A frase "não temendo perturbação alguma" é outra forma em que a fé se expressa. Uma mulher com um espírito manso e tranquilo, que continua esperando em Deus, não se atemorizará com as circunstâncias ou com um marido incrédulo ou desobediente.

C. Argumentos Feministas a Respeito de Submissão

Houve várias tentativas de se evitar a conclusão de que esposas cristãs devem imitar a obediência de Sara a Abraão...

1. *Sara não fazia parte da antiga aliança?*

Uma abordagem popular foi elaborada por Gilbert Bilezikian, que diz:

> A razão pela qual Pedro se refere a Sara é mostrar que as esposas na nova aliança podem aprender de sua ancestral espiritual... que viveu no 'lado negro' da antiga aliança, quando ela tinha de 'obedecer' a seu marido... Sara obedeceu a Abraão, mas às esposas cristãs... não se diz jamais que 'obedeçam' a seus maridos, nem aqui ou em qualquer outro lugar na Bíblia.

Esta declaração é muito perturbadora. Enquanto Pedro utiliza Sara como um exemplo positivo para as esposas cristãs imitarem, Bilezikian a usa como um exemplo negativo, mostrando o que as esposas cristãs não devem fazer. Pedro exorta as esposas a agirem como as santas mulheres de outrora, "que esperavam em Deus" e eram "submissas a seus próprios maridos" (v. 5),

mas Bilezikian assevera que isso era durante o "lado negro" da antiga aliança. Pedro diz às esposas para agirem como Sara, que "obedeceu a Abraão" (v. 6), mas Bilezikian afirma que este versículo não diz às esposas para obedecerem a seus maridos. Os leitores deveriam observar cuidadosamente a declaração de Bilezikian sobre 1 Pedro 3.1-7, citada anteriormente. Em vários pontos ele acaba negando o que o texto diz e afirmando um conceito oposto, que o texto não diz.

2. *E quanto à "submissão mútua" dentro do casamento?*

A fim de evitar o peso da ordem de Pedro: "Mulheres, sede vós submissas a vossos próprios maridos" (v. 1), feministas evangélicos frequentemente falam de "submissão mútua" dentro do casamento.

Esta expressão em si mesma é escorregadia, porque pode significar coisas diferentes. Por um lado, pode significar simplesmente que maridos e mulheres devem ser atenciosos e compreensivos um com o outro e colocarem os interesses e preferências do outro acima dos seus próprios. Se as pessoas usam esta expressão para indicar tal consideração e deferência mútua, então estão falando de uma idéia que é inteiramente consistente com o ensino do Novo Testamento. Esta visão ainda permite um singular papel de liderança para o marido e uma peculiar responsabilidade por parte da esposa, de se submeter a autoridade dele. "Submissão mútua", então, significaria que o marido precisa ser abnegado em sua liderança da família e a mulher deve mostrar-se abnegada em seu apoio à liderança dele.

Mas a alegação comum dos feministas evangélicos hoje é que essa "submissão mútua", no casamento, significa algo bem diferente. Aplicam esta frase escorregadia a todos os textos que orientam as esposas a serem submissas a seus maridos e negam que esteja em vista qualquer submissão a autoridade. Dizem que as mulheres devem se submeter aos maridos e os maridos às mulheres exatamente da mesma forma. De acordo com este ponto de vista, o marido não tem uma autoridade singular ou responsabilidade de liderança no casamento. Geralmente Efésios 5.21 é

tomado como sustentador deste argumento — "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo".

Mas esta interpretação é contrária às Escrituras. Enquanto o Novo Testamento, várias vezes, exorta as mulheres a que se submetam a seus maridos, a situação nunca é invertida: aos maridos nunca se diz que se submetam a suas esposas. Feministas evangélicos não levam em consideração este fato.

Quanto a Efésios 5.21, o engano surge quando o versículo é lido não se considerando o seu contexto. Paulo prossegue explicando que as mulheres devem estar sujeitas à autoridade de seus maridos (v. 22-24), os filhos aos pais (6.1-3) e os servos aos senhores (6.4-8). Em cada caso, o apóstolo mostra àqueles em autoridade como devem agir — em amor e consideração e justiça (Ef 5.25-33; 6.4,9); mas não lhes instrui a se submeterem a suas esposas, filhos ou servos respectivamente.

3. *Confusão acerca do significado da palavra "submeter".*

Os feministas evangélicos comumente erram na interpretação da Bíblia quando mudam o significado da palavra *submeter-se*, dando-lhe um significado que ela não requer em nenhum outro lugar. Eles defendem que *submeter-se* significa algo como "ser atencioso e compreensivo; agir com amor em relação ao outro", sem qualquer sentido de obediência a uma autoridade. Este não é um significado legítimo para o termo, que sempre implica em um relacionamento de submissão a uma autoridade. Este termo é usado em outro lugar no Novo Testamento a respeito da submissão de Jesus à autoridade de seus pais (Lucas 2.51); de demônios submetendo-se aos discípulos (Lucas 10.17); de cidadãos submetendo-se às autoridades governamentais (Romanos 13.1,5); de membros da igreja submetendo-se a líderes da igreja (1 Coríntios 16.15-16); de esposas submetendo-se a seus maridos (Efésios 5.22-24; Colossenses 3.18; Tito 2.5; 1 Pedro 3.5;); da igreja submetendo-se a Cristo (Efésios 5.24); de servos submetendo-se a seus senhores (1 Pedro 2.18); etc. Observe que nenhuma dessas relações jamais é invertida. Isto é, aos maridos nunca se diz que se submetam às suas mulheres, nem os governadores aos

cidadãos, os senhores aos servos, os discípulos aos demônios, etc. De fato, este termo é usado fora do Novo Testamento para descrever a submissão e obediência de soldados, em um exército, àqueles de escalão superior.

Agora devemos reconhecer que submissão a diferentes tipos de autoridade pode assumir diferentes manifestações. A submissão de membros a líderes da igreja é bem diferente da submissão de soldados a um general do exército. Ambas são bem diferentes da submissão de filhos aos pais ou de empregados aos empregadores. Dentro de um casamento cristão saudável, haverá amplos elementos de consulta mútua e busca de sabedoria, e a maioria das decisões virão por consenso entre marido e mulher. Para a esposa, ser submissa a seu marido nem sempre implicará em obedecer ordens e instruções específicas. O marido, ao invés disso, buscará conselho e diálogo sobre a decisão a ser tomada (cf. 2 Coríntios 8.8; Filemon 8,9). No entanto, a atitude de submissão de uma mulher à autoridade de seu marido se refletirá em numerosas palavras e ações a cada dia. Sua atitude de submissão manifestará deferência à liderança do marido e o reconhecimento da responsabilidade dele de tomar decisões que afetam toda a família.

4. *As ordens de Pedro aqui não são de natureza cultural e, portanto, não precisam ser aplicadas hoje.*

Alguns feministas asseveram que, "embora se diga que Sara expressou sua submissão a Abraão ao obedecê-lo e chamá-lo 'senhor', isso certamente não significa que submissão se expresse em toda cultura pela obediência e por se chamar ao próprio marido de 'senhor'. Poucas pessoas hoje insistiriam neste segundo aspecto da submissão de Sara".

O problema com este argumento é que ele deixa de reconhecer que Pedro está exigindo um padrão geral de comportamento (submissão que resulta em obediência) em vez de uma imitação exata de cada palavra dita por Sara. O que Pedro mostra é que Sara prestou reverente obediência a Abraão até mesmo nas palavras que usou para se referir a ele. De igual modo, as mulheres cristãs hoje devem respeitar seus maridos, ainda que sejam diferentes as palavras usadas em cada cultura

para significar aquele respeito. Não são às palavras específicas de Sara mas à sua obediência que Pedro se refere; as mulheres do Velho Testamento, que esperavam em Deus, eram submissas a seus maridos, como Sara "que obedeceu a Abraão" (vv. 5-6). A obediência é uma das formas assumida pela submissão; a menção das palavras de Sara simplesmente recorda um exemplo específico na vida dela.

D. As Recompensas da Submissão

1 Pedro 3.1 apresenta uma das recompensas que as mulheres devem esperar desta submissão a seus maridos: o marido incrédulo pode ser ganho para Cristo. Aqueles que "não obedecem à palavra" são maridos que rejeitam não somente o evangelho mas também os padrões de Deus em outras áreas da vida; refere-se a um forte sentimento de desobediência ativa e também de rebelião. Alguns destes maridos incrédulos deviam ser rudes e indelicados com suas mulheres cristãs, mas Pedro diz que eles podem ser conquistados para o reino de Deus.

Estes maridos incrédulos podem ser conquistados "sem palavra alguma", isso é, não pelo contínuo anunciar e pregar o evangelho, mas simplesmente pelo comportamento cristão de suas esposas. A palavra comportamento se refere ao bom padrão de vida dos crentes, um padrão cujo alvo é conduzir à salvação outros que o observam. Pedro não está afirmando que as mulheres cristãs nunca deveriam falar sobre a mensagem do evangelho a seus maridos incrédulos. De fato, é difícil imaginar que as mulheres cristãs, dentre os leitores de Pedro, nunca teriam explicado a seus maridos o que significava se tornar um cristão. Porém, ele diz que o meio usado por Deus para conquistar estes maridos geralmente não serão as palavras, mas o comportamento das mulheres. Este conhecimento deveria levar a esposa cristã a orar mais, suplicando por graça para viver corretamente e rogando pelo silencioso trabalho de Deus no coração do marido.

Outra recompensa é tornarem-se filhas de Sara (v. 6). Como explicado acima, isto certamente significa ser um membro do povo de Deus, um herdeiro de todas as bênçãos da salvação.

Mas isso provavelmente também inclui a idéia de compartilhar da especial dignidade e honra de Sara, imitando o padrão de submissão e confiança em Deus que Sara exemplificou e, semelhantemente, recebendo a aprovação de Deus como resultado.

Finalmente, a maior recompensa será o gozo de honrar a Deus e receber seu favor. Dorothy Patterson corretamente afirma a respeito desta passagem: "A submissão primeiramente honra o Senhor, que estabeleceu tal relacionamento". No entanto, ao honrar o Senhor, uma esposa cristã conhecerá, de modo especial, o favor divino. Pedro afirma que um espírito manso e tranquilo que acompanha tal comportamento submisso, "é de grande valor diante de Deus" (v. 4). Deus contemplará este comportamento, que sai de um coração cheio de fé, e se deleitará nesta filha de Sara.

E. A Retidão Universal da Submissão da Mulher

Pedro declara que os maridos incrédulos podem ser "ganhos" para Cristo "por meio do procedimento de suas esposas", quando estas são submissas a eles (v. 1). Observe que até para um marido incrédulo há uma atratividade no comportamento submisso de sua mulher cristã. Isto sugere que Deus inscreveu no coração de toda a humanidade a retidão e a beleza da distinção de papéis no casamento.

Observe também que é o comportamento puro, e não o comportamento que fica aquém do ideal de Deus, que atrai os incrédulos a Cristo (v. 2). E este comportamento puro, diz Pedro, envolve especialmente mulheres que são submissas a seus próprios maridos. O marido incrédulo vê este comportamento e, no íntimo, percebe a beleza dele. Em seu coração há um testemunho de que isto é correto, e é assim que Deus desejava que homens e mulheres se relacionassem como marido e mulher. Ele conclui, portanto, que o evangelho em que sua esposa crê deve ser verdade. Talvez, de fato, ele se convença de sua própria pecaminosidade, quando vê a submissão de sua esposa em contraste com sua própria recusa de se submeter a Deus.

F. A Beleza da Submissão

Alguns entendem mal as declarações de Pedro sobre cabelo e jóias, no versículo 3. Nesta seção Pedro enfatiza não coisas exteriores e visíveis, que perecem, mas realidades espirituais e invisíveis, que são eternas. Ele contrasta o adorno exterior (v. 3) com o adorno interior (v. 4). "Adorno" se refere ao que uma pessoa usa a fim de parecer bonita aos outros. O ensino é que as esposas cristãs devem depender, para sua própria atratividade, não de coisas exteriores, como trançar seus cabelos, usar adornos de ouro e vestir roupas finas, mas de virtudes interiores, especialmente um espírito manso e tranquilo.

Além disso, o texto grego literalmente diz: "Que o seu adorno não seja o adorno exterior do trançar de cabelos, do usar ouro ou vestir roupas". Não há no original o adjetivo "aparato" para modificar a palavra *roupas* (vestuário). É incorreto, portanto, dizer que este texto proíbe as mulheres de trançar seus cabelos ou usar jóias de ouro. Pois, pelo mesmo raciocínio, teríamos de proibir "vestir roupas"! O ensino de Pedro aqui não é que qualquer dessas coisas seja proibida, mas que não devem ser o "adorno" de uma mulher, ou seja, não devem ser sua fonte de beleza.

Pedro está realmente se opondo ao uso de penteado, jóias ou roupas como meio de conquistar um marido incrédulo. Em vez disso, ele recomenda um espírito manso e tranquilo, o qual é muito precioso aos olhos de Deus. Assim, o apóstolo chega ao cerne da fé cristã — esperança em Deus e um espírito manso e tranquilo, que provém da fé.

Vivemos em uma época quando se pensa frequentemente em submissão à autoridade como degradante e desumano. As Escrituras nos lembram que ser submisso a autoridade é belo e correto neste mundo que pertence a Deus. É "por causa do Senhor" (2.13) que os cristãos devem se submeter às autoridades, quer no governo civil (2.18-20), quer na família (3.1-6), quer na igreja (5.5).

Mais especificamente, é no casamento que a beleza da submissão da mulher a seu marido se torna evidente aos

incrédulos, que por meio dela são atraídos a Cristo (vv. 1-2). Pedro também espera que esta beleza seja evidente aos *maridos crentes* e às *demais pessoas*. Pois ele exorta as mulheres cristãs a fazerem disto seu "adorno", sua fonte de beleza (v. 4). Tal beleza adornava as mulheres do Antigo Testamento "que esperavam em Deus, estando submissas a seus próprios maridos" (v. 5). A *esposa cristã* também deve ver e perceber esta beleza, pois ela não é acompanhada por medo (v. 6), mas por reverência, pureza (v. 2), retidão moral (v. 6), serenidade de espírito (v. 4) e esperança em Deus (v. 5). Finalmente, a beleza desta submissão é evidente para Deus, pois o espírito manso e tranquilo é "de grande valor" aos olhos dEle (v. 4).

II. Orientações aos Maridos

No versículo 7, Pedro diz aos maridos: "Vivei a vida comum do lar, com discernimento"; ou, mais literalmente: "Vivam de um modo compreensivo com suas mulheres". Esta é a resposta do marido à atitude submissa de sua esposa. Os maridos são alertados contra alguns abusos que podem surgir em seu papel de liderança dentro do casamento.

A. O que Liderança Compreensiva não Significa

1. *Liderança compreensiva não significa o uso de autoridade severa e dominadora.*

Pedro aconselha os maridos a serem compreensivos com as esposas e afirma que eles devem ter consideração para com elas, como "parte mais frágil" (v. 7). Pedro não explica de que forma vê a mulher como a parte mais frágil. Provavelmente ele tem em mente algum tipo de fraqueza sobre a qual os maridos deveriam ser avisados, a fim de não se aproveitarem dela. a) Isto com certeza incluiria força física (muitos homens, se tentassem, poderiam superar suas mulheres em força física). b) Mas o contexto também mostra que as mulheres são mais fracas em termos de autoridade no

casamento (v. 1,5,6). Portanto, os maridos são exortados a, em vez de usarem sua autoridade para satisfazer objetivos egoístas, usarem-na para tratar suas esposas com respeito. c) Entretanto, pode haver também uma terceira área de fraqueza da qual os maridos não deveriam se aproveitar, a saber, uma forte sensibilidade emocional. Talvez isto seja indicado pela admoestação, dada às esposas santas, de não temerem perturbação alguma (v. 6). Enquanto esta sensibilidade é igualmente uma grande vantagem, significa que as mulheres são mais susceptíveis a serem magoadas por conflitos dentro do casamento ou por tipos de comportamento que não as levam em consideração. Sabendo disto, os maridos cristãos não devem ser severos (Cl. 3.19) ou encher seu relacionamento conjugal de críticas e conflitos. Pelo contrário, devem ser positivos, dando valor à própria esposa e vivendo com ela de modo compreensivo e atribuindo-lhe honra.

A palavra traduzida por "parte", na expressão "parte mais frágil", frequentemente significa "vaso, jarro, recipiente". Mas é também usada no Novo Testamento para falar de seres humanos como vasos criados por Deus e destinados ao uso dEle (Atos 9.15; Romanos 9.21; 2 Coríntios 4.7; 2 Timóteo 2.21). Não há sentido depreciativo aqui. O fato de a mulher ser chamada de "vaso" mais frágil (isto é, o mais frágil entre os dois) implica em que o homem também é visto como um "vaso". O termo recorda a criação de todas as pessoas, tanto homens como mulheres; nos lembra nossa fragilidade humana e nossa obrigação para com Deus, o Criador.

2. *Liderança compreensiva não significa compartilhamento igual na liderança da família.*

Embora Pedro exorte os maridos a agirem de maneira atenciosa e compreensiva para com suas mulheres, ele nunca orienta os maridos a se submeterem às suas mulheres, nem sugere que os papéis no casamento são intercambiáveis. Liderança compreensiva é a maneira como o marido deve exercer liderança na família; isso não contradiz seu papel de líder.

3. *Liderança compreensiva não implica em menor importância para a esposa.*

O fato de os maridos terem de tratar suas esposas com "respeito" não significa que ela, por possuir menos autoridade, seja menos importante. Pedro diz aos maridos que suas mulheres são co-herdeiras da mesma graça de vida. Isto lhes faz recordar que, embora elas tenham recebido menos autoridade no casamento, suas mulheres ainda são iguais a eles em privilégio espiritual e importância eterna.

4. *Liderança compreensiva não significa ceder a todos os desejos da esposa.*

Assim como as mulheres não devem obedecer aos maridos quando recebem ordens para desobedecer a Deus, assim também os maridos nunca devem permitir que o amor por suas esposas se torne uma desculpa para o pecado. Este princípio foi tragicamente ignorado pelo próprio Abraão, quando atendeu ao pedido de Sara e decidiu ter um filho com Hagar, a escrava de Sara (Gênesis 16.2,5). O princípio foi também ignorado por Salomão (1 Reis 11.1-3,8), Acabe (1 Reis 21.25) e, talvez, até mesmo Adão (Gênesis 3.6). O simples fato de uma mulher querer fazer algo moralmente errado não significa que o marido está livre, diante de Deus, para endossar ou participar deste erro. Fazer isso seria abdicar da liderança que Deus outorgou ao marido. Seria o oposto da liderança justa que Deus requer que o homem exerça.

Na prática, o marido precisará de discernimento para distinguir entre uma escolha moralmente errada, que sua mulher solicita dele, e uma escolha moralmente correta, que apenas difere de sua preferência pessoal sobre como executar determinada atividade. Mas, em todo casamento, haverá ocasiões quando o marido simplesmente terá de tomar uma decisão contrária aos desejos e preferências de sua mulher. No entanto, o marido deve ficar firme porque está convencido, diante de Deus, de que suas decisões são corretas.

5. *Liderança compreensiva não é opcional para os maridos.*

Assim como a submissão ao marido não é opcional para as mulheres cristãs, a liderança que Pedro ordena não é opcional para os maridos cristãos. Alguns maridos escolhem não liderar a família e se tornam participantes passivos nas decisões e atividades. Outros vão ao extremo e exercitam autoridade severa, egoísta e dominadora sobre suas famílias. Ambos os extremos estão errados. Os maridos devem antes viver compreensivamente e atribuir honra às mulheres. Eles não podem escapar da responsabilidade de liderar, que está implícita na ordem dada às suas mulheres de se submeterem a eles.

B. O que É Liderança Compreensiva

"Vivei a vida comum do lar, com discernimento" também poderia ser traduzido como "vivendo juntos, de acordo e com conhecimento". Pedro não especifica que tipo de conhecimento é este. Pode incluir qualquer conhecimento benéfico ao relacionamento marido-mulher: sobre os propósitos e os princípios de Deus para o casamento; sobre os desejos, objetivos e frustrações da esposa; sobre suas forças e fraquezas nos campos físico, emocional e espiritual, etc. Um marido que vive de acordo com tal conhecimento enriquecerá grandemente seu casamento. No entanto, tal conhecimento só pode ser adquirido através de estudo regular da Palavra de Deus e de frequentes ocasiões de comunhão tranquila juntos, como marido e mulher.

"Tratai-a com dignidade" pode incluir palavras gentis e elogios, tanto em particular como em público. Também pode se referir à importância de separar tempo e dinheiro para ela. Pedro está dizendo que as mulheres devem receber honra especial, pois isso é o que Deus ordenou.

C. As Recompensas da Liderança Compreensiva

Ao final desta passagem, Pedro indica uma recompensa para maridos que vivem compreensivamente com suas mulheres. Ele o faz avisando o que acontecerá se não viverem desta maneira:

"Para que não se interrompam as vossas orações". A implicação é que, se viverem de uma maneira compreensiva com suas mulheres, suas orações não serão impedidas mas ouvidas, e Deus as atenderá. (Ver 1 Pedro 3.12: "Os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas").

Realmente, este impedimento da oração é uma forma da disciplina paterna de Deus. Hebreus 12.3-11 nos lembra que a disciplina é para o nosso bem e aplicada àqueles a quem Deus ama. Deus está tão interessado em que os maridos cristãos vivam de uma maneira compreensiva e amável com suas mulheres, que interrompe seu relacionamento com eles, quando não o fazem! Nenhum marido cristão deve pensar que qualquer benefício espiritual será realizado através de sua vida, sem o eficaz ministério da oração. Nenhum marido deve esperar uma vida eficaz de oração, a menos que viva "de uma maneira compreensiva, atribuindo honra" à sua mulher. Investir tempo para manter um bom casamento é a vontade de Deus; é servir a Deus; é uma atividade espiritual agradável aos olhos dEle.

5

Mulheres no Ministério da Igreja

Exemplos e Ensinos do Velho e Novo Testamentos

Thomas R. Schreiner

Este capítulo focaliza os valiosos ministérios desempenhados por mulheres nas Escrituras. Este é um tópico relevante pelo menos por três razões. Primeira, os homens têm muitas vezes magoado as mulheres, tratando-as como cidadãos inferiores do reino; e alguns homens menosprezam ou ignoram a contribuição delas no ministério. Um exame das Escrituras mostrará que as mulheres têm desempenhado um papel vital na igreja. Uma razão para o atual movimento feminista é que algumas mulheres estão respondendo aos homens que as oprimem e as tratam mal.

Segunda, as mulheres contemporâneas devem ser incentivadas pelas mulheres que, nas Escrituras, contribuíram para disseminar a mensagem do reino. Deus não usa apenas homens para realizar seus propósitos. Ambos, homens e mulheres, foram criados à imagem de Deus, e ambos têm sido usados poderosamente por Ele. Nenhuma mulher que tem o desejo de servi-Lo deve sentir-se como se não houvesse lugar para seu ministério na igreja.

Há uma terceira razão para se estudar os valiosos ministérios das mulheres. Alguns escritores evangélicos estão apelando às Escrituras a fim de sustentar a noção de que não deveria haver limitações aos papéis das mulheres no ministério atual, e que mulheres e homens deveriam ter acesso igual a toda

função ministerial, e que qualquer limitação a elas deriva-se da cultura e da tradição, não da Bíblia. A Bíblia, eles acreditam, apóia a completa inclusão das mulheres em qualquer ministério.

Essa terceira razão é particularmente importante. Vamos examiná-la cuidadosamente neste capítulo. Devemos estar abertos à possibilidade de termos lido mal as Escrituras, ao impormos algumas restrições às mulheres no ministério. Talvez nossa cultura e tradição tenham feito distinções que não podem ser apoiadas pela Bíblia. Assim, devemos ouvir cuidadosamente os argumentos, pois há aqueles que afirmam que os ministérios de mulheres na Bíblia demonstram que todo ministério aberto aos homens é também aberto às mulheres.

I. Ministério num Sentido Geral

Este capítulo focalizará esse terceiro aspecto, visto ser este um assunto de debate especial hoje. Entretanto, devemos lembrar que *ministério* é uma palavra muito ampla, originada das palavras gregas *diakonia, diakonos e diakoneō*. Estas palavras sempre transmitem a idéia de "serviço" e "ministério" no sentido mais amplo. Por exemplo, Marta estava distraída por causa de seu "serviço" (*diakonia*). O ministério descrito naquela ocasião é a preparação de uma refeição (Lucas 10.40). Em Lucas 22.27, "quem serve" é contrastado com "quem está à mesa" durante a refeição. O ministério em foco aqui é simplesmente servir as mesas. Lucas 8.3 fala de um grupo de mulheres que "serviam" (prestavam assistência) (*diakoneō*) a Jesus e aos apóstolos. O ministério específico em que elas se engajaram não foi pregar o evangelho, mas fornecer recursos financeiros para que Jesus pudesse realizar seu ministério. A primeira carta de Pedro 4.10 diz que todos os dons espirituais devem ser usados para "servir" (*diakoneō*) uns aos outros na igreja. E Paulo afirma: "Também há diversidade nos serviços (*diakonia*), mas o Senhor é o mesmo" (1 Coríntios 12.5). Então, neste sentido amplo, qualquer coisa que um crente faça para ajudar a obra da igreja é um ministério.

Outros exemplos do uso da palavra ministério e serviço neste sentido geral poderiam ser citados, mas a conclusão a que

chegamos é esta: nem todos os ministérios valiosos são públicos ou oficiais. Fornecer alimento e apoio aos outros é crucial e não deve ser desprezado, mesmo que não se receba reconhecimento público. Muitos homens e mulheres de Deus, cujos nomes não conhecemos, tranquila e humildemente trabalharam desta maneira e encontraram grande gozo e bênção em fazê-lo. Não estou sugerindo que este seja o único tipo de ministério para as mulheres. No entanto, é um ministério crucial e que não deve ser ignorado.

As mulheres da Bíblia se engajaram em ministérios significativos, embora estes não tenham sido oficiais. Pensamos em Abigail (1 Samuel 25). Abigail não era profetisa, nem tinha outro ministério oficial que se saiba. No entanto, seu conselho humilde e manso a Davi o persuadiu a não matar Nabal. Quantos eventos não registrados deve haver de mulheres persuadindo homens, humilde e mansamente, a buscarem uma atitude mais correta. Que bom exemplo é esta história para os tradicionalistas, cujo conceito a respeito de um líder é que este deve sempre conhecer a verdade e que sua opinião está sempre certa. Davi foi certamente o líder neste relato, mas sua humildade é evidente pois ouviu a Abigail e deixou-se persuadir. Para as mulheres, Abigail é um modelo de persuasão mansa e humilde. Não há estridência ou imperiosidade em seus modos. Ela foi cativante e, ao mesmo tempo, corajosa.

Os ministérios "não-oficiais" das mulheres, portanto, são de grande importância. Alguns homens, ao desejarem liderança por causa de seu *status* e poder, contribuíram para a idéia de que estes outros ministérios são insignificantes. Tal conceito secular de ministério tem causado grande prejuízo à igreja de Cristo.

II. Argumento a Favor da Plena Inclusão das Mulheres em Todos os Ministérios da Igreja

O restante deste capítulo focalizará os ministérios das mulheres na Bíblia, "oficiais" ou publicamente reconhecidos. Que ministérios elas tinham, e quais as suas implicações na atualidade? Vamos começar considerando a evidência e os argumentos daqueles que pensam não haver limitações para as

mulheres no ministério. Avaliaremos estes argumentos somente depois que toda a evidência a favor da plena inclusão das mulheres no ministério for apresentada. De outro modo, seremos culpados de não ouvir com justiça ambos os lados.

A. Profetisas

Aqueles que não vêem restrições às mulheres no ministério argumentam que os profetas do Velho e do Novo Testamento eram mensageiros de Deus com autoridade. Evidentemente as mulheres ministraram como profetisas no Velho Testamento. Míriam é chamada de profetisa em Êxodo 15.20. A profetisa Hulda foi consultada pelos mensageiros de Josias (2 Reis 22.14-20). O exemplo mais significativo de uma profetisa é Débora (Juízes 4.4-5). Os feministas evangélicos consideram Débora particularmente importante porque ela atuou como uma juíza sobre Israel, o que incluiria o julgar a homens. Ela também exerceu autoridade sobre um homem, Baraque, que era comandante das tropas israelitas.

No Novo Testamento, também, mulheres profetizaram. Pode até haver alguma indicação de que era comum que elas o fizessem. A profetisa Ana agradeceu a Deus e falou a respeito de Jesus quando Ele foi trazido ao templo (Lucas 2.36-38). Pedro, citando a profecia de Joel, declara que, por ocasião do derramamento do Espírito, "vossos filhos e vossas filhas profetizarão... até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei meu Espírito naqueles dias, e profetizarão" (Atos 2.17-18; cf. Joel 2.28-32). As quatro filhas de Filipe são uma indicação de que esta promessa se cumpriu, pois todas elas profetizavam (Atos 21.9). Paulo também incentiva as mulheres a profetizarem, com o adorno apropriado (1 Coríntios 11.5). Aqueles que argumentam a favor da inclusão das mulheres em todos os ministérios ressaltam que, se Paulo pensasse que tal oração e profecia eram erradas, ele certamente não se importaria de explicar em detalhes como elas deveriam se adornar enquanto estivessem pecando!

Conclui-se, então, a partir tanto do Velho como do Novo Testamento, que as mulheres atuavam como profetas e usavam

este dom para a edificação do povo de Deus. Além disso, a profecia, de acordo com aqueles que argumentam em favor da ausência de limitações ao ministério das mulheres, é definida como uma proclamação autorizada da Palavra de Deus. Portanto, se as mulheres podem profetizar, podem também realizar qualquer ministério. Eles argumentam que a profecia possui tanta importância e autoridade quanto o ensino. De fato, em 1 Coríntios 12.28 o dom de profecia está posicionado acima do ensino. Quase todos concordam que as mulheres podem atuar como profetas, pois a evidência aqui está clara. Mas, se as mulheres podem ministrar como profetas, parece que também podem servir como mestras na igreja hoje, visto que a profecia é tão autoritária quanto o ensino.

B. Mulheres Mestras e Dons Espirituais

Além do mais, aqueles que defendem a não restrição às mulheres no ministério argumentam que mulheres atuaram como mestras na igreja. Quando Priscila e Áquila ouviram o ensino de Apolo, levaram-no consigo e explicaram-lhe com mais precisão o evangelho (Atos 18.26). A inclusão de Priscila na narrativa indica que ela deve ter ensinado a Apolo também. De fato, Lucas a menciona primeiro, e alguns sugerem que isto implica em que ela ministrou a maior parte do ensino. Este ministério de Priscila não parece ter sido desempenhado apenas nesta ocasião. Em Romanos 16.3, Paulo saúda a Priscila e a Áquila. O apóstolo os chama de seus cooperadores no evangelho, o que implica em que eles compartilharam com Paulo do ministério do evangelho. O envolvimento deles no ministério também está confirmado por 1 Coríntios 16.19, onde Paulo diz que havia uma igreja na casa deles.

O argumento a favor de mulheres mestras também é apresentado pelos dons espirituais. Ensinar é um dom espiritual (Romanos 12.7), e não há indícios de que as mulheres estejam excluídas deste dom. Todos os cristãos são aconselhados a ensinar uns aos outros (Colossenses 3.16) e a compartilhar com a comunidade o que aprenderam (1 Coríntios 14.26). Com certeza isso deve incluir as mulheres. Paulo também menciona as mulheres no papel de ensino em Tito 2.3.

Aqueles que advogam não haver restrição às mulheres afirmam que passagens como 1 Timóteo 2.11-15 não devem ser usadas para impor limitações às mulheres hoje. O trecho de 1 Timóteo 2.11-15, eles dizem, não foi escrito para proibir todo o ensino das mulheres aos homens. Ali Paulo está apenas proibindo o falso ensino ministrado por mulheres ou (de acordo com outros) prevenindo as mulheres que não tinham a educação necessária para ensinarem aos homens. Argumenta-se, portanto, que o objetivo desta passagem era corrigir abusos cometidos por mulheres em seu ensino e não proibir qualquer forma de ensino aos homens. O fato de que mulheres poderiam profetizar e de que Priscila se envolveu no ministério de ensino, mostra que as proibições nesta passagem não são absolutas.

C. Mulheres como Cooperadoras e Obreiras

Já foi observado, em Romanos 16.3, que Paulo chama Priscila de "cooperadora". É instrutivo observar que Paulo também chamou outros de cooperadores: Timóteo, Apolo, Urbano, Tito, Epafrodito, Aristarco, Marcos, Jesus (conhecido por Justo), Epafras, Demas e Lucas. Alguns destes conhecemos muito pouco, mas sabemos que Timóteo, Apolo, Tito, Epafrodito, Marcos, Epafras e Lucas pregaram o evangelho. Não se deduz, então, dizem aqueles que endossam a plena inclusão das mulheres em todos os ministérios, que Priscila fez o mesmo?

Além do mais, Priscila não é a única mulher a quem Paulo chama de cooperadora. Em Filipenses 4.2, ele exorta duas mulheres, Evódia e Síntique, a entrarem em acordo, no Senhor. Em 4.3, ele diz que, com ele, Clemente e o resto dos cooperadores, elas lutaram juntas no evangelho. A implicação é que Evódia e Síntique eram cooperadoras que ajudaram Paulo a semear as boas novas da salvação.

Este argumento pode se tornar mais específico. Em 1 Coríntios 16.16, Paulo exorta os coríntios a se submeterem à casa de Estéfanas e a "todo aquele que é cooperador e obreiro". Já vimos que três mulheres são chamadas de cooperadoras: Priscila, Evódia e Síntique. Visto que Paulo ordenou que os coríntios se submetessem a todos os

cooperadores e obreiros, parece lógico que estas mulheres assumiam posições de liderança na igreja, e, portanto, os homens eram-lhes submissos.

Também podemos notar que Paulo exorta os crentes a se submeterem a "todo obreiro" (1 Coríntios 16.16). Paulo costuma usar o verbo *trabalhar* para denotar o ministério e a instrução pastoral (1 Tessalonicenses 5.12; 1 Timóteo 5.17). Mas Paulo também menciona mulheres que trabalharam na igreja. Em Romanos 16.12, a respeito de três mulheres, Trifena, Trifosa e Pérside, diz-se que muito trabalharam no Senhor. Alguns concluem, portanto, que algumas mulheres eram líderes nas congregações.

D. Mulheres Diáconos

Também se argumenta que as mulheres atuavam em posições oficiais na igreja, pois desempenhavam o ofício de diácono. Muitos estudiosos argumentaram que esta é a interpretação mais provável de 1 Timóteo 3.11. As seguintes razões são apresentadas para apoiar a idéia de que Paulo está falando a respeito de mulheres diáconos: 1) Neste versículo Paulo se refere às mulheres da mesma forma que aos homens em 1 Timóteo 3.8, isto é, ele usa a palavra "semelhantemente". "Semelhantemente", em 3.11, sugere que as qualificações para os homens que são diáconos também se aplicam às mulheres diáconos. 2) Se Paulo estivesse falando a respeito das esposas dos diáconos, poderia ter deixado isso bem claro adicionando a expressão "de diáconos". Ao deixar a palavra *mulheres* sem qualquer qualificativo, Paulo estava falando de mulheres em geral, não apenas das mulheres dos diáconos.

Uma evidência de que mulheres ministravam como diáconos se encontra no caso de Febe. Em Romanos 16.1 Paulo diz que ela estava "servindo à igreja" (no grego, que ela era *diakonos* da igreja). E mais, Febe é chamada de *protetora*, em Romanos 16.2. Alega-se que este é um termo técnico usado em referência a um protetor legal ou um líder. Se tal interpretação é correta, Paulo aqui recomenda a Febe como diácono e líder de muitos.

E. Mulheres Presbíteros

Também se menciona evidências de que as mulheres podiam desempenhar a função de presbíteros. A segunda carta de João é dirigida à "senhora eleita". Alega-se que isso não se refere à igreja como um todo, porque a senhora eleita é distinguida de seus filhos (2 João 1,4). A "senhora eleita" se refere a uma mulher que tinha autoridade sobre seus filhos. Tal autoridade é semelhante ao ofício de presbítero. Além do mais, alguns sugerem que Paulo fala de mulheres presbíteros em Tito 2.3.

F. Mulheres Apóstolos

O que é mais relevante, frequentemente se alega que as mulheres também atuaram como apóstolos. Em Romanos 16.7, Paulo escreve: "Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos". Alguns comentaristas pensam que Júnias era um homem e que o nome aqui é uma forma contraída da palavra Junianus. No entanto, outros afirmam que este argumento não é persuasivo, pois não há exemplo na literatura grega com este nome contraído. Assim, é argumentado que o nome deve ser traduzido "Júnia" (feminino) em vez de "Júnias" (masculino). Isso mostraria que uma mulher quase certamente estava incluída entre os apóstolos. Obviamente isto levanta uma questão séria contra aqueles que querem negar às mulheres a plena participação em posições de liderança na igreja.

G. Conclusão

Resumindo, o argumento frequentemente apresentado em favor da plena inclusão das mulheres no ministério é cumulativo. Mulheres atuaram como profetas, e tal ministério é tão autoritário quanto o de ensinar. Mulheres possuem todos os dons espirituais, e isto inclui o dom de ensino e o de liderança. Há evidência no Novo Testamento de que mulheres ocuparam os ofícios de diácono, presbítero e apóstolo. Toda esta evidência está de acordo com a designação de Paulo, quando chamou algumas mulheres de cooperadoras no evangelho. As passagens que parecem limitar as mulheres no ministério podem ser explicadas pela situação à

qual Paulo se reporta e não devem ser usadas a fim de impor restrições às mulheres. À luz de tudo isto, como é que as pessoas podem restringir as mulheres no ministério da igreja?

III. Argumentos a favor de Restrições ao Ministério das Mulheres

A seção anterior mostrou que as mulheres participaram de várias formas de ministério, tanto no Velho como no Novo Testamento. A questão é se estes argumentos estabelecem que atualmente nenhuma restrição deve ser colocada ao ministério das mulheres, na igreja. Creio que não estabelecem. E me proponho a provar, segundo as Escrituras, que as mulheres participaram no ministério da igreja, mas o ministério delas foi complementar. Assim, o ministério das mulheres na igreja foi notável e significativo, mas nunca suplantou a liderança masculina; pelo contrário, funcionou como um apoio à liderança masculina. Este ponto de vista não elimina todo o ministério das mulheres. Em vez disso, vê o ministério das mulheres como complementar e apoiador.

A. Profetisas

Levando em conta o caso de Débora, de outras mulheres citadas na seção anterior e em 1 Coríntios 11.2-16, torna-se evidente que mulheres profetizaram a homens. Esta última passagem é absolutamente crucial para se entender corretamente o relacionamento de uma mulher para com um homem, enquanto ela profetiza. Qual é a preocupação de Paulo em 1 Coríntios 11.2-16? Sua preocupação é que as mulheres que profetizam o façam com o adorno apropriado. Por que ele está preocupado a respeito de como elas se adornam? O adorno apropriado mostra que uma mulher é submissa à liderança masculina até mesmo enquanto profetiza. O seu adorno indica se o homem é ou não o cabeça, ou seja, a autoridade.

As implicações para nosso estudo são claras. Paulo afirma que mulheres têm dons proféticos, e ele quer que elas os exercitem na igreja. Mas devem fazê-lo de uma maneira que não usurpe a

liderança masculina. Assim, Paulo sustenta a noção de que liderança masculina é o padrão ordenado por Deus para a igreja.

Débora, como vimos, se destaca no Velho Testamento como uma mensageira com a autoridade concedida por *Yahweh*. É importante, porém, notarmos a forma como realizou seu ministério profético. 1) Débora parece ser, dentre os juízes, a única que não teve função militar alguma. Os outros juízes também levaram Israel à vitória na batalha, mas Débora recebe uma palavra do Senhor de que Baraque deve fazer isto (Juízes 4.6-7). Assim, Débora dá prioridade a um homem. 2) Há uma implícita repreensão a Baraque em Juízes 4. Ele não deseja ir à batalha sem Débora (4.8). Por causa de sua relutância, a glória naquele dia seria de uma mulher (4.9). Mas observe que a mulher não é Débora, e, sim, Jael (Juízes 4.17ss.). Em outras palavras, Débora transmitiu a palavra de Deus, mas sua atitude e comportamento foram tais que ela não impôs sua liderança. 3) O papel profético de Débora parece estar limitado à instrução individual. Juízes 4.5 diz: "Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo". Observe que Débora não saía e proclamava a todo o povo a palavra do Senhor. Em vez disso, as pessoas visitavam-na em particular, a fim de receber uma palavra do Senhor. Quando falou a Baraque, ela o chamou e conversou com ele individualmente (Juízes 4.6,14). A diferença entre o ministério profético de Débora e o dos profetas do Velho Testamento é clara. Ela não exercia seu ministério em um lugar público como eles o faziam.

Um argumento confirmador deste ponto de vista encontra-se no caso de Hulda (2 Reis 22.14-20). Ela não anunciava publicamente a Palavra de Deus. Pelo contrário, quando Josias enviou-lhe mensageiros, ela explicou-lhes em particular a Palavra do Senhor. Ela exerceu seu ministério profético de uma maneira que não obstruiu a liderança masculina.

É importante destacar que a profecia difere do ensino. A profecia se baseia na revelação espontânea (1 Coríntios 14.29-33a); o ensino é uma exposição da revelação recebida. Um profeta, portanto, não desempenha um ofício semelhante ao de um mestre.

No Velho Testamento, os profetas falavam a revelação de Deus ao povo, mas o povo ia aos sacerdotes para receber instrução autoritária, baseada na tradição (Levítico 10.11; Malaquias 2.6-7). É instrutivo observar, no Velho Testamento, que algumas mulheres foram profetas mas nunca sacerdotes. Isto nos mostra que a profecia é um dom diferente do ensino, e, quando mulheres ministravam como profetas, elas o faziam manifestando um comportamento e uma atitude que apoiavam a liderança masculina.

Além disso, Wayne Grudem tem argumentado que o dom de profecia do Novo Testamento não é o mesmo que o dom profético do Velho Testamento. Os profetas do Velho Testamento falavam a Palavra do Senhor, e o que eles diziam era absolutamente autoritário. Cada palavra era recebida como a própria Palavra de Deus. Mas as palavras dos profetas do Novo Testamento parecem não ter o mesmo grau de autoridade absoluta. Paulo exorta a igreja a separar, nas declarações proféticas, as coisas boas das ruins: "Não desprezeis profecias; julgai todas as cousas, retende o que é bom" (1 Tessalonicenses 5.20-21). Quando Paulo diz: "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem" (1 Coríntios 14.29), ele usa o verbo *julgar,* que significa "classificar e separar algumas coisas de outras". Isto implica em que, nas profecias do Novo Testamento, nem toda palavra podia ser entendida como sendo a Palavra de Deus.

Por que esta distinção é tão relevante para nossa discussão? Ela fornece mais uma evidência, particularmente com relação ao Novo Testamento, de que profecia não é um dom tão autoritário quanto o de ensinar. Ensinar envolve uma exposição sistemática da revelação divina *já manifestada*, enquanto profecia no Novo Testamento ocorria quando alguém tinha uma revelação espontânea. O todo ou partes dessa revelação podiam ou não vir do Senhor. A igreja não aceitava tais revelações de forma acrítica, mas colocava-as sob julgamento cuidadosamente. Assim, o fato de que mulheres profetizavam na igreja não implica logicamente em que elas podiam ensinar aos homens, pois ensinar e profetizar são dons diferentes.

Resumindo, as mulheres que tinham o dom de profecia no Velho Testamento não o exerciam em fórum público, como o faziam os profetas masculinos do Velho Testamento. A razão para isto é que tal exercício público de autoridade contestaria a liderança masculina. No Novo Testamento as mulheres podiam profetizar no culto da igreja. Mas Grudem mostra que a profecia no Novo Testamento não é tão autoritária quanto a profecia no Velho ou o ensino no Novo Testamento. E, ainda que alguém rejeite a interpretação de Grudem, 1 Coríntios 11.2-16 deixa claro que as mulheres que profetizavam, no Novo Testamento, deviam fazê-lo de tal modo que reconhecessem e apoiassem a liderança masculina. Assim, o ensino bíblico sobre mulheres profetas não contradiz a autoridade masculina; ao contrário, ele apóia a liderança masculina na igreja.

B. O Ensino e os Dons Espirituais

Foi argumentado anteriormente que Priscila ensinou a Apolo e que as mulheres têm todos os dons espirituais, inclusive o de ensino e o de liderança. Várias coisas podem ser ditas em resposta a isto:

1) É difícil afirmar, pelo relato de Atos, até que ponto Priscila ensinou a Apolo, uma vez que tanto Priscila como Áquila são mencionados (Atos 18.26). Mesmo que Priscila tenha ensinado tudo, isto não é o mesmo que ensinar com autoridade, publicamente, numa posição de liderança. Com certeza, Abigail "ensinou" a Davi na passagem que vimos em 1 Samuel 25, mas ninguém diria que ela tinha uma posição de liderança sobre homens. Geralmente se alega mais a respeito do exemplo de Priscila e Áquila do que é permitido pelo texto.

2) "Ensinar" em Tito 2.4 não é a palavra comumente empregada por Paulo, mas deriva-se de uma palavra que significa "avisar, incentivar ou instar". Em todo caso, esta passagem não apóia mulheres ensinando a homens, porque os versículos dizem que mulheres mais velhas devem ensinar as mais jovens. No mínimo, este texto apoiaria o ponto de vista tradicional, que vê um papel complementar, mas distinto, para as mulheres.

3) O argumento a respeito dos dons espirituais não é apresentado com cuidado suficiente. As mulheres cristãs com certeza possuem todos os dons espirituais. Porém, isso significa que não há restrições quanto ao exercício destes dons? Se nossa interpretação de passagens como 1 Timóteo 2.11-15 está correta, então as mulheres não podem exercer, de modo público e para os homens, seu dom de ensino. Isto não anula o fato que as mulheres possuem o dom de ensino ou de liderança. Na verdade, elas devem exercitar primariamente esses dons entre as outras mulheres. Isto se harmoniza com as instruções de Paulo dadas às mulheres mais velhas, em Tito 2.3-4. Então é impróprio concluir, pelo ensinamento de Paulo sobre dons espirituais, que não há limitações ao ministério público das mulheres. Deve-se considerar todo o ensinamento de Paulo sobre o assunto.

C. Mulheres como Cooperadoras e Obreiras

Anteriormente foram citados vários textos que falavam de mulheres cooperadoras e obreiras. É evidente que algumas mulheres desempenharam um papel significativo no ministério do evangelho. Mas é incorreto definir, a partir destes vagos termos, a exata natureza do ministério delas. Todos os líderes da igreja eram cooperadores e obreiros, mas nem todos os cooperadores e obreiros eram necessariamente líderes. Há muitas maneiras como as mulheres poderiam ter sido cooperadoras e obreiras, sem ocuparem posições de liderança sobre os homens. Elas poderiam, por exemplo, ser profetas ou provavelmente diáconos, sem violarem a liderança masculina.

Também pode ser contestada a ordem paulina para os crentes se submeterem "a todo aquele que é cooperador e obreiro (1 Coríntios 16.16). É importante notar que esta ordem se acha em um contexto particular. Não se pode generalizá-la, a fim de provar que as mulheres eram líderes na igreja. Os versículos 15-16 deixam claro que Estéfanas e outros eram líderes na igreja dos coríntios. No contexto, não há evidência de que qualquer um destes cooperadores e obreiros, em Corinto, fossem mulheres.

Alguém poderá dizer que a referência à "casa de Estéfanas" revela que as mulheres deviam estar incluídas. Este argumento,

porém, se mostra exagerado. Com certeza, ninguém diria que as crianças na casa de Estéfanas eram líderes na igreja; no entanto, elas faziam parte daquela família.

Uma lição é óbvia: aqueles que querem provar que as mulheres assumiram posições de autoridade sobre os homens, na igreja, têm de provar sua posição a partir de exemplos irrefutáveis, e não a partir do vago palavreado que Paulo utiliza aqui. Ao invés de recorrer a termos vagos, deveríamos deixar que o claro ensinamento de Paulo, em outros lugares, seja nosso guia para entendermos o papel das mulheres na igreja.

D. e E. Mulheres Diáconos e Presbíteros

Vimos que muitos pensam que Febe é chamada de diácono em Romanos 16.1. Deve-se notar, porém, que a palavra *diakonos*, como destacamos acima, é sempre um termo genérico. Portanto, não se pode ter certeza de Febe ter sido uma diaconisa.

Na realidade, a palavra utilizada neste versículo é a mesma usada em Filipenses 1.1 e 1 Timóteo 3.8, onde Paulo escreve a respeito de diáconos. De fato, Paulo está chamando Febe de "diácono" e não de "diaconisa".

Semelhantemente, não é correto dizer que Febe é chamada de "líder" no versículo 2. A palavra grega, traduzida por *protetora* é um substantivo feminino que significa "protetora, patrona, ajudadora". Parece haver um jogo de palavras ali. Paulo está afirmando: "Ajudem a Febe, pois ela tem sido uma grande ajuda para outros e para mim". Isto não é a mesma coisa que chamá-la de líder. Observe também que é altamente improvável que Paulo diria que Febe ocupava uma posição de autoridade sobre ele. Ele não disse isso a respeito de ninguém, exceto Cristo; nem mesmo dos apóstolos em Jerusalém (ver Gálatas 2.6-7,11).

Com respeito a mulheres diáconos (1 Timóteo 3.11), não precisamos chegar a uma conclusão definitiva. Mesmo que mulheres fossem designadas como diáconos, não eram nomeadas presbíteros. Duas qualidades exigidas dos presbíteros — ser apto para ensinar e governar a igreja — não fazem parte da responsabilidade dos diáconos (1 Timóteo 3.2,5; cf. 1 Timóteo 5.17; Tito 1.9; Atos 20.28). A tarefa dos diáconos consistia

principalmente em serviço prático, a fim de atender às necessidades da congregação. Isto é sugerido de Atos 6.1-6, onde sete homens foram escolhidos para cuidarem da distribuição diária às viúvas. Os presbíteros têm a responsabilidade de ensinar e liderar a igreja. Portanto, nomear as mulheres para uma função de apoio aos diáconos sustenta a tese principal deste capítulo, como o faz o excluir as mulheres do ofício de presbítero.

Até aqui, o que temos visto é consistente com o padrão do Velho Testamento. As mulheres no Velho Testamento atuavam ocasionalmente como profetas, mas não como sacerdotes. No Novo Testamento, as mulheres ministravam como profetas e possivelmente como diáconos, mas não como presbíteros.

Alguns têm usado a "senhora eleita", em 2 João, como argumento a favor de mulheres como presbíteros. Mas aquela é, quase com certeza, não uma referência a uma mulher em particular, e, sim, à igreja. 1) João usa a segunda pessoa do plural nos versículos 6,8,10 e 12. O plural demonstra que ele não está escrevendo apenas a uma pessoa; está escrevendo a toda uma igreja. 2) A descrição da igreja como "senhora" concorda bem com o restante das Escrituras. Paulo e João retratam a igreja como a noiva de Cristo (Efésios 5.22-33; Apocalipse 19.7). A nova Jerusalém é descrita como uma noiva (Apocalipse 21.2). 3) A referência à "senhora" e "seus filhos" em 2 João não sugere que ela seja distinta de seus filhos. A "senhora" é a igreja como um todo; os "filhos" são, individualmente, os membros.

Aqueles que acham uma referência a mulheres presbíteros em Tito 2.3 estão enganados. Paulo usa a palavra que significa "mulheres mais velhas". *Presbytidas* está relacionada à palavra *presbyteros,* usualmente empregada para se referir aos presbíteros, mas é diferente desta. Se Paulo desejasse se referir a mulheres presbíteros, poderia facilmente ter usado a forma feminina, *presbytera.* Mas não o fez; usou uma palavra distinta, que nunca se refere a presbíteros.

Além disso, Tito 2.2 demonstra claramente que Paulo não está falando de mulheres presbíteros no versículo 3. No versículo 2, ele se dirige a "homens mais velhos". Observe que Paulo não usa a palavra que indica um ofício na igreja. Pelo contrário,

Paulo usa a palavra *presbytas,* que sempre se refere a homens mais velhos (cf. Lucas 1.18; Filemon 9). Portanto, não há dúvida de que Paulo está falando de homens mais velhos no versículo 2 e de mulheres mais velhas no versículo 3.

F. Mulheres Apóstolos

Júnias era uma mulher apóstolo? Devemos dizer que Romanos 16.7 é obscuro em três aspectos. 1) Não se pode definitivamente determinar que Júnias era uma mulher. O nome pode ser uma contração de um nome de homem, Junianus. 2) Alguns estudiosos alegam confiantemente que o versículo significa que Andrônico e Júnias eram apóstolos de destaque. Mas também é possível que o texto esteja dizendo que eles eram "de destaque aos olhos dos apóstolos". 3) Mesmo que entendamos que Paulo esteja falando de uma mulher e ele a designa como apóstolo distinto, o que ele quer dizer aqui com a palavra *apóstolo*? Ele está atribuindo a Júnias a mesma posição que atribui a si mesmo, aos doze e a Tiago? A palavra *apóstolo*, nos escritos de Paulo, podia ser usada com um sentido não-técnico, para se referir a "mensageiros" ou "representantes" (2 Coríntios 8.23; Filipenses 2.25). Em todo caso, Romanos 16.7 é muito ambíguo para ser usado com o propósito de estabelecer a noção de que havia apóstolos mulheres no sentido técnico.

Em contraste, é notável que Jesus não selecionou uma única mulher para ser apóstolo, e as outras figuras claramente apostólicas no Novo Testamento são homens: Paulo, Tiago e Barnabé. Nem um só exemplo indiscutível de um apóstolo mulher pode ser citado do Novo Testamento.

G. Bilezikian diz que Jesus escolheu doze homens, para ra
serem seus apóstolos, por causa de "constrangimentos culturais" que teriam tornado o ministério de mulheres "inaceitável". Há pelo menos dois problemas com esta afirmação. 1) Em nenhum outro lugar Jesus cedeu a pressões culturais, quando uma questão moral estava em jogo. Sugerir que Ele cedeu por esta razão impugna sua coragem e integridade. Jesus se associou com cobradores de impostos e pecadores, curou no sábado, elogiou gentios que manifestaram possuir grande fé e repreendeu os

escribas e fariseus. Todas estas ações trouxeram considerável pressão cultural sobre Jesus, e, no entanto, ele continuou a fazer o que era correto. Assim, é improvável que Jesus não tenha nomeado um apóstolo mulher meramente por causa de razões culturais. 2) Se Júnias era um apóstolo, então a relutância de Jesus em nomear uma mulher apóstolo torna-se ainda mais censurável. Pois, em apenas alguns poucos anos depois da ressurreição de Jesus, a igreja (de acordo com Bilezikian) se dispôs a nomear mulheres apóstolos. A cultura teria mudado tão drasticamente nos poucos anos após o ministério de Jesus? Esta visão de Bilezikian sugere que a igreja primitiva foi ainda mais corajosa do que Jesus; isto certamente é incorreto!

Deve-se dizer que alguns, que argumentam a favor da não restrição ao ministério das mulheres na igreja, argumentam a partir de versículos isolados e ambíguos, tais como Romanos 16.7 e Atos 18.26. Outros apelam para o fato de ter existido uma igreja na casa de uma mulher, mas isso nada diz a respeito de quem eram os líderes da igreja. A igreja se encontrava na casa de Maria em Atos 12.12, mas não há razão para se pensar que Maria fosse uma líder da igreja naquela ocasião. É também irrelevante apelar para o fato de que Jesus conversou com a mulher samaritana, tratou as mulheres com dignidade e apareceu a elas primeiro após a sua ressurreição. Sem dúvida, Jesus tratou as mulheres com dignidade e respeito, e devemos aprender de seu exemplo. Porém, tais argumentos não são diretamente relevantes ao se discutir o assunto das mulheres em funções de liderança.

G. Conclusão

Na minha opinião, está claro que escritores bíblicos consistentemente atribuem aos homens a responsabilidade máxima pela liderança da igreja.

IV. Valiosos Ministérios das Mulheres

Este capítulo não deveria terminar com uma nota negativa, pois queremos destacar valiosos ministérios das mulheres na igreja atual. Com o que foi dito poder-se-ia ter a impressão de que o

principal tema da Bíblia é apresentar limitações ao ministério das mulheres na igreja. Na realidade, as Escrituras impõem apenas algumas restrições ao ministério feminino. De fato, as possibilidades de ministério para mulheres são muitas.

Que nenhuma mulher diga que, se há algumas restrições ao ministério das mulheres, então não há nada de valor para ela fazer. Certamente há muito trabalho a fazer, o qual não pode ser realizado apenas pelos homens. Bilhões de pessoas precisam ouvir o evangelho (a maioria delas mulheres e crianças). Em nosso país, milhões de pessoas estão sem Cristo e passando por muito sofrimento. Há tanto para fazer, a fim de levarmos avante o evangelho de Cristo, que nenhuma mulher deve recear não haver lugar para ela no ministério da igreja.

Um dos mais importantes ministérios para as mulheres (e homens também!) é a oração. Sem oração, a obra do reino de Deus na terra não avançará. Se relegamos a oração a um lugar secundário em nossa lista de prioridades, então estamos realmente demonstrando que ela não é fundamental. Como precisamos de um reavivamento de oração na igreja hoje e de uma busca por Deus de forma intensa e plena de fé! Que ministério significativo as mulheres podem ter na oração em favor da obra de Deus na terra! Tanto as mulheres como os homens deveriam pedir a Deus um derramamento de seu Espírito sobre nós, para que a mensagem do evangelho seja proclamada em poder.

As mulheres têm contruibuído e continuarão a contribuir para o avanço do evangelho em missões. De inúmeras maneiras uma mulher pode ajudar seu marido em um campo missionário. E, como esposa, pode exercer, por palavra e exemplo sereno, um notável impacto sobre uma cultura sem Deus, especialmente porque grande parte das pessoas em qualquer cultura é composta de mulheres e crianças. Acredito que as mulheres podem proclamar o evangelho aos homens em campos missionários. 1 Timóteo 2.11-15 proíbe apenas o ensino autoritário a um grupo de cristãos dentro da igreja, não a evangelização àqueles que se encontram fora da igreja. A proclamação do evangelho não é uma tarefa limitada aos homens da igreja. Porém, a mulher deve explicar claramente

aos seus ouvintes (como o têm feito muitas mulheres missionárias na história) que cabe aos homens assumir papéis de liderança na igreja, assim que esta for estabelecida.

Tito 2.3-5 indica que as mulheres maduras têm a responsabilidade de instruir as mais jovens sobre uma vida de santidade. Atualmente há mais mulheres do que homens nas igrejas evangélicas. Como a igreja necessita de mulheres santas que instruam as mulheres mais jovens na vida cristã!

Na minha opinião, existem também algumas maneiras como as mulheres podem instruir tanto a homens como a outras mulheres. É possível uma mulher apresentar um ponderado ponto de vista feminino, sem que o ensino autoritário aos homens esteja envolvido. Considere, por exemplo, o ministério de Elisabeth Elliot, a quem Deus tem usado de modo notável. Além do mais, as mulheres podem exercer seus dons criativos através da escrita. Vários dos livros cristãos mais lidos, hoje em dia, foram escritos por mulheres.

Há tantos ministérios pelos quais a mulher cristã pode levar avante a causa de Cristo e da justiça! Enumerarei alguns para que se tenha uma idéia do vasto campo disponível: engajar-se no evangelismo pessoal, envolver-se no ministério aos enfermos e anciãos, escrever aos líderes governamentais a fim de promover a causa da justiça, ajudar os inválidos e os pobres, aconselhar os que estão perturbados e confusos, orar com os atribulados, visitar os recém-chegados à igreja, manifestar hospitalidade aos desamparados, ministrar música, artes visuais e drama, ajudar no ministério dos jovens, etc.

Embora não seja o único, o ministério de esposa e mãe é provavelmente um dos mais significativos para as mulheres. Pensemos nas mães piedosas, como Sara, Ana, Rute e Maria. Que papel importante elas desempenharam na história da redenção! Sua influência sobre seus maridos e filhos ainda não é completamente conhecida por nós. Que tragédia que o papel das mulheres como esposas e mães seja visto hoje como possuindo um valor secundário! No entanto, Deus determinou que a maioria das mulheres encontrem plena realização no exercício deste ministério.

Outra área em que mulheres podem ter um ministério poderoso é com as crianças da igreja. As igrejas estão clamando hoje por mulheres que trabalhem com crianças, e é cada vez mais difícil encontrar alguém disponível. Acredito que em parte isso resulta do fato que nossa cultura não pensa que tal ministério é relevante. Também precisamos de homens trabalhando com as crianças, mas as mulheres são particularmente qualificadas por Deus para trabalharem com elas. Como necessitamos de mulheres que, através do ensino e do exemplo, ajudem a moldar as crianças em nossas igrejas e escolas!

É claro, outros exemplos de ministérios para as mulheres poderiam ser citados, pois, em um mundo que sofre e está perdido, as possibilidades são infinitas. Basta dizer que Deus capacitou as mulheres para ministérios específicos, a fim de que ela encontre neles a sua própria realização e Deus seja glorificado. Assim, o corpo de Cristo é edificado e a igreja consegue realizar sua obra no mundo.

6

A Masculinidade e a Feminilidade na Prática

Uma Abordagem Sobre a Família e a Igreja

George W. Knight III

Como temos visto por todo este livro, a Bíblia é clara em ensinar que os homens e as mulheres são iguais diante de Deus e co-herdeiros na vida cristã. A Bíblia também é clara em mostrar que, embora tendo muito em comum, os homens e as mulheres são chamados para diferentes papéis no casamento e na igreja. Deus chama os homens para servirem como líderes e as mulheres para se submeterem a essa liderança. Ele chama os homens para liderarem de uma maneira amável, gentil e compreensiva (ver Efésios 5.25; 1 Pedro 3.7). E chama as mulheres a se submeterem voluntária, mansa e respeitosamente a essa liderança (ver Efésios 5.24,33; 1 Pedro 3.1,2).

Neste capítulo desejamos considerar como cumprir estes papéis bíblicos nas situações do dia-a-dia. Mas, antes de prosseguir, precisamos estar conscientes das forças que militam contra nós.

O Efeito do Pecado

Em Gênesis 3.16 Deus fala do efeito do pecado no relacionamento entre homens e mulheres: "O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará". Nestas palavras, Deus indica os resultados do pecado. Em vez de liderar de um modo atencioso, os homens procurarão "dominar" de um modo não-amável. As mulheres, em vez de serem ajudadoras submissas, desejarão usurpar a autoridade dos maridos. Assim como o pecado

trará dor à alegria do nascimento de filhos e dificuldade à alegria do trabalho, assim também trará rivalidade ao relacionamento entre o homem e a mulher.

Vemos o horrível cumprimento desta maldição. Naqueles povos onde os efeitos do evangelho ainda não foram sentidos, os homens têm dominado as mulheres. Em contraste, em nações onde o evangelho tem exercido forte influência, o *status* de co-herdeiro de homens e mulheres emergiu como um maravilhoso resultado. Mas agora, nessas mesmas nações, contemplamos a secularização substituindo os efeitos do evangelho. A sociedade moderna está dando expressão ao lado pecaminoso da maldição de Gênesis 3. As mulheres desejam remover qualquer papel distintivo em seu relacionamento com os homens. No lar e na igreja, as mulheres querem ser tão líderes quanto os homens. Enquanto isso, os homens estão se tornando cada vez mais passivos ou abusivos em seu relacionamento com as mulheres. Embora possamos ver na sociedade o desenrolar do pronunciamento profético de Deus, devemos também estar cientes da presença destas mesmas tendências em cada coração humano, inclusive nos corações dos homens e das mulheres cristãs.

A Correlação entre Papel e Atitude

Precisamos também notar a maneira como os apóstolos apresentam seu ensino a respeito do papel do homem e da mulher. Eles ensinam duas coisas ao mesmo tempo. Primeiramente, reafirmam as funções do homem e da mulher baseados na criação, funções estas que demonstram a liderança do homem e a submissão da mulher. Em segundo lugar, os apóstolos exigem atitudes e ações específicas. Visto que pessoas em autoridade sempre procuram dominar com atitudes egoístas e cruéis, os homens recebem instrução de não manifestarem amargura para com suas esposas (Colossenses 3.19), mas amá-las (Efésios 5.25), sustentá-las e apreciá-las (Efésios 5.29), honrando-as como co-herdeiras (1 Pedro 3.7). Igualmente, as pessoas que estão debaixo de autoridade sempre se ressentem do seu papel e procuram tomar a posição de liderança. Por isso, as mulheres repetidamente são exortadas a serem submissas, porque esta é a

vontade de Deus (1 Pedro 3.1; Colossenses 3.18). Isto deve ser feito como ao Senhor (Efésios 5.22) e com um espírito manso e tranquilo (1 Pedro 3.4).

Estes são os princípios que as Escrituras fornecem a fim de nos orientar em nossos relacionamentos. Esta correlação entre o papel e a atitude deve ser preservada com equilíbrio, enquanto discutimos os acontecimentos do dia-a-dia, no casamento e na igreja.

I. A Família

A. Os Papéis Distintos do Marido e da Esposa

Já vimos em Gênesis 3 que Deus descreveu os efeitos do pecado no relacionamento humano. É importante notar que Deus relacionou a maldição às responsabilidades particulares da mulher e do homem. Assim, à mulher Ele diz: "Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gênesis 3.16). Observe como Deus fala sobre o que era singular para ela como mulher, a saber, ser mãe e esposa. Semelhantemente, ao homem Ele declara: "Maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida" (Gênesis 3.17). Desta forma, Deus delineia qual é a principal vocação do homem, a saber, a responsabilidade de prover o necessário para sua mulher e sua família.

Observe que estas distinções são feitas no amanhecer da civilização humana, antes do desenvolvimento de qualquer sociedade ou cultura particular. Portanto, esta é a perspectiva divina e não uma perspectiva "vitoriana" ou "tradicional".

Consequentemente, é importante, no casamento e na família, que o homem realize sua responsabilidade como o provedor principal. Ele deve assumir essa responsabilidade voluntária e alegremente. É também importante para a mulher realizar sua responsabilidade como a principal pessoa a cuidar dos filhos e da casa. Assim, ela desejará estar com seus filhos em seus anos de formação, quando são muito dependentes dela e precisam de sua presença. É neste espírito que o apóstolo Paulo incentiva as jovens viúvas a que "se casem, criem filhos, sejam

boas donas de casa" (1 Timóteo 5.14); e incentiva as mulheres casadas a serem "boas donas de casa" (Tito 2.5).

Com tristeza afirmamos que, quando estas distinções não são mantidas, as crianças deixam de desenvolver identidades sexuais saudáveis. Os casamentos tendem a se romper, porque marido e mulher não são mais dependentes um do outro, e, sim, cada vez mais independentes, prontos a seguir cada um o seu próprio caminho.

B. Quanto à Esposa e Mãe que Trabalha Fora de Casa?

Alguns cristãos têm interpretado Tito 2.5 ("boas donas de casa") como significando que qualquer trabalho fora de casa é impróprio para a esposa e mãe. Mas o texto não afirma isso. Uma tradução de Tito 2.5 diz: "Estarem ocupadas em casa". Isto capta a força da admoestação de Paulo, ou seja, que uma esposa deve ser uma dona de casa diligente. Provérbios 31 retrata uma mulher cujo apoio a sua família se estende além dos afazeres domésticos. "Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho ... ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores" (Provérbios 31.16,24). Observe como o quadro de Provérbios não é contrariado pelo apóstolo Paulo.

Além disso, devemos entender que o lar está em foco na passagem de Provérbios. A mulher em Provérbios trabalha para cuidar de sua própria família (vv. 21 e 27). Mas também trabalha para apoiar a liderança do seu marido na comunidade (v. 23). Com seu trabalho, ela procura ajudar o pobre e o necessitado (v. 20).

Então, eis algumas perguntas chaves a respeito de uma esposa e mãe que trabalha fora de casa: Isso realmente beneficia a família? Ajuda o seu marido em seu chamado? Traz benefício aos outros? Consegue realizar estas atividades, enquanto se mantém fiel ao seu principal chamado de ser uma esposa e mãe e cuidar de sua casa?

Deve-se observar que a mulher de Provérbios 31 não está buscando "a sua realização" ou seguir sua própria carreira, mas servir à família. No entanto, no final ela recebe honra de sua

família e reconhecimento por seus trabalhos (vv. 28, 29 e 31). Isto acontece porque ela conduz tudo em obediência ao Senhor, a quem reverencia (v. 30).

C. Decisões de Maridos e Mulheres

Existe um delicado equilíbrio a ser mantido no processo de tomar decisões. O marido é o líder em um relacionamento entre duas pessoas iguais e que possuem a imagem de Deus. O marido deve honrar a esposa e respeitar as opiniões e sentimentos dela sobre o assunto em discussão (1 Pedro 3.7). Deve levar em consideração tanto as suas próprias forças e fraquezas quanto as dela (1 Pedro 3.8). Ele não deve passar a liderança à mulher, como o fez Adão em relação a Eva; nem agir áspera e severamente, como Nabal o fez. Observe como Nabal não buscou o conselho sensato que sua mulher poderia lhe ter dado (1 Samuel 25.2-38). Afinal, a mulher é dada ao marido para ser sua "ajudadora" (Gênesis 2.18).

Marido e mulher, então, devem tentar chegar a uma satisfatória decisão mútua, após discussão e oração e após consultarem os princípios da Palavra de Deus. Isto deve ser feito sob a liderança do marido, que deve iniciar este processo. Visto que o pecado traz limitações a nossa compreensão, haverá ocasiões quando não se chegará a um consenso. Nesta situação, é responsabilidade do marido exercer seu papel de liderança e tomar a decisão. A mulher, porém, precisa se submeter a essa decisão, a menos que a decisão seja claramente maligna (ver 1 Samuel 25.14; Atos 5.29).

D. Transferência de Empregos e Mudança para Outra Cidade

Para ilustrar o assunto do processo de decisões, tratemos da questão da transferência de emprego e da mudança da família. Vamos presumir que o marido tenha uma oportunidade de se transferir para um emprego melhor. A mulher, porém, não se sente inclinada a mudar-se, pois gosta do local onde mora e não quer desistir de seu próprio emprego.

O marido e a mulher devem orar sobre o assunto e buscar entender o ponto de vista um do outro. Devem considerar o bem-estar total da família e não simplesmente os benefícios do novo

emprego. Uma decisão para não se mudar seria apropriada, contanto que a mulher não tenha usurpado a liderança do seu marido e feito com que ele se rendesse. Por outro lado, o marido pode estar convencido de que a mudança favorece os melhores interesses de sua família e verdadeiramente glorificará a Deus. Em tal caso, ele deve solidariamente guiar a família ao longo do período de transição.

Em tal caso, parece-me que dois são os fatores chaves. Primeiro, o homem, mais do que a mulher, é chamado para dedicar seu tempo e energia fora de casa, na área do trabalho. Segundo, a mulher é criada para ser a ajudadora do homem. Assim, o trabalho do marido deve ter precedência sobre o da mulher. Ela deve desejar ajudar seu marido a cumprir o chamado dele, ainda que isso signifique a desistência de sua própria posição. Possuir uma perspectiva clara a respeito deste assunto eliminará muitos conflitos que podem surgir.

E. Cuidar da Casa e das Crianças

Esta é outra área em que os cristãos precisam implementar os princípios bíblicos cuidadosamente. As Escrituras indicam que, no dia-a-dia, cabe à mulher o gerenciamento dos filhos e da casa. A primeira carta a Timóteo 5.14 diz que as mulheres devem ser "boas donas de casa". A palavra grega traduzida por "sejam boas donas de casa" é um termo muito amplo. Provérbios 31 indica algumas das muitas formas em que este ministério é realizado: "Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça" (vv. 26-27). O marido deve reconhecer este chamado e conceder à sua mulher a liberdade de agir debaixo de sua liderança. Ao mesmo tempo, ela deve ser submissa e reconhecer que seu marido é responsável pela administração geral da casa (1 Timóteo 3.4-5).

Embora a mulher tenha maior contato com seus filhos e mais oportunidades de supervisioná-los, é o marido e pai o responsável pela instrução e supervisão geral das crianças (Efésios 6.4; 1 Timóteo 3.4). É imperativo que os pais realizem esta tarefa em conjunto, de tal modo que seus filhos sejam educados e a liderança do pai sobre a família seja manifesta. Portanto, marido

e mulher não devem permitir que os filhos os joguem um contra o outro, procurando infringir suas ordens. Diante das crianças, os pais devem sustentar as decisões um do outro; especialmente a mãe deve ratificar a liderança do pai. Os pais devem resolver quaisquer diferenças em particular, longe dos filhos.

O pai deve ter o cuidado de evitar exasperar ou provocar seus filhos (Efésios 6.4; Colossenses 3.21). É possível um pai desanimar e irar seus filhos, ao fazer exigências injustas ou ao falar de modo cruel. Isto, por sua vez, torna difícil a sujeição da mulher à sua liderança. Diante dos filhos, então, os pais devem ter o cuidado de demonstrar respeito mútuo. Os filhos devem ver que o pai genuinamente ama a esposa e que a mãe deseja se submeter à liderança do marido. Este pode ser o melhor ambiente para os filhos aprenderem a submissão tanto ao pai como à mãe.

A distribuição de tarefas no lar deve levar a sério os respectivos papéis do homem e da mulher. O cuidado das crianças é o chamado específico da mulher. Em um ambiente familiar normal, não seria natural o marido assumir esta tarefa e entregar a de "ganhar o pão" à sua mulher. Isto não significa que ele não deve se envolver no treinamento dos filhos. Mas, seu tempo é limitado por causa de sua responsabilidade como provedor.

II. A Igreja

Devem ser confirmadas, na vida da igreja, duas verdades bíblicas fundamentais, com relação aos homens e às mulheres. A primeira é sua igualdade como portadores da imagem de Deus e companheiros cristãos (Gênesis 1.27; 1 Pedro 3.7). A segunda é o papel de liderança ao qual os homens são chamados por Deus a realizar na igreja. O apóstolo ordena que as mulheres não tenham permissão de ensinar ou exercer autoridade sobre o homem (1 Timóteo 2.12).

A. O Uso dos Dons das Mulheres

As mulheres devem usar seus dons de todas as formas que os demais cristãos, exceto naquelas áreas explicitamente proibidas pelas Escrituras. Podemos ver isto no ensinamento de Paulo a

respeito dos dons em 1 Coríntios 11-14. No capítulo 14 as mulheres são excluídas apenas de falar na igreja onde o "ensino" congregacional esteja envolvido (1 Coríntios 14.34,35). No capítulo 11 estas mulheres têm permissão de orar e profetizar, mas pede-se que, ao fazê-lo, não abandonem o sinal cultural de sua submissão (1 Coríntios 11.1-16).

Algumas aplicações práticas podem ser extraídas destes princípios. Se todos os outros membros da igreja participam votando em reuniões congregacionais, então, é claro que as mulheres, também membros da igreja, compartilham desse direito. Se todos os outros adoradores participam do culto, compartilhando e orando, então as mulheres devem participar igualmente. Não se deve concluir erroneamente que as Escrituras se opõem a qualquer tipo de ensino ou liderança por parte das mulheres. Longe disso. As mulheres são incentivadas pelo apóstolo Paulo a ensinarem a outras mulheres e fazerem pleno uso de seus dons nesta área (Tito 2.3-5).

Semelhantemente, o Novo Testamento recomenda as atividades de mulheres em diversos ministérios, exceto naqueles que violariam o princípio da liderança masculina. Várias passagens indicam que as mulheres podem se envolver numa variedade de ministérios. Por exemplo, as esposas são mencionadas em meio à descrição dos diáconos (1 Timóteo 3.11); Febe é designada "a nossa irmã... que está servindo à igreja de Cencréia" (Romanos 16.1); Priscila e Áquila, aquela inseparável equipe de marido/mulher, em um encontro discreto e particular expõem a Apolo "com mais exatidão... o caminho de Deus" (Atos 18.26).

Este breve resumo bíblico é útil, pois recorda-nos a vasta gama de ministérios disponíveis às mulheres no reino de Deus. A Declaração do Concílio de Danver também procurou expressar essa amplitude de ministérios. As palavras da Afirmativa Nove servem como uma conclusão adequada a esta seção em particular:

> Com a metade das nações do mundo carente de evangelismo realizado por seus próprios patrícios; com inúmeras outras pessoas perdidas que já ouviram o evangelho; com as tensões

e as misérias das doenças, desnutrição, falta de moradia, analfabetismo, ignorância, senilidade, vício, crime, prisão, neuroses e solidão, nenhum homem ou mulher que sente uma paixão divina por tornar a graça de Deus conhecida precisa viver sem um ministério realizador, para a glória de Cristo e para o bem deste mundo pecaminoso.

B. O Princípio Bíblico da Liderança Masculina na Igreja

Temos insistido na legítima participação das mulheres na vida da igreja. No entanto, precisamos outra vez lembrar a nós mesmos que Paulo insiste em que os homens sejam os principais líderes da igreja (assim como no casamento). A declaração mais clara é 1 Timóteo 2.12: "E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido".

1. Aplicado aos Oficiais da Igreja

A partir desta exortação, o apóstolo Paulo prossegue apresentando uma descrição das qualificações dos oficiais da igreja (1 Timóteo 3.1-13). É importante notar que ele utiliza termos masculinos para descrever os bispos e diáconos da igreja; por exemplo, "marido de uma só mulher" (vv. 2, 12).

Semelhantemente, temos insistido em que a liderança principal da igreja seja masculina. Isto significa que tanto o pastor como os presbíteros devem ser homens. O mesmo se aplicaria a outros oficiais da igreja, que não podem ser chamados de "presbíteros", mas têm autoridade de governo sobre toda a igreja. Por exemplo, os "diáconos", em muitas igrejas batistas; "o conselho", no sistema episcopal; ou apenas de "conselho da igreja", em muitas outras igrejas. É particularmente apropriado que presbíteros (pastores) sejam homens, visto que eles são chamados a ensinar (1 Timóteo 3.2 e Tito 1.9) e administrar a igreja (1 Timóteo 3.5). Observe que estas funções são negadas às mulheres em 1 Timóteo 2.12.

Hoje em dia, muitas das igrejas que aplicam este princípio em relação aos "presbíteros" o fazem também quanto aos "diáconos". Elas percebem que o papel dos diáconos também é

de liderança, ainda que seja liderança na área do serviço. Ao mesmo tempo, devemos destacar que há uma referência a mulheres (ou esposas) na passagem bíblica que descreve os diáconos (1 Timóteo 3.11). Isto tem levado a duas formas de compreensão do texto:

Primeira, as esposas de diáconos estão em vista. O texto as menciona porque elas servem lado a lado com seus maridos, no serviço diaconal. É meu julgamento que este ponto de vista entende a passagem corretamente. Neste versículo, Paulo faz o primeiro de vários comentários sobre a família do diácono.

Outros compreendem este versículo como se o Novo Testamento reconhecesse mulheres diáconos. Recorrem a Febe, em Romanos 16.1-2, a fim de comprovarem sua opinião. Se esta interpretação está correta, então a igreja moderna deveria agir de conformidade com ela. Porém, eu (e outros) penso que a primeira interpretação é a mais provável. A referência a Febe como uma "serva da igreja" tem sido amplamente entendida como sendo um uso genérico do termo *diakonos*. Tal uso não-técnico da palavra ocorre frequentemente no Novo Testamento.

Mas, qualquer que seja a opinião que se adote, ainda há um consenso de que as mulheres devem estar envolvidas no serviço da igreja em ministérios "diaconais", quer sejam eleitas como "diaconisas" ou não.

2. Com Relação ao Ensino

Deve-se observar que a proibição de 1 Timóteo 2.12 não é declarada em termos de um ofício particular da igreja (por exemplo, que uma mulher não pode ser pastor). Em vez disso, Paulo usa uma linguagem funcional para indicar o que ela não pode fazer: "E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio".

Por esta razão, parece errado alguns argumentarem que os presbíteros da igreja podem dar a uma mulher o direito de expor a Palavra de Deus à igreja. A idéia é que isto é aceitável, desde que ela o faça debaixo da autoridade da liderança masculina. Mas Paulo descarta esta possibilidade, afirmando que, na situação de ensino público, onde homens estão presentes, a mulher deve

permanecer "em silêncio". Nenhuma decisão da liderança masculina pode justificar a desobediência ao que o apóstolo ordena.

Esta proibição se estende a cada situação na vida da igreja onde ocorre o verdadeiro ensino das Escrituras e da fé cristã a um grupo que inclua homens. Isto incluiria uma aula na escola dominical, uma reunião de um pequeno grupo, um grupo de casais, etc. Observe que o texto focaliza a atividade do ensino; isto incluiria também a autoridade inerente a cada situação. Há outras atividades em que um grupo pode estar discutindo o significado de uma passagem ou compartilhando o impacto das Escrituras em suas vidas. Tais atividades não envolvem nem o ensino nem o exercício de autoridade. Assim as mulheres do grupo devem certamente se sentir livres e participar. Visto que a proibição do apóstolo é focalizada e específica, a implicação é que todas as demais atividades estão abertas a mulheres.

Parece que este princípio apostólico se estende também ao ensino da Bíblia a homens em faculdades, ao treinamento de homens em seminários, e ao ensino da Bíblia a homens em organizações para-eclesiásticas. Porém, de acordo com as Escrituras, as mulheres têm todo o direito de ensinar em faculdades de mulheres, em escolas que treinam mulheres para servirem como diretoras de educação cristã e em grupos para-eclesiásticos constituídos de mulheres (ver Tito 2.3-5).

Surge a indagação se as mulheres devem ensinar ou não aos jovens em transição para a vida adulta; ou seja, até que idade um jovem pode ser ensinado por uma mulher? Esta pergunta pode ser respondida levando-se em conta o tempo, em cada cultura em particular, quando um jovem se torna homem. Se o jovem rapaz ainda está debaixo da instrução de sua mãe em casa, então parece permissível a ele estar debaixo da instrução de uma mulher na igreja. Porém, se é considerado como independente ou como alguém que já atingiu a idade adulta, então ele não deve ser ensinado por uma mulher. E mais, há várias situações "limítrofes" em que será necessário que se ore por sabedoria, ao aplicar este princípio. Onde ainda permanecer a dúvida, é melhor não colocar uma mulher em uma situação de ensino, mas procurar homens habilitados para preencher este papel.

Alguém poderá perguntar: "E como explicar a bênção que resulta, ainda que a mulher tenha quebrado este princípio?" Aqui alegremente admitimos que a graça de Deus é maior do que todos os nossos pecados. Muitas vezes, Ele abençoa apesar de nossos erros. Alegramo-nos pela forma como a graça de Deus tem superado a desobediência de mulheres cristãs nesta área. Seu serviço tem produzido bênçãos apesar da proibição do apóstolo. As bênçãos vieram porque a Palavra de Deus esteve presente e agiu eficazmente. Mas não devemos argumentar que tal resultado justifica a prática.

3. Com Relação às Atividades de Liderança

Agora devemos abordar a questão das mulheres exercendo autoridade sobre os homens na vida da comunidade cristã. Qualquer comissão ou grupo da igreja que exerça autoridade sobre a congregação deve ser constituído de homens. O mesmo se aplica a outros aspectos da vida da igreja. A maioria das denominações que sustentam este princípio especificam que a membresia de diretorias denominacionais se formará apenas por oficiais da igreja, isto é, homens. Mas as organizações para-eclesiásticas (tais como entidades missionárias) e instituições cristãs (tais como faculdades e seminários) também são parte do corpo de Cristo. Parece, então, que tais restrições devem se aplicar também a suas diretorias. Se elas são uma parte da igreja, porque deveriam agir como se não o fossem?

No entanto, na igreja é possível a formação de comissões que tenham representantes dos vários grupos. Estas comissões não se caracterizam por exercer autoridade, mas têm uma função representativa perante os líderes, trazendo a estes a opinião dos demais membros da igreja. Em tal caso, é claro, todos os segmentos devem estar representados. Este mesmo procedimento se aplica às organizações para-eclesiásticas.

Por outro lado, não se deve argumentar que é impossível aos homens administrar bem a igreja sem a presença de mulheres como membros dos departamentos administrativos. Pois já vimos que a igreja de Cristo deve ser dirigida por uma liderança masculina. Obsrve, porém, que a liderança masculina serve no corpo

de Cristo, o qual inclui homens e mulheres, rapazes e moças. Isto implica que os líderes precisam ser sensíveis às preocupações de todas as pessoas, com um cuidado especial em relação ao sexo oposto. Afinal das contas, este é o tipo de líder que as Escrituras demandam: servos que lideram com amor, mansidão e compreensão, como também com firmeza e compromisso (1 Pedro 3.7).

4. Políticas Oficiais da Igreja

Pergunta: Especificações sobre a liderança masculina na família e na igreja devem ser formalmente incluídas nos estatutos de uma igreja ou na declaração de fé de uma denominação? Em gerações passadas, tais afirmações não eram frequentemente incluídas, pois a liderança masculina era quase universalmente aceita como bíblica. Porém, na situação atual, com tantos pontos de vista divergentes expressos, até mesmo dentro de grupos cristãos, parece apropriado incluir algumas declarações sobre os aspectos fundamentais dos papéis masculino/feminino. Isto é necessário porque o princípio de liderança masculina na igreja é um princípio das Escrituras baseado na mais fundamental das verdades, ou seja, a ordem em que foram criados o homem e a mulher.

Não se deve argumentar que somente o ensino sobre a pessoa e a obra de Cristo e sobre a salvação sejam ensinos que se possam considerar fundamentos da fé. Nosso Senhor e seus apóstolos consideraram as implicações da ordem da criação como verdades fundamentais a serem ensinadas e observadas pelo povo de Deus. Jesus enfatizou a idéia de que seu ensinamento sobre o casamento e o divórcio era baseado na ordem da criação (Mateus 19.4-9). Além do mais, Paulo considerou como absolutamente inaceitável qualquer ensino que repudiava o casamento e considerava os alimentos impuros. Ele o fez porque tal ensino nega o fato de que as coisas criadas por Deus são boas, ou seja, isso ataca a ordem da criação (1 Timóteo 4.1-5). Visto que o princípio da liderança masculina também se baseia na ordem da criação, deve ser claramente asseverado pela igreja como parte de seu ensinamento básico.

III. Correlação Entre a Família e a Igreja

Temos falado a respeito da família e da igreja, procurando aplicar o princípio da liderança masculina em ambos os campos. Ao concluir, podemos correlacionar estes campos novamente para dar perspectiva ao ensino das Escrituras.

Aqueles que reconhecem o ensino bíblico sobre a liderança masculina no casamento sabem que o papel de liderança do marido não deprecia ou diminui de modo algum o importante papel da mulher. Esta idéia é útil quando pensamos na igreja. A liderança masculina na igreja não deprecia nem avilta os dons e graças que as mulheres trazem à vida do corpo de Cristo. Da mesma maneira que a liderança masculina no lar não deve impedir a mulher de exercer todas as suas habilidades dadas por Deus, assim também a liderança masculina na igreja não deve impedir as mulheres de exercerem, dentro da igreja, todas as suas habilidades dadas por Deus.

Reconhecemos que o bom andamento da família não se baseia apenas na presença de um homem como líder. Da mesma forma, precisamos reconhecer que, na igreja, a simples presença de uma liderança masculina e bíblica não abrange tudo o que é importante aos olhos de Deus. Assim como reconhecemos que Deus sabiamente deu ao homem e à mulher papéis diferentes na família, assim precisamos aceitar que, na vida da igreja, Deus também deu ao homem e à mulher papéis diferentes. Devemos confessar, com alegria, juntamente com o apóstolo Paulo: "Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve" (1 Coríntios 12.18).

7

O Sublime Chamado da Esposa e Mãe

Uma Perspectiva Bíblica

Dorothy Patterson

Ao concluirmos nossos estudos de pós-graduação em teologia, no Seminário Teológico Batista de Nova Orleans, em 1970, meu marido e eu mudamos com nossos dois filhos para o Estado de Arkansas. Ele assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista de Fayetteville, e eu continuei meu papel como sua ajudadora, mas com algumas difíceis adaptações. Primeiro, eu tinha de cuidar de um bebê recém-nascido e de uma criança de dois anos bem ativa. Este foi um golpe que transformou minha rotina de ser secretária executiva durante o dia e entreter uma criança que engatinhava durante a noite. Segundo, em Nova Orleans eu havia cumprido minhas responsabilidades de fim de semana, como esposa de pastor, considerando-as apenas um adendo ao meu papel de mulher que trabalhava fora de casa. Mas o que esperavam de mim em Fayetteville era bem diferente. Ali eu deveria realizar o papel de uma jovem esposa, seguindo os passos de uma experiente esposa de pastor que, por muitos anos, havia desempenhado sua função de forma imaculada.

Ao começarmos nossas atividades ali, confusão e frustração me envolveram. Um vazio se manifestou em minha vida. Meu treinamento teológico parecia um desperdício para a tarefa de criar filhos que se apresentava diante de mim. Alguns anos atrás, durante meus dias como aluna no seminário, cumpria uma rigorosa agenda escolar. Trabalhava fora, em diversos empregos,

e tinha de realizar minhas funções como esposa de pastor. Após terminar o mestrado, tornei-me mãe e mudei para um emprego de tempo integral, enquanto meu marido completava seu doutorado. Embora tivesse procurado me tornar mãe com entusiasmo, ao olhar para trás posso perceber que minhas melhores energias eram dedicadas a empreendimentos profissionais fora de casa.

Em meio a este tempo difícil, voltei-me para o Senhor. Usando meu período devocional diário, decidi ler a Bíblia toda, procurando definir a mensagem de Deus para mim pessoalmente, como mulher, esposa e mãe. Esta experiência transformou minha vida e meu ministério. A partir dela surgiu uma série de mensagens intitulada "O Papel da Mulher Segundo a Bíblia", que tenho compartilhado com outras mulheres através dos anos. Meus objetivos, meus pontos de vista e minha vida mudaram para sempre. Em cada livro da Bíblia encontrei a Palavra de Deus dirigida a mim. Nem sempre foi confortadora; de fato, às vezes era como uma espada para meu coração; mas eu sabia que a Palavra de Deus era autoritária e, se autoritária, verdadeira.

Entendi que Deus não esperava que eu adaptasse sua Palavra à minha situação. Em vez disso, Ele me estimulava a moldar-me aos princípios claramente apresentados na Bíblia. Deus não esperava que eu interpretasse seus princípios à luz dos meus dons e do meu intelecto; Ele me admoestava a ser conforme "à imagem de seu Filho" (Romanos 8.29). Deus não estava esperando que eu decidisse quais orientações eram relevantes para mim como uma mulher do século vinte. O que Ele fazia era exigir, através das Escrituras, a minha obediência absoluta e minha submissão voluntária, segundo a atitude do próprio Senhor Jesus Cristo, que disse: "Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu" (Salmo 40.8).

Consequentemente, o papel que escolhi, como esposa e mãe, assumiu um novo significado; meu compromisso com o casamento e o lar ganhou outra dimensão. Comecei a ver o casamento como um relacionamento contratual, indo além de meu marido e eu e incluindo o próprio Deus, o Criador, que declarou: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mateus 19.6).

O Caminho Moderno para a Liberação

Tendo conseguido um novo tipo de liberdade, muitas mulheres hoje em dia estão se dedicando a empreendimentos em todos os lugares, menos no lar. Deixando de lado sua função de esposa e mãe, ou as mulheres estão engajadas no serviço voluntário, a fim de alcançarem reconhecimento na comunidade, ou estão seguindo carreiras profissionais que lhes prometem dinheiro e poder.

Ao seguirem este caminho de liberação, as mulheres deixaram a verdadeira liberdade que desfrutaram por muitos séculos, que se manifestava no cuidar da casa, criar os filhos e buscar a criatividade pessoal. Elas passaram por uma lavagem cerebral para crer que a ausência de uma ocupação, com título e pagamento, escraviza uma mulher ao fracasso, ao tédio e ao aprisionamento dentro do lar. Ainda que o movimento feminista fale de libertação, auto-realização e direitos pessoais, estas frases inevitavelmente significam o oposto. Um trabalho assalariado pode inibir os instintos maternais de uma mulher. Pode inverter suas prioridades, de modo que o fracasso inevitavelmente virá na tarefa de criar seus próprios filhos. Seu trabalho será caracterizado por monotonia, não importando a remuneração ou o prestígio daí resultantes. E sua criatividade pessoal será prejudicada ao envolver-se em dois tipos de atividade — um em casa e outro fora.

Em nossa busca por alcançarmos tudo que *podemos* ser, não esqueçamos daquilo que *devemos* ser! A questão nunca foi se a mulher deseja o melhor para seu marido, seus filhos e até mesmo para si. Pelo contrário, a verdadeira questão é esta: Ser esposa e mãe é um investimento que vale a pena? As pressuposições da sociedade moderna, bem como as nossas próprias premissas e prioridades, devem continuamente ser testadas à luz da eterna Palavra de Deus. As Escrituras nos advertem: "Antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1 João 4.1).

Trabalho Doméstico — Uma Atribuição Divina

O dicionário define a dona de casa como a "mulher que dirige e/ou administra o lar" (Aurélio). O trabalho doméstico é,

de fato, uma carreira profissional; e, como qualquer carreira profissional, requer de uma mulher preparação árdua, dedicação plena e o máximo de sua criatividade. Tenho razões para crer que esta carreira é importante o suficiente para exigir treinamento e dedicação, disciplina e aprimoramento.

Dorothy Morrison escreveu: "O trabalho doméstico não é um emprego para mulheres preguiçosas, sem imaginação e incapazes. Envolve tanto desafio e oportunidade, sucesso e fracasso, benefícios e incentivos quanto qualquer outra carreira profissional".

Manter o lar é a atribuição de Deus para a esposa. Podemos acreditar que até trocar os lençóis e esfregar o chão façam parte desta atribuição. Em Tito 2.3-5, Paulo admoesta as mulheres mais velhas a ensinarem as mais jovens, entre outras coisas, a "amarem a seus maridos e a seus filhos, a serem... boas donas de casa" (no grego, literalmente, "trabalhadoras no lar").

Em outra época, o lar já foi descrito como "um lugar separado, um jardim murado, em que certas virtudes, facilmente esmagadas pela vida moderna, poderiam ser preservadas". A mãe neste lar foi descrita como "O Anjo na Casa".

Poucas mulheres percebem o grande serviço que prestam à humanidade e ao reino de Cristo, quando se dedicam ao lar e cuidam bem de seus filhos. Na realidade, este é o fundamento sobre o qual tudo o mais se constrói. A atividade de uma mulher como mãe implica na edificação de algo muito mais magnífico do que qualquer catedral; pois, ao criar seus filhos, ela está construindo a habitação de suas almas imortais. Nenhuma carreira profissional combina, de forma singular, tarefas tão servis com oportunidades tão significativas.

A Mulher Segundo o Padrão de Deus

Para mim, o livro de Provérbios é o mais prático da Bíblia. Nenhum outro livro tem tanto sobre a família e o lar e o relacionamento ali existente. Nenhum outro livro fala de modo tão específico às mulheres.

Provérbios 31 contém um quadro completo de uma santa heroína. A passagem é significativa não somente pelo que inclui, mas também pelo que omite. Não há menção de direitos ou busca de interesses egoístas; ali, o marido não é incumbido de realizações domésticas. De fato, sua ocupação com outras tarefas é claramente afirmada: "O coração do seu marido confia nela... Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra" (Provérbios 31.11,23).

Esta bela poesia de louvor à feminilidade está escrita em acróstico, tendo a primeira palavra de cada versículo iniciada com uma das letras do alfabeto hebraico. Seu estilo parece ser um artifício usado para enfatizar que estas características descrevem a mulher ideal aos olhos de Deus — dona de casa dedicada, companheira pura, mulher honrada e temente a Deus. Embora nenhuma mulher possa se encaixar perfeitamente neste modelo, todas podem lutar para atingir a excelência espiritual desta mulher valorosa.

Pelo menos a metade de Provérbios 31.10-31 se ocupa com atividades pessoais e domésticas. O Novo Testamento também é claro em sua ênfase sobre a eficiência de uma mulher na administração de sua casa (Tito 2.5; 1 Timóteo 2.10; 5.14). Quando Jesus repreendeu a Marta, Ele não condenou o trabalho doméstico que ela estava fazendo, nem censurou a graciosa hospitalidade que lhe estava sendo oferecida. Ele a admoestou a não se sobrecarregar com seu trabalho, a ponto de excluir o alimento espiritual, que Maria buscara com tanta fidelidade (Lucas 10.38-42). Ninguém deve jamais negligenciar o seu preparo espiritual, nem mesmo pela alegria de servir a outros.

A melhor maneira de fazermos do trabalho doméstico uma tarefa agradável é oferecê-lo ao Senhor; o único modo de evitarmos o enfado em tais tarefas é regá-las com oração e adquirir uma visão do desafio divino ao se cuidar de um lar. O irmão Lourenço, um monge carmelita dos anos 1600, deixou um exemplo de valor: "O tempo de trabalho para mim não difere do tempo de oração, e no barulho e tumulto de minha cozinha... possuo a Deus com a mesma tranquilidade como se estivesse de joelhos..."

Muitas pessoas ficam surpresas ao descobrir quanto tempo realmente é gasto para cuidar de uma família. Ter uma carreira profissional foi muito mais fácil para mim do que ser uma dona de casa! Nenhuma de minhas atividades anteriores exigia que eu estivesse no trabalho vinte e quatro horas por dia. Nenhum de meus empreendimentos profissionais exigiu tal variedade de habilidades, como as que tenho exercitado no trabalho doméstico.

Todos nós possuímos um desejo inato de ter valor. A mulher ideal, aos olhos de Deus, possui este valor. De fato, seu valor não se pode fixar ou estimar — "muito excede o de finas jóias" (Provérbios 31.10).

Esta mulher virtuosa desfruta de dignidade e importância nos afazeres de seu lar. Ela é uma companheira valiosa e um complemento para seu marido. Há uma bela reciprocidade no relacionamento deste casal. Este marido tem confiança na habilidade de sua mulher para dirigir os afazeres do lar. Ela é absolutamente digna de confiança. O ganho que vem para seu marido, por causa de sua economia e suas realizações, garantem que a ele "não haverá falta de ganho" (Provérbios 31.11). Ela é uma investidora sábia; com suas economias e herança, "examina uma propriedade e adquire-a" (Provérbios 31.16).

A mulher virtuosa é uma senhora elegante. Cobertas, tapetes, travesseiros eram um sinal de um lar cuidadosamente decorado. Ela vestia-se de linho fino ou pano de linho, que era o melhor da época, e de púrpura, que indicava riqueza ou nobreza; tais coisas eram raras (Provérbios 31.22). A mulher segundo o padrão de Deus dedica tempo e esforço à sua aparência.

A mulher virtuosa, de Provérbios, era uma fonte de tremendo orgulho para seu marido. Sua maneira de cuidar da casa deixava seu marido livre para se concentrar em seus trabalhos. Seu marido valorizava o fato de que sua esposa era tida em alta estima e desejava que seus trabalhos lhe trouxessem louvor público (Provérbios 31.31). Mas, no texto bíblico, não há indício de que ela tivesse qualquer outro propósito do que atender da melhor forma possível às necessidades de sua família.

O Trabalho Doméstico é Um Serviço Digno?

Nas Escrituras, aquilo que inquietava as mulheres santas não era a discriminação do trabalho doméstico, e, sim, a esterilidade. As mulheres não se mostravam insatisfeitas, rogando ao Todo-Poderoso para serem sacerdotes ou profetas. Elas oravam pela bênção de ter filhos.

Ana estava de coração partido por não ter filhos (1 Samuel 1.1-2.1). Sentindo-se abandonada por Deus, seu instinto materno inspirou uma oração agonizante. Depois, ela passou da esterilidade ao privilégio de ser mãe. Embora o cântico de gratidão tenha destacado Ana como poetisa e profetisa, ela não considerou sua aclamação literária igual à tarefa de criar seu filho. Porém, sua maior recompensa não foi o nascimento do filho, e, sim, a chance de oferecer a Deus aquele filho, o qual, talvez mais do que os outros homens, tinha a comunhão com Deus e o poder de Deus. Ela ilustrou o fato que os filhos não são algo a ser adquirido, a ser usado de acordo com o tempo e o horário, mostrado para satisfação pessoal e, depois, largado por ambição e conveniência pessoal.

Apesar dos ataques modernos contra a tarefa de ser mãe, criar a próxima geração continua sendo um empreendimento desejado. Algumas mulheres querem limitar o cuidado maternal a algumas semanas de licença, para logo voltarem a suas realizações mais elevadas. Outras levam-no um pouco mais a sério e escolhem trabalhar em horário mais flexível, enquanto as crianças são ainda muito novas. Ainda outras vêem a criação de filhos como algo terrível, sufocante e degradante. Sua bandeira é "Ser mãe — Diga Não!" A advertência de Deus, através do profeta Ezequiel, não poderia ser mais oportuna:

> Tomaste a teus filhos e tuas filhas, que me geraste, os sacrificaste a elas, para serem consumidos. Acaso é pequena a tua prostituição?... Eis que todo o que usa de provérbios usará contra ti este, dizendo: Tal mãe, tal filha. Tu és filha de tua mãe, que teve nojo de seu marido e de seus filhos; e tu és irmã de tuas irmãs, que tiveram nojo de seus maridos e de seus filhos (Ezequiel 16.20,44,45).

Ser mãe é uma atividade tão exigente quanto compensadora. Infelizmente, a recompensa sempre vem muito mais tarde na vida. Uma característica principal de uma boa mãe é a abnegação; ela consegue esperar pela recompensa final de seus sacrifícios. Apesar de pressões e dificuldades, esta tarefa pode redundar em enorme satisfação, porque realizá-la de modo competente trará resultados que se perpetuarão de geração a geração. No mundo comercial, novos produtos estão sempre surgindo e desaparecendo; mas, geração após geração, filhos e filhas continuam sendo concebidos e criados.

Uma criança precisa que sua mãe esteja presente e atenta a ela, a fim de reconhecer seus problemas e necessidades, com o propósito de apoiar, guiar, assistir e amar. Uma jovem esposa escreveu a um jornal, descrevendo sua mãe como "uma mulher profissional que colecionou um marido, uma filha e um cão, para enriquecer sua vida". De acordo com a filha, o único beneficiado por este enriquecimento foi o cão!

Suzana Wesley, criou dois filhos que, ao promoverem a causa de Cristo, influenciaram dois continentes. Aquela educada senhora, escreveu: "Se Deus está sendo glorificado, fico contente em realizar minha insignificante tarefa". Ela descreveu seu admirável compromisso de criar filhos, usando estas palavras:

> Ninguém pode seguir o meu método, sem renunciar o mundo no sentido mais literal. As únicas mães que dedicariam os melhores anos de suas vidas à criação de seus filhos são aquelas que estão convencidas de que isso resultará na salvação das almas deles. Este foi meu principal objetivo, mas admito que manifestei muita imperfeição na realização deste propósito.

A tarefa de dar à luz e criar filhos está ocupando cada vez menos o tempo das mulheres. O casamento está sendo adiado a fim de permitir que a mulher se prepare e busque uma melhor carreira. Ser mãe se tornou tão mecânico e insignificante como qualquer outra tarefa doméstica, e esta importante responsabilidade tem sido rapidamente passada a outros.

O Preço de Uma Carreira Profissional

Hoje em dia, tanto o marido como a mulher escolhem profissões que lhes ofereçam o maior salário e as melhores possibilidades de promoção. Porém, quando ambos trabalham fora perdem as melhores oportunidades de atingir estes alvos. Ao negarem-se a atender as prioridades da família, eles experimentam o desgaste tanto na área profissional como na criação dos filhos.

O feminismo é um movimento social que exige tudo. A atriz Katharine Hepburn disse em uma entrevista: "Eu não estou certa de que uma mulher possa, com sucesso, galgar uma carreira e ser mãe ao mesmo tempo. O problema com as mulheres hoje é que elas querem tudo. Mas ninguém pode possuir tudo. Minha vida não foi atrapalhada pelos filhos, pois não os tive. Tampouco atrapalhei a vida deles, trazendo-os ao mundo e, depois, abandonando-os para seguir minha carreira".

A atriz Joanne Woodward diz: "Minha carreira sofreu por causa dos filhos, e meus filhos sofreram por causa de minha carreira. Fui lacerada e não pude me realizar plenamente em qualquer das duas atividades. Eu não conheço uma mulher que desempenhe com sucesso ambas; e eu conheço muitas mães que trabalham".

Golda Meir, de Israel, confessou que sofreu incômodas dúvidas a respeito do preço que seus filhos pagaram por sua carreira. Ela declarou: "Você pode se habituar a qualquer coisa, se tiver de fazê-la; isto inclui até mesmo sentir-se perpetuamente culpada".

Cada uma destas mulheres escolheu a vida profissional, não porque tiveram de fazê-lo, mas por vantagem pessoal e fama ou por aquilo que consideraram ser uma contribuição de maior valor para o mundo. Em cada caso, a atenção aos filhos era menos importante do que sua carreira.

Um Ponto de Vista Sociológico

Até os políticos estão convencidos de que as crianças são um recurso valioso e precisam de proteção. Um relatório da Associação Nacional de Governadores afirma: "O bem-estar

econômico e social dos Estados Unidos está em nossa habilidade de garantir que nossos filhos se desenvolvam como cidadãos saudáveis, bem-educados e produtivos... Investir no futuro deles é investir no nosso".

Um estudo sobre filhos de pessoas da classe média, elaborado pela Universidade do Texas, mostrou que as crianças residentes em creches durante todo o dia possuíam menor capacidade de estudo, tiravam notas inferiores, tinham baixa auto-estima e interação social inadequada.

Perguntaram a Napoleão o que poderia ser feito para restaurar o prestígio da França. Ele replicou: "Dêem-nos melhores mães!" A arte de ser mãe com certeza exige tanto treinamento quanto o de um hábil artesão. Não deveríamos esperar ser especialistas ao iniciarmos esta vocação. Antes, deveríamos gradualmente conhecer as necessidades de cada criança e aprender como satisfazê-las. Normalmente aquelas que relutam em dedicar seu tempo à tarefa de ser mãe, relutam igualmente em desistir dela quando, anos depois, vêem e desfrutam dos resultados.

Tatyana Zaslavskaya, presidente da Associação Sociológica Soviética, é citada em uma entrevista, expressando sua preocupação a respeito dos efeitos adversos que a alta taxa de emprego das mulheres mães tem causado nas crianças. Ela implorou às mães a fazerem das crianças sua responsabilidade maior, convocando o Partido Comunista a discutir maneiras de reduzir a taxa de emprego entre as mulheres.

Até Mikhail Gorbachev se reportou a esta questão:

> Temos descoberto que muitos de nossos problemas — no comportamento das crianças e dos jovens, em nossa moral, em nossa cultura e no trabalho — em parte são causados pelo enfraquecimento dos laços familiares e pela atitude negligente para com as responsabilidades familiares. Este é um resultado paradoxal do nosso desejo sincero de tornar as mulheres iguais aos homens em tudo.

Ele acrescenta que a Rússia está buscando meios de tornar possível a uma mulher retornar "a sua missão puramente feminina".



Algumas mulheres alegam dar maior ênfase ao serviço de Deus, colocando o evangelho adiante das responsabilidades familiares. Ninguém deve interferir na comunhão que uma mulher tem com Cristo, mas a Bíblia não contém qualquer admoestação sobre colocar o serviço da igreja adiante das responsabilidades do lar. Quando uma mulher assume a sublime chamada para ser esposa, sua submissão a seu marido é "como ao Senhor" (Efésios 5.22). Quando ela acolhe a nobre chamada para ser mãe ("Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão" (Salmo 127.3), isto também, é uma oferta ao Senhor.

Há séculos atrás, a bela e piedosa mãe de João Crisóstomo ficou viúva quando ainda era jovem. Ela recusou seus muitos pretendentes e se dedicou à responsabilidade de criar seu abençoado filho, que se tornou o maior orador da igreja patrística.

Disse Jesus: "Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á" (Mateus 10.39). As mães também ganham muito, quando perdem tudo. Ao desenvolver a qualidade cristã de abandonar seus direitos pessoais, a fim de servir suas famílias, estas heroínas adquirem inimaginável valor e esplendor. Atualmente, temos ouvido muito sobre as vantagens da esterilidade intencional. No entanto, é difícil localizar uma mãe idosa que crê que cometeu um erro ao dedicar sua vida a seus filhos. Com certeza seria difícil encontrar um filho testemunhando que o amor de sua mãe lhe causou detrimento e ruína. Timothy Dwight, ex-presidente da Universidade de Yale, disse: "Tudo o que sou e o que virei a ser, devo a minha mãe".

Serviço Doméstico — Uma Oportunidade de Servir

A esposa foi criada por Deus para ser a "auxiliadora" de seu marido (Gênesis 2:18). Não há nada de humilhante em ser uma ajudadora. Esta é uma responsabilidade que traz desafios e recompensas. Deus mesmo assumiu esse papel em muitas ocasiões (ver Salmo 40.17: "O Senhor cuida de mim", e Hebreus 13.6:

"O Senhor é o meu auxílio"). Isto não significa que o Senhor é alguém inferior; pelo contrário, fala do seu desejo de atender às necessidades daqueles a quem Ele ama. Há séculos alguns têm afirmado que as mulheres são inferiores aos homens, mas tentar atribuir tal idéia às Escrituras é inconcebível. O fato é que não há sugestão nas Escrituras de que as mulheres sejam inferiores ou incapazes em qualquer sentido — nem em valor, que é igual ao do homem, nem na função, que difere da do homem.

Qualquer um de nós pode estar em sujeição a um superior, como Israel estava sujeito ao Senhor (Deuteronômio 6.1-5) e como os crentes estão sujeitos a Cristo (Filipenses 2.9-11). Mas a submissão também é possível entre pessoas iguais: Cristo é igual a Deus, o Pai, e, no entanto, está sujeito a Ele (Filipenses 2.6-8); os crentes são iguais uns aos outros e, ainda assim, são admoestados a sujeitarem-se "uns aos outros no temor de Cristo" (Efésios 5.21). O simples fato de que as esposas são orientadas a se submeterem a seus maridos nada demonstra a respeito do seu valor. Comparar o relacionamento entre marido e mulher com o relacionamento entre Deus Pai e Deus Filho é o que estabelece definitivamente a questão do *status* da mulher.

Para as feministas, submissão e autoridade são elementos ofensivos. Mas, na feminilidade bíblica, estes termos não denotam características pecaminosas. Ambos são usados para descrever as relações existentes dentro da família. De fato, estes termos têm um alcance que vai além da família. Em cada faceta da sociedade organizada, deve sempre haver tanto a autoridade como a submissão a esta autoridade; de outra forma, há anarquia. Então, não há justificativa para se rotular estas palavras como opressivas. O mais importante é que elas indicam aquilo que temos em comum com o próprio Senhor, que nos deu o magnífico exemplo de abnegação, quando "a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte" (Filipenses 2.5-8).

A submissão foi uma doutrina deturpada anteriormente na história da igreja. Arius ensinava a inferioridade de Jesus, o Filho. Ele se recusou a aceitar a declaração de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são iguais em essência, embora diferentes em ofício e função. O ensino ariano foi condenado como herético no

ano de 325 D.C., por ignorar e distorcer as Escrituras. O feminismo moderno não passa de uma forma recente da antiga heresia ariana, ao negar que as mulheres podem ter personalidade igual a do homem e, ao mesmo tempo, assumir um papel de submissão, ou seja, um papel diferente, mas com igual valor.

Golda Meir, pelo seu próprio testemunho, dedicou sua vida adulta à formação e ao desenvolvimento de Israel, às custas de seu próprio casamento. Ela se separou de seu prudente marido, a fim de se dar à vida pública. Citando a Sra. Meir: "O que eu era tornava impossível que ele tivesse o tipo de esposa que queria e precisava... Tive de decidir o que seria prioritário: meu dever para com meu marido, meu lar e meus filhos ou o tipo de vida que eu realmente queria. Não apenas nesta ocasião (que certamente não seria a última), percebi que, em um conflito entre meu dever e meus desejos mais íntimos, meu dever tinha a prioridade".

Como é triste para uma mulher tentar viver sua vida sob a noção de que se dedicará a qualquer coisa, contanto que venha a satisfazer suas necessidades sociais, emocionais ou profissionais. Embora a responsabilidade de ser esposa e mãe tenha prioridade, o desejo por ambição pessoal e por sucesso na vida profissional podem prevalecer. O Senhor nos advertiu a respeito disto, em Tiago 1.14-15:

> Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

Quando uma esposa trabalha fora de casa, frequentemente seu marido e seus filhos enfrentam um árduo período de adaptação. De repente, o marido, além de seu trabalho, precisa realizar atividades domésticas. Ele se vê frustrado ante o aumento de suas tarefas e sente-se culpado pela fadiga de sua esposa no cuidar da casa. Deus deu ao marido a responsabilidade de prover o necessário para a família (Gênesis 2.15). Sabotar a possibilidade de que ele venha a atender essa necessidade é sempre um impacto debilitante para o homem. A vida profissional de uma mulher pode facilmente servir-lhe como um marido substituto, visto que

durante as horas de trabalho ela é dirigida pelas preferências de seu empregador. A mulher que trabalha perde muito de sua flexibilidade no uso de seu tempo, então o marido precisa adaptar sua agenda às emergências com as crianças, à manutenção e ao serviço da casa, etc. Isto deixa dois patrões sem empregados dedicados e as crianças sem alguém para cuidar delas com dedicação em suas necessidades pessoais.

Observe a admoestação do profeta: "Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! povo meu! os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir" (Isaías 3.12).

Áquila e Priscila constituem o casal de obreiros mais destacado no Novo Testamento. Eles viajaram pelo mundo apostólico, compartilhando juntos o evangelho de Cristo e expondo com mais exatidão a Palavra de Deus (Atos 18.2-3,18,26). Priscila deve ter sido uma talentosa estudante das Escrituras; de outra forma ela não teria impressionado o erudito Apolo. Por outro lado, ela deve ter sido uma anfitriã que se mostrou graciosa, ao trazer Paulo à sua casa. Obviamente, ela era encorajada por seu marido a tomar parte ativa no ministério cristão. Quando uma mulher piedosa é tudo que deve ser, ela complementa o seu marido e amplia o ministério dele. Seu trabalho conjunto alcança além do que qualquer um deles poderia fazer sozinho (Salmo 34.3; Eclesiastes 4.9-12).

Ao pedir-me em casamento, Paige Patterson solicitou-me que nos uníssemos também na preparação para o ministério. Como sou grata pelos estudos no seminário, mas quanto mais grata sou pelas horas que Paige gastou comigo, ajudando-me como professor e mentor. Paige me encorajou a um ministério variado, mas nunca me deu a impressão de que este ministério deveria ser mais importante do que cuidar de nosso lar e criar nossos filhos.

Conclusão

Temos diante de nós princípios nítidos e positivos sobre a importância da família. Temos ouvido também avisos categóricos

àqueles que ignoram ou distorcem o plano de Deus para o lar. De fato, estamos vivendo no mundo descrito pelo profeta Isaías:

> Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a cousa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe (Isaías 29.16).

A sociedade contemporânea, em seu esforço para erradicar as diferenças entre os sexos, precipitou o aumento do lesbianismo e do homossexualismo, o crescimento do número de divórcios, e a propagação de estupros e crimes sexuais de todos os tipos.

Somos parte de uma geração de mulheres que deixaram de lado a maior bênção do Criador, isto é, os filhos (Ezequiel 16.20, 44-45). Temos permitido que a Bíblia seja distorcida, de modo que estamos nos conformando a este século e deixando que o mundo nos pressione a assumirmos o seu padrão dentro de seu próprio molde (Romanos 12.2). As virtudes do cristianismo estão sendo a tal ponto pervertidas, que, atualmente, o egoísmo está sendo exaltado, enquanto a submissão, a humildade e o serviço altruísta estão sendo desprezados.

O feminismo evangélico é, em ampla escala, um resultado do movimento de liberação feminina dos anos 60 e 70. Os direitos humanos e a razão têm sido exaltados acima de nossa responsabilidade e da revelação divina. Os absolutos do Criador foram substituídos pelos caprichos da criação.

Ao rejeitarem a Escritura como autoritária, muitos feministas acabam colocando a decisão a respeito da autoridade em mãos humanas. Os textos bíblicos que parecem não apoiar o feminismo são designados como não-relevantes, e aqueles que parecem apoiá-lo são rotulados como sumamente importantes.

No mundo do feminismo, há grande resistência em deixar que a Escritura fale por si mesma. Ao invés de se dirigirem reverentemente ao texto bíblico para ver o que este diz, muitos têm encontrado algo no feminismo secular que lhes parece bom e verdadeiro. Assim, os feministas resolveram legitimar sua posição; utilizando a Bíblia, tentaram mudar dois milênios de história e tradição da igreja, a fim de repercutirem uma

nova doutrina. Isto não passa de outro exemplo trágico do fato que o mundo está definindo a agenda para a igreja, em vez de acontecer o contrário.

Muitas mulheres se entregam precipitadamente a profissões fora do lar, decididas a não desperdiçar tempo algum no serviço doméstico e no lidar com as crianças. É verdade que muitos "empregos perfeitos" podem surgir e desaparecer durante os anos em que criamos nossos filhos, mas há uma oportunidade que nunca retornará — a de criar os próprios filhos, permitindo-lhes o privilégio de crescer em casa.

Realizado com imaginação e habilidade, o serviço doméstico traz tanto desafio e oportunidade, sucesso e fracasso, crescimento e maturidade, benefícios e incentivos como qualquer outra atividade. E oferece algo que nenhuma outra profissão oferece — trabalhar para as pessoas que mais amamos e mais queremos agradar! Ninguém — nem professor, nem pregador, nem psicólogo — tem a mesma oportunidade de moldar as vidas dos filhos, nutrir seus corpos e desenvolver o seu potencial de utilidade, a não ser uma mãe.

Nas palavras das Escrituras, encontrei um desafio sublime:

> Ensinai-as [as Escrituas] a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos. Escrevei-as nos umbrais de vossa casa, e nas vossas portas, para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a vossos pais, e sejam tão numerosos como os dias do céu acima da terra (Deuteronômio 11.19-21).

8

Perguntas e Respostas

John Piper e Wayne Grudem

Este capítulo oferece uma visão geral sobre o papel do homem e o da mulher apresentados neste livro e dá respostas às objeções mais comumente levantadas.

1. Por que vocês consideram o papel do homem e o da mulher um assunto de tão grande importância?

Não estamos preocupados simplesmente com o papel do homem e o da mulher, mas também com a natureza do homem e da mulher em si mesmos. É importante haver clareza nesse assunto, pois a confusão quanto a identidade sexual leva a: 1) padrões de casamento que não retratam o relacionamento entre Cristo e a igreja (Efésios 5.31-32); 2) prática de criação de filhos que não treinam os meninos a serem masculinos nem as meninas a serem femininas; 3) tendências homossexuais e aumento nas tentativas para se justificar uniões homossexuais; 4)padrões de liderança feminina na igreja, não fundamentados na Bíblia.

A criação do homem e da mulher foi algo empolgante desde o princípio (Gênesis 2.23). É algo precioso demais para ser avaliado. Mas, hoje, isso é tratado com menosprezo e seu valor tem fenecido como as florestas tropicais. Cremos que o que está em risco na área da sexualidade humana é a própria essência da vida, como planejada por Deus.

2. O que vocês querem dizer (na questão 1) com "padrões de liderança feminina na igreja, não fundamentados na Bíblia"?

Estamos certos de que, segundo o ensinamento bíblico, apenas os homens devem ser pastores e presbíteros. Isto é, devem ter a responsabilidade *principal* de exercer, na igreja, ensino e liderança semelhantes aos de Cristo. Assim sendo, não é bíblico que a mulher assuma esses papéis (ver questão 11).

3. De qual lugar, nas Escrituras, vocês extraem a idéia de que apenas os homens devem ser pastores e líderes na igreja?

Estes são os textos mais claros quanto a liderança dos homens na igreja: 1 Timóteo 2.11-15; 1 Coríntios 11.2-6; 14.34-36. Cremos que esses textos dão confirmação permanente para que a liderança da igreja seja composta por homens espirituais. Além disso, a relação que há na Bíblia entre família e igreja é uma forte indicação de que a liderança do marido no lar conduz, naturalmente, à liderança do homem na igreja.

4. O que vocês querem dizer (na questão 1) com "padrões de casamento que não retratam o relacionamento entre Cristo e a igreja"?

Cremos ser o desejo de Deus que o relacionamento entre marido e mulher retrate o relacionamento entre Cristo e igreja. O marido deve representar a liderança sacrificial e amorosa de Cristo, e a mulher deve representar a alegre submissão da igreja.

5. O que vocês querem dizer por "submissão"?

Submissão refere-se ao chamamento divino feito à mulher, para honrar e confirmar a liderança do marido e, segundo as habilidades que ela possui, ajudá-lo a concretizar essa liderança. Não se trata de uma rendição absoluta da vontade da mulher. Falamos, mais propriamente, de sua *disposição em consentir* com a orientação do marido e da *inclinação* em seguir a liderança dele. Cristo é a autoridade absoluta sobre ela, não o marido. Ela se submete ao marido "no temor de Cristo" (Efésios 5.21). A autoridade suprema de Cristo restringe a autoridade do marido. A esposa jamais deve seguir o marido ao ponto de pecar.

No entanto, mesmo quando for preciso permanecer firme com Cristo, contra a vontade pecaminosa do marido (ver 1 Pedro 3.1, onde a esposa não cede à incredulidade do marido), ainda assim ela deve manter um *espírito* de submissão e uma *disposição* em sujeitar-se. Através de suas atitudes, pode demonstrar que não gosta de resistir à vontade dele e deseja ardentemente que ele abandone o pecado e lidere com retidão.

6. O que vocês querem dizer quando se referem ao marido como "cabeça"?

Ser "cabeça" é o chamamento divino para o marido assumir a responsabilidade principal de liderar, proteger e suprir o lar, à semelhança de Cristo (ver no capítulo 1 o significado da expressão "masculinidade madura" e na questão 11 o sentido da palavra "principal").

7. Em que parte da Bíblia vocês se baseiam para afirmar que os maridos devem ser os líderes do lar?

Estes são os textos mais claros quanto à liderança e à submissão no casamento: Efésios 5.21-33; Colossenses 3.18-19; 1 Pedro 3.1-7; Tito 2.5; 1 Timóteo 3.4-12; Gênesis 1-3. Cremos que esses textos ensinam caber ao homem a responsabilidade de liderar.

8. Mas, vocês não crêem em "submissão mútua", da maneira como Paulo ensina em Efésios 5.21 - "Sujeitando-vos uns aos outros"?

Sim, cremos. Mas a maneira como Paulo ensina submissão mútua não é a maneira como é ensinada hoje em dia. Tudo depende do que você quer dizer com "submissão mútua". Alguns dão mais ênfase à reciprocidade do que outros. Porém, ainda que Paulo esteja ensinando a reciprocidade completa (a esposa se submeter ao marido, e este, a ela), isto não significa que a submissão de um para com o outro se dá *de um mesmo modo*. A chave da questão está em lembrarmos que o relacionamento entre Cristo e a igreja é o padrão para o relacionamento entre o marido e a mulher. Cristo e a igreja estão em submissão mútua?

Não estão, se por submissão compreender-se que Cristo está sujeito à autoridade da igreja. Mas, estão em submissão mútua, se isto significar que Cristo sujeitou-se ao sofrimento e morte pelo bem da igreja. No entanto, a igreja se submete a Cristo de uma maneira diferente; submete-se por afirmar a autoridade dEle e seguir a sua liderança. Assim, submissão mútua não significa submeter-se um ao outro *da mesma forma*. Portanto, a submissão mútua não altera a liderança de Cristo sobre a igreja e não deveria alterar a liderança de um marido piedoso (ver também a argumentação do capítulo 4).

9. Em Efésios 5.23, Paulo escreve: "Porque o marido é o cabeça da mulher..." Se neste versículo "cabeça" significa "fonte", como dizem alguns estudiosos, isso não modificaria inteiramente o modo de vocês entenderem essa passagem e eliminaria a idéia de liderança do marido no lar?

Não. Antes de tratarmos dessa possibilidade hipotética, precisamos afirmar ser muito improvável que em Efésios 5.23 essa palavra signifique "fonte". O versículo 23 é a argumentação do versículo 22; por isso começa com a palavra *porque* — "As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; *porque* o marido é o cabeça da mulher..." Sendo que a *base* da submissão da esposa é o fato do marido ser o cabeça, pode-se concluir, naturalmente, que esse termo implica em algum tipo de liderança da parte do homem.

Além disso, ao dizer que o marido é o cabeça da esposa, Paulo tem em mente uma figura. Essa figura é a de um corpo com uma cabeça. Cristo alimenta e cuida da igreja, porque somos membros do seu corpo. Da mesma forma, o marido é como cabeça para sua esposa; portanto, quando a alimenta e demonstra cuidado por ela, está na verdade alimentando e cuidando de si mesmo.

Contudo, vamos supor que *cabeça* signifique "fonte". Se é assim, de que o marido é fonte? O que o corpo obtém da cabeça? Obtém alimentação (como mencionado no versículo 29). E podemos compreender isso, porque a boca está na cabeça. Mas isso não é tudo o que o corpo obtém da parte dela. Obtém

orientação, porque os olhos estão na cabeça; precaução e proteção, porque os ouvidos lá também se situam.

Em outras palavras, na função de cabeça o marido é uma fonte de orientação, alimentação e precaução. Consequentemente, a conclusão é que o marido tem a responsabilidade principal de liderar, prover e proteger. Então, mesmo que se empregue à palavra *cabeça* o sentido de "fonte", a interpretação mais natural desses versículos é que os maridos são chamados por Deus para a responsabilidade primária de exercer, no lar, o papel de líder, protetor e provedor, assim como Cristo. As mulheres, também, são chamadas para honrar, confirmar a liderança de seus maridos e ajudá-los a concretizar essa liderança, de acordo com as capacidades que elas possuem.

10. Sua ênfase sobre a liderança na igreja e no lar não é contrária à ênfase dada por Cristo, em Lucas 22.26 — "O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve"?

Não. O que procuramos fazer é precisamente manter em equilíbrio bíblico essas duas coisas, a saber, ser líder e ser servo. Seria contrário ao ensino de Cristo, se afirmássemos que ser servo é incompatível com ser líder. Nessa passagem, Cristo não está desprezando a liderança; Ele a está definindo. A mesma palavra usada em Lucas 22.26 — "aquele que dirige" — também é usada em Hebreus 13.17 — "Obedecei aos vossos *guias* e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas". Os líderes também devem ser servos no cuidado intenso pelas almas do povo. Todavia, isso não os torna menos líderes, como observamos pelos verbos *obedecei* e *sede submissos*. Quando Jesus ajoelhou-se para lavar os pés dos discípulos, não foi menos líder para eles do que quando lhes deu a Grande Comissão.

11. Nas questões 2 e 6 foi dito que a chamada feita ao homem é para que ele tome a "responsabilidade principal" na liderança do lar e da igreja. O que vocês querem dizer com a palavra "principal"?

Queremos dizer que há diferentes níveis e tipos de liderança, os quais as mulheres podem e, com frequência, devem exercer. Há certos tipos de ensino, administração e organização que as esposas devem assumir no lar e as mulheres na igreja. A liderança do homem no lar e na igreja implica que ele tem a responsabilidade geral pelo desenvolvimento da vida. Depois da queda no pecado, Deus chamou primeiro a Adão para prestar contas (Gênesis 3.9). Não porque a mulher não tivesse responsabilidade pelo pecado, mas porque o homem tinha a responsabilidade *principal* pela vida no jardim, inclusive pelo pecado.

12. Se cabe ao marido tratar a esposa como Cristo trata a igreja, isso significa, então, que ele deve governar cada detalhe da vida da esposa, e ela deve consultá-lo em todas as suas ações?

Não. Não devemos levar a esse extremo a analogia entre Cristo e o marido. Ao contrário de Cristo, todos os maridos pecam; eles são finitos e falíveis em sua sabedoria. Além disso, o marido não prepara uma esposa para si mesmo; mas, sim, uma noiva para Cristo. Assim, ele não apenas age *como* Cristo, mas também age *para* Cristo. Deve, então, liderar de tal forma que leve sua esposa a depender de Cristo, não dele mesmo. Na prática isso dispensa, da parte do homem, qualquer supervisão que cause na mulher um sentimento de enfado ou menosprezo.

Mesmo ao agir como Cristo, o marido deve lembrar que Cristo não lidera a igreja como sua irmã, mas como sua esposa. Cristo a está preparando para ser uma "co-herdeira", não uma jovem serva (Romanos 8.17). Qualquer tipo de liderança que, por meio de um controle excessivo ou de um domínio opressivo, tende a promover na esposa a imaturidade, ou a fraqueza espiritual, ou a insegurança, está fora do objetivo da analogia de Efésios 5. Cristo não age assim.

13. Vocês não acham que esses textos são exemplos de uma concessão temporária para com o "status quo" da época, enquanto que o objetivo principal das Escrituras é nivelar as diferenças de papéis baseadas no sexo das pessoas?

Reconhecemos que algumas vezes as Escrituras *estabelecem* princípios quanto a relacionamentos indesejáveis, sem *considerá-los* como princípios permanentes. Por exemplo, Paulo aborda a questão do litígio entre irmãos: "O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros" (1 Coríntios 6.7). Outro exemplo são as ordenanças sobre o relacionamento dos cristãos escravos para com seus senhores; muito embora fosse o desejo de Paulo que cada escravo fosse recebido por seu senhor "não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo" (Filemom 16).

Porém, não consideramos a liderança amorosa do marido, no lar, ou de homens santos, na igreja, na mesma categoria de escravidão ou de ação judicial. E há três motivos para não fazermos isso: 1) O modo de ser do homem e da mulher, juntamente com seus respectivos papéis diferenciados, está arraigado no ato da criação efetuada por Deus. Note que isso foi antes da queda e do estabelecimento das distorções pecaminosas do *status quo*. 2) Na Bíblia, o sentido básico da redenção não é o de abolir a liderança e a submissão, mas o de transformá-las em seu propósito original, conforme criadas por Deus. 3) A Bíblia não aborda de maneira negativa a liderança amorosa, nem encoraja os maridos a abandoná-la (ver outras argumentações no capítulo 2).

14. Os argumentos usados para defender a exclusão de mulheres do pastorado, nos dias de hoje, não são semelhantes aos argumentos dos cristãos, no século dezenove, para defender a escravidão?

A preservação do casamento não se assemelha à preservação da escravidão. A existência da escravidão não está arraigada em qualquer ordenança da criação; mas, a existência do casamento, sim. Os princípios dados por Paulo sobre o relacionamento entre escravos e senhores não pressupõem que há virtude na instituição da escravatura. Ao contrário, Paulo lança as sementes da dissolução da escravidão em Filemom 16 ("não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo"), em Efésios 6.9 ("E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças"), em Colossenses 4.1 ("Senhores,

tratai aos servos com justiça e com equidade") e 1 Timóteo 6.1,2 (servos e senhores "são irmãos"). Nos lugares onde essas sementes da igualdade vieram a florescer por completo, a própria instituição da escravatura não era mais escravidão.

No entanto, os princípios dados por Paulo sobre o relacionamento entre marido e mulher pressupõem, sem dúvida, a virtude da instituição do casamento — e não apenas a sua virtude, mas também o seu embasamento na vontade do Criador, desde o início dos tempos (Efésios 5.31-32). Como pode ser visto no capítulo 2 deste livro, a criação fornece uma base inabalável para o casamento e para o fato que os papéis do homem e da mulher complementam um ao outro.

15. Visto que o ensino do Novo Testamento sobre a submissão das esposas no casamento encontra-se, nas Escrituras, nas partes que são conhecidas como "códigos familiares", não deveríamos reconhecer, então, que as Escrituras nos ensinam a não ofender a cultura em voga, mas a adaptar-nos a ela? Não deveríamos estar dispostos a mudar nossos costumes sobre o relacionamento entre homens e mulheres, em vez de nos apegarmos a um padrão temporário do primeiro século?

Antes de tudo, a título de esclarecimento, "códigos familiares" refere-se a Efésios 5.22 a 6.9, Colossenses 3.18 a 4.1 e, de forma menos precisa, a 1 Pedro 2.13 a 3.7, onde estão incluídas instruções aos vários segmentos da família: marido e mulher, pais e filhos, senhores e escravos.

O primeiro problema com esse argumento é que os "códigos familiares" paralelos da antiguidade não são muito próximos dos apresentados no Novo Testamento. Paulo não utilizou simplesmente idéias da cultura do seu tempo. Suas palavras são bastante diferentes dos exemplos extrabíblicos que conhecemos, tanto em conteúdo quanto em forma.

Outro problema com esse argumento é que prioriza o que é casual (a semelhança entre o ensino de Paulo e a prática do mundo naquela época) colocando em segundo plano o que é crucial (a natureza transformadora do seu ensino sobre o

matrimônio). Ao ensinar sobre o homem ser "o cabeça", Paulo se baseia na natureza do relacionamento de Cristo com a igreja, que ele compreende estar revelada na própria criação. Não achamos que traga honra à integridade do apóstolo afirmar que ele deu esse ensino a fim de acomodar-se à cultura.

É bem mais provável que, sob a inspiração divina, Paulo tenha sido levado a selecionar com muito cuidado o que ele utilizaria da parte do mundo. Ele baseou suas ordenanças na criação, nos aspectos em que tinham validade permanente. Assim sendo, cremos que há boas razões para confirmarmos o padrão que Paulo apresenta para o casamento: o marido, como cabeça do lar, deve amar e liderar como Cristo o faz à igreja; a mulher deve confirmar a liderança amorosa do marido, da mesma forma com que a igreja honra a Cristo.

16. Mas, então, o que dizer sobre a maneira liberadora com que Jesus tratou a mulher? Porventura Ele não põe em descrédito as nossas tradições hierárquicas e abre o caminho para que seja dado às mulheres o acesso a todo tipo de ministério?

Cremos que o ministério de Jesus tem implicações revolucionárias quanto à maneira como as mulheres e os homens ímpios se relacionam. Em seus ensinos e ações, Jesus sempre combateu o orgulho que leva o homem e a mulher a se relacionarem com menosprezo. Seus atos e ensinamentos convocavam as pessoas à humildade e ao amor.

Cristo declarou que os olhares lascivos do homem são atos de adultério e dignos do inferno (Mateus 5.28,29). Condenou a maneira impensada dos homens disporem-se de suas mulheres, através do divórcio (Mateus 19.8). Chamou-nos a prestar contas de qualquer palavra descuidada que pronunciarmos (Mateus 12.36). Ordenou que tratássemos uns aos outros da forma que gostaríamos de ser tratados (Mateus 7.12). Jesus disse aos insensíveis sacerdotes: "Meretrizes vos precedem no reino de Deus" (Mateus 21.31). Ele foi acompanhado por mulheres e as ensinava. Elas deram testemunho da vida ressurreta de Cristo. As palavras dEle podem ser aplicadas contra todos os costumes

sociais que rebaixam ou maltratam os homens e as mulheres: "Por que transgredis... o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?" (Mateus 15.3).

Portanto, quando foi que Jesus disse ou fez qualquer coisa que aviltasse a ordem da criação, na qual os homens têm a responsabilidade principal de liderar, proteger e prover sustento? Nunca. Nada do que Ele tenha feito ou dito nos leva a questionar aquela boa ordem. De fato, as mulheres serviram a Jesus e aprenderam com Ele; correram para contar aos discípulos que Ele havia ressuscitado. Porém, com isso não se pode concluir que Jesus tenha sido contrário à liderança amorosa dos maridos ou à restrição da liderança, na igreja, aos homens espirituais. É óbvio que Jesus alterou o significado da palavra liderança, retirando os sentimentos de orgulho, medo e auto-exaltação que estavam ligados a ela. Ele também honrou as mulheres como pessoas dignas de elevado respeito.

17. O importante papel que as mulheres desempenharam no ministério, juntamente com Paulo, não demonstra que ele, em seus ensinos, quis dizer que as mulheres não devem ser excluídas do ministério?

Sim. Mas a questão não é se as mulheres devem ou não ser excluídas do ministério. Elas não devem. Há uma grande variedade de ministérios, aos quais homens e mulheres podem se dedicar. Precisamos ser muito cautelosos na maneira de apresentar nossas questões; de outra forma, a verdade estará obscurecida já de início.

A questão em foco é se qualquer das mulheres que serviram no ministério com Paulo desempenharam papéis que as colocaram em posição de autoridade sobre os homens. Cremos que a resposta é NÃO. Thomas Schreiner trata disso mais detalhadamente, no capítulo 5. Talvez possamos ilustrar o assunto, usando como exemplo algumas mulheres importantes no ministério de Paulo.

Ele presta honra a Evódia e a Síntique, ao dizer: "Juntas se esforçaram comigo no evangelho" (Filipenses 4.3). Também elogia Febe, que havia sido uma serva na igreja e "protetora de muitos e de mim inclusive" (Romanos 16.2). Evidentemente,

ela era uma pessoa bastante importante, que usava a sua influência para a causa do evangelho. Todavia, para extrairmos desses versículos qualquer ensino contrário a 1 Timóteo 2.12, seria necessário *pressupor* que essas mulheres exerciam autoridade sobre os homens; fato esse que não pode ser comprovado.

18. Mas, Priscila ensinou a Apolo, não é verdade (Atos 18.26)? E até mesmo foi mencionada antes de Áquila. Isto não demonstra que era a prática da igreja primitiva incluir as mulheres do ministério de ensino na igreja?

Reconhecemos, sem dúvida, que Priscila era uma cooperadora com Paulo, em Cristo Jesus (Romanos 16.3). Ela e o marido eram muito influentes nas igrejas de Éfeso e de Corinto (1 Coríntios 16.19). Podemos observar que hoje em dia há muitas mulheres como Priscila em nossas igrejas. Segundo nossa compreensão das Escrituras, não há qualquer passagem afirmando que a mulher deve ficar em silêncio, ao visitar com o marido alguém descrente (ou mesmo outro crente). É fácil imaginar a conversa entre Priscila, Áquila e Apolo, na qual ela dá a sua contribuição, ao explicar sobre o batismo em nome de Jesus.

Em nosso entendimento, o que é adequado, em tal situação, ao homem e à mulher não é seguir uma lista do que pode ser feito ou dito. Em vez disso, apelamos que haja na mulher a sensibilidade em honrar a liderança do marido, e este, por sua vez, não abafe a sabedoria e a percepção da esposa.

Não estamos afirmando conhecer com detalhes o que sucedeu naquela conversa. Só estamos afirmando que uma reconstituição desses acontecimentos, sob o ponto de vista feminista, não é de maior crédito que a nossa interpretação. Não se pode comprovar a idéia que Priscila exercia um cargo de autoridade no ensino, tomando por base um fato sobre o qual sabemos tão pouco.

Entre os evangélicos há feministas que costumam afirmar que o exemplo de Priscila torna válida, no Novo Testamento, a autoridade da mulher em ensinar. Esse tipo de inferência sem fundamento é levantada por feministas, vez após vez, e depois considerada como um grande tema bíblico. Mas, não se obtém um grande tema a partir de um amontoado de deduções vagas e inválidas.

19. Vocês estão afirmando ser correto que, em certas circunstâncias, as mulheres ensinem aos homens?

Quando Paulo diz, em 1 Timóteo 2.12: "Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio", não entendemos que está sugerindo uma proibição absoluta de qualquer tipo de ensino pelas mulheres. Em outros textos, Paulo orienta as mulheres idosas a serem "mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas..." (Tito 2.3,4) e elogia o ensino que Eunice e Lóide deram a Timóteo (2 Timóteo 1.5; 3.14,15). Provérbios louva a esposa ideal, porque ela "fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua" (Provérbios 31.26). Paulo diz que os membros da igreja devem instruir uns aos outros "em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais" (Colossenses 3.16). Além desses casos, vemos também Priscila, ao lado de Áquila, corrigindo Apolo (Atos 18.26).

É algo de cunho estritamente pessoal achar que, em 1 Timóteo 2.12, Paulo tinha em mente todo tipo de ensino. Os termos "ensino" e "aprendizado" são tão amplos que torna-se *impossível* as mulheres não ensinarem os homens *em algum aspecto*. Assim também, há certo aspecto em que até mesmo a natureza (1 Coríntios 11.14), a figueira (Mateus 24.32), o sofrimento (Hebreus 5.8) e o comportamento humano (1 Pedro 3.1) nos ensinam.

Se Paulo não tinha em mente todo e qualquer tipo de ensino, o que ele quis dizer, então? Devemos notar que, no contexto do versículo 12, a igreja está reunida para oração e para o ensino (1 Timóteo 2.8-10; 3.15). Mas o melhor indício é a maneira com que Paulo faz a ligação entre "ensinar" e "exercer autoridade" sobre o homem. Diríamos não ser apropriado que a mulher ensine em uma situação, ou de uma maneira, que desonre o chamado do homem em tomar a responsabilidade principal no ensino e liderança. Tal responsabilidade deve ser desempenhada por pastores. Portanto, compreendemos ser a vontade de Deus que apenas os homens tenham a responsabilidade desse ofício.

20. Não é possível o pastor autorizar que a mulher ensine as Escrituras à congregação e, mesmo assim, continuar exercendo a liderança, enquanto ela ensina?

É perfeitamente correto que todas as áreas de ensino da igreja estejam sujeitas à aprovação dos líderes. Contudo, seria totalmente errado que a liderança da igreja usasse de sua autoridade para designar uma mulher ao cargo de "pastora", mesmo não lhe atribuindo esse título.

Em outras palavras, para que a mulher exerça o ensino de uma maneira bíblica, há dois critérios que devem ser obedecidos. O primeiro é haver aprovação da parte dos conselheiros ou presbíteros da igreja; o segundo é evitar situações que colocam a mulher na posição de guia espiritual de um grupo de homens. É inadequado que, ao ensinar, a mulher pressione as consciências dos homens, tomando por base a autoridade divina.

21. A afirmação de Paulo: "Não pode haver... nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3.28), não afasta a idéia de haver diferença nos papéis do homem e da mulher, na igreja?

Não. O contexto de Gálatas 3.28 deixa bastante claro o sentido em que homens e mulheres são iguais em Cristo. São ambos igualmente justificados pela fé (v. 24), livres da escravidão do legalismo (v. 25), filhos de Deus (v. 26), revestidos de Cristo (v. 27), pertencem a Cristo e são herdeiros da promessa feita a Abraão (v. 29).

Essa bênção mencionada por último tem um significado especial, pois a bênção de serem juntamente herdeiros "da mesma graça de vida", em 1 Pedro 3.1-7, está ligada à exortação para que as mulheres sejam submissas aos seus maridos (v. 1) e que os maridos tratem-nas com dignidade (v. 7). Em outras palavras, na mente de Pedro não havia qualquer conflito entre a posição de igualdade em Cristo e a necessidade do casal exercer respeito e submissão, em seus respectivos papéis.

22. Como vocês explicam que, aparentemente, no Antigo Testamento Deus aprovava as mulheres terem papéis proféticos ou de liderança?

Sabemos que Deus não era contrário a revelar sua vontade às mulheres, nem tampouco declarou serem mensageiras não-confiáveis. A diferença entre o papel do homem e o da mulher, no ministério, fundamenta-se na responsabilidade principal do homem em liderar e ensinar, de acordo com o padrão divino. Os exemplos de mulheres que profetizaram e lideraram não afetam esse padrão. Pelo contrário, os detalhes de cada caso mostram que, ao desempenharem um papel não costumeiro, essas mulheres validaram a liderança usual dos homens, ou evidenciaram as falhas deles nessa área (ver capítulo 5 para mais detalhes).

23. Vocês acham que a mulher é mais facilmente enganada que o homem?

1 Timóteo 2.14 diz: "Adão não foi iludido; mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão". Paulo cita esse fato como uma das razões para não permitir "que a mulher ensine, nem que exerça autoridade" sobre o homem. No decorrer dos séculos, tem sido comum interpretar como sendo essa a razão pela qual a mulher é mais facilmente iludida ou enganada e, portanto, menos apta para a liderança da igreja. Embora isso possa ser verdade, compreendemos o argumento de Paulo de uma outra forma.

Entendemos que o principal alvo de Satanás não era a ingenuidade de Eva, mas, antes, ele tinha em vista a liderança exercida por Adão, a quem Deus concedera a responsabilidade pela vida no jardim. A sutileza de Satanás foi que, mesmo sabendo a ordem dada por Deus quanto ao bem da família, deliberadamente a desafiou, ao ignorar o homem e lidar diretamente com a mulher. Satanás colocou Eva na posição de porta-voz, líder e defensora. Se essa é a compreensão apropriada de 1 Timóteo 2.14, então, o que Paulo quis dizer é que Adão não foi abordado pelo enganador, mas, sim, a mulher; sendo depois levada ao engano e transgressão. O ponto principal não é que o homem não se deixa enganar ou que a mulher é mais facilmente enganada. O fundamental é que rejeitar a ordem divina, na questão da liderança, traz perda e destruição.

24. Mas, de fato, parece ser a opinião de Paulo que, de alguma forma, Eva fosse mais propensa a ser enganada do que Adão. Isso não faria dele um completo chauvinista?

Não. Pergunta-se, freqüentemente, se a mulher é mais fraca que o homem, ou mais inteligente, ou mais temerosa, ou questões semelhantes. Talvez, a melhor maneira de responder seja esta: em certos aspectos a mulher é mais fraca, e em outros o homem é mais fraco; em certos aspectos a mulher é mais inteligente, e em outros o homem é mais inteligente; em certas circunstâncias a mulher se mostra mais temerosa, e, em outras, o homem. É perigoso ressaltar constantemente as fraquezas do homem ou da mulher. Deus deseja que as "fraquezas" peculiares do homem façam com que as virtudes da mulher se evidenciem; e é seu desejo que as "fraquezas" peculiares da mulher façam com que as virtudes do homem se destaquem.

Ainda que 1 Timóteo 2.14 tencionasse ensinar que, em algumas circunstâncias, as mulheres são mais sujeitas a serem enganadas, isso nada significaria quanto ao valor da masculinidade e da feminilidade. É tolice gabar-se da superioridade de qualquer um dos sexos. Homens e mulheres, como Deus os criou, são diferentes em centenas de aspectos. Serem criados à imagem de Deus, em condições de igualdade, significa pelo menos isto: quando feita a soma das fraquezas e virtudes do homem e da mulher, em colunas distintas, o resultado final será o mesmo para cada um. É o desejo de Deus que, ao se sobreporem essas duas colunas, elas sejam um perfeito complemento uma da outra.

25. Em seu entendimento, algumas ordenanças de um texto têm validade permanente; e outras, como: "...que as mulheres se ataviem... não com cabeleira frisada", são ordenanças condicionadas à cultura, sem valor absoluto. Vocês não estão sendo culpados de praticar literalismo seletivo?

Todos os aspectos da vida estão condicionados à cultura. Todos nós, que interpretamos a Bíblia, enfrentamos o desafio de discernir qual sua aplicação prática nos dias atuais, em uma cultura tão diferente. Ao demonstrar a validade permanente de uma

ordenança, pelo contexto procuramos mostrar que ela tem sua origem na natureza divina, no evangelho ou na criação. Procuramos estudar os fatos conforme eles se desdobram nas Escrituras, a fim de verificarmos se temos diante de nós algo de aplicação limitada ou um mandamento permanente.

No contexto do ensino de Paulo e de Pedro, a respeito do relacionamento entre o homem e a mulher, na igreja e no lar, há instruções sobre o adorno feminino (1 Timóteo 2.9-10 e 1 Pedro 3.3-5). Seria um equívoco afirmar que essas ordenanças não são relevantes para os nossos dias. Um ensino claro e permanente nesses versículos é que, ao esforçar-se em se adornar, a mulher deveria *ter em vista* as "boas obras" e o "homem interior", em vez de preocupar-se com coisas exteriores como roupas, penteados e jóias. Tampouco há qualquer razão para se anular a ordenança de ser modesta e sensível ou o alerta quanto à ostentação. O que está em questão, porém, é se o uso de tranças, adereços de ouro e pérola era coisa pecaminosa; e, caso fosse, naquele tempo, se continua sendo ainda hoje.

No texto há uma clara indicação de não ser isso o que Pedro estava focalizando. Ele declarou: "Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como... aparato de vestuário". O texto grego não diz "aparato de vestuário", mas simplesmente "vestuário". Sabemos que Pedro não está condenando o uso das roupas, em si, mas o mau uso delas. Então, isso nos sugere que o mesmo pode ser dito quanto ao uso de ouro e frisados no cabelo. O foco não está em alertar contra algo que é mau em si mesmo, mas contra um mau uso que expresse auto-exaltação e mundanismo.

Considere-se, ainda, que as ordenanças sobre liderança e submissão estão fundamentadas na ordem da criação (1 Timóteo 2.13,14), enquanto que os aspectos relacionados à modéstia não estão. Por essa razão nos declaramos inocentes da acusação de praticarmos o literalismo seletivo.

26. Não é incoerente proibir a liderança das mulheres na igreja e enviá-las como missionárias, para executarem tarefas que lhes são proibidas em sua igreja de origem?

Admiramos a coragem e o amor com que um grande número de mulheres solteiras e casadas têm se dedicado a missões, ao longo da história. É também admirável o papel desempenhado atualmente pelas mulheres na área de missões. Oramos para que isso inspire a muitas outras mulheres — e homens! — a se entregarem à grande obra de evangelizar o mundo.

Mas será que estamos sendo incoerentes? Será verdade que as estamos enviando como missionárias para que realizem "tarefas que lhes são proibidas" em sua igreja de origem? Se isto é assim, então é um fato notável que a grande maioria das mulheres que se tornaram missionárias, ao longo dos séculos, também defendiam, assim como nós, que o homem tem a responsabilidade de liderar. Além disso, os homens que mais incentivaram mulheres para a obra missionária, assim o fizeram não por discordar do nosso ponto de vista, quanto aos papéis do homem e da mulher. Pelo contrário, eles viam as inúmeras possibilidades de trabalho na área de evangelismo e o quanto as mulheres podiam realizar, às vezes melhor que os homens.

Hudson Taylor, por exemplo, percebeu que, quando um chinês principiante na obra evangelística trabalhava ao lado de uma missionária e não de um missionário, todo o trabalho de ensino e pregação recaía sobre o irmão chinês. Ele se considerava como o responsável pela missão e, portanto, tinha de assumir a liderança. Vez após vez, pôde ser observado na vida de missionárias a grande vantagem que resultou por serem "fracas". Mary Slessor, demonstrando uma incrível disposição, argumentou que deveria ser autorizada a ir desacompanhada para os territórios inexplorados da África. Ela disse que, pelo fato de ser mulher, traria menor ameaça sobre os nativos do que um homem; portanto, seria mais seguro ir sozinha.

A.J.Gordon — pastor, missionário, estadista e fundador do Seminário Teológico Gordon-Conwell — é outro exemplo. Ele incentivava grandemente o envolvimento da mulher na área de missões, citando Atos 2.17: "As vossas filhas profetizarão". Apesar de promover um ministério mais amplo possível para a mulher, na área de missões, ele compartilhava do nosso ponto de vista sobre 1 Timóteo 2.12.

Admitimos que há dificuldades em saber como pôr em prática as instruções de Paulo em regiões pioneiras. Reconhecemos que há diferentes modos de distinguir entre um conselho semelhante ao de Priscila e o ensino pastoral descrito em 1 Timóteo 2.12. Podemos nos imaginar na mesma posição de Hudson Taylor, lutando por ser fiel à Bíblia e, ao mesmo tempo, levando em consideração a cultura local. Não é o nosso desejo servir de obstáculo à grande causa da evangelização mundial, com discussões infrutíferas sobre quais os papéis que são inadequados à mulher. Está claro para nós que as mulheres são cooperadoras no evangelho e devem lutar lado-a-lado com os homens. Movidos pelo desejo de consumar a Grande Comissão em nossos dias, estamos dispostos a lançar mão de algo que não é o ideal.

Esperamos não estar enviando homens nem mulheres para fazerem coisas que lhes são proibidas em suas igrejas de origem. Não estamos enviando mulheres para se tornarem pastoras ou presbíteras de igrejas no campo missionário. Não pensamos ser proibido que as mulheres contem as boas novas do evangelho e ganhem almas para Cristo. Não achamos que Deus proíbe às mulheres o trabalho entre milhões de outras que não conhecem a Cristo, no mundo. Acima de dois terços da população mundial são constituídos por almas preciosas de mulheres e crianças. Isto significa que nas áreas de evangelismo e ensino há oportunidades inesgotáveis. Nosso desejo maior não é vigiar o desempenho de cada mulher. Antes, é trabalhar em conjunto com o povo de Deus, *segundo o padrão divino*, a fim de anunciar "entre as nações a sua glória" (Salmos 96.3).

27. Não estão vocês negando às mulheres o direito de usar os dons que lhes foram concedidos por Deus? E, se Deus concede um dom espiritual, isso não significa que Ele aprova o seu uso para a edificação da igreja?

Possuir um dom espiritual não nos dá o direito de usá-lo do modo que acharmos melhor. John White tinha razão ao escrever: "Alguns pensam ser impossível que uma pessoa tenha em sua vida o poder do Espírito Santo e, mesmo assim, faça mal uso dele. Mas, isso de fato acontece". Os dons espirituais são

concedidos pelo Espírito Santo, e têm seu uso regulamentado pelas Escrituras. Isso fica claro em 1 Coríntios, onde os que falavam em línguas foram instruídos a não fazê-lo em público, quando não houvesse o dom de interpretação; e os profetas foram orientados a se calarem, quando algum outro tivesse uma revelação (14.28-30). Não negamos às mulheres o direito de usar os dons recebidos de Deus. Se possuem o dom de ensino, de administração ou de evangelismo, é porque Deus deseja que esses dons sejam utilizados. E Ele honrará o compromisso dessas mulheres em utilizá-los segundo as normas estabelecidas nas Escrituras.

28. Se uma mulher foi verdadeiramente chamada por Deus para ser pastora, como vocês podem afirmar que ela não o deve ser?

Não cremos que, de fato, Deus chame mulheres para o pastorado. Dizemos isso não porque podemos discernir as experiências pessoais, mas por crermos que essas experiências devem ser julgadas à luz dos critérios da Palavra de Deus. A Bíblia revela ser a vontade de Deus que as responsabilidades pastorais de ensino e de liderança caibam ao homem somente. Sendo assim, fica implícito que Deus não chama mulheres para exercer o pastorado. Desde o seu início a igreja sabe que, no âmbito da orientação divina, a *percepção* pessoal não é *por si mesma* um critério adequado para se discernir o chamado feito por Deus. Certamente, Deus envia seus ministros escolhidos (Romanos 10.15). Mas Ele dá também um alerta aos que pensam ter sido chamados, quando não o foram: "Eu não os enviei, nem lhes dei ordem" (Jeremias 23.32).

Provavelmente, o que algumas crentes sinceras entendem como um chamado divino para o ministério pastoral é, de fato, um chamado para ministrar às pessoas, mas não através do pastorado. Frequentemente Deus concede ao seu povo o desejo de servir, sem que o Espírito especifique qual o trabalho a ser desempenhado. Assim sendo, devemos não apenas levar em consideração os nossos dons, mas também o ensino das Escrituras quanto ao que é apropriado aos homens e às mulheres.

29. O que vocês querem dizer por "autoridade", quando falam disso em relação ao lar e à igreja?

A questão é crucial, porque o Novo Testamento demonstra que os relacionamentos básicos da vida funcionam em termos de autoridade e submissão. O relacionamento entre pais e filhos, por exemplo, baseia-se no direito dos pais em exigirem obediência (Efésios 6.1,2). O governo civil tem autoridade para fazer leis que regem o comportamento dos cidadãos (Romanos 13.1-7). Da mesma forma, no Novo Testamento vemos a igreja sendo dirigida por líderes, que também são servos, cuja autoridade os crentes são exortados a acatar (1 Tessalonicenses 5.12; Hebreus 13.7,17; 1 Timóteo 5.17). No casamento, a esposa é chamada a submeter-se à liderança sacrificial do marido (Efésios 5.22-33; Colossenses 3.18,19; 1 Pedro 3.1-7). Finalmente, Deus é a fonte de toda autoridade; e sua autoridade é absoluta.

O que fica claro é que a forma dessa autoridade se altera nos diferentes tipos de relacionamentos. De maneira geral, poderíamos definir autoridade como *o direito, o poder e a responsabilidade em dirigir a outros*. Isso se aplica perfeitamente a Deus, em seu relacionamento para com todos; mas há diferentes aplicações nos diversos relacionamentos humanos.

Por exemplo: no aspecto do *poder* em liderar outros, o governo civil é investido com o poder da espada (Romanos 13.4), e os pais são investidos com o poder da vara (Provérbios 13.24). De modo semelhante, o *direito* de liderar também varia em cada relacionamento. Os pais, por exemplo, têm o direito de envolverem-se nos mínimos detalhes das vidas de seus filhos, ensinando-os a manusear os talheres e sentarem-se corretamente. Mas, esse tipo de envolvimento minucioso não cabe ao governo ou à igreja.

No relacionamento entre os crentes, o direito e o poder se retraem, e o que predomina é a *responsabilidade*. Jesus chamou os seus discípulos e disse: "Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva" (Mateus 20.25,26). A autoridade não é um direito a ser exigido, mas uma responsa-

bilidade a ser assumida; é um dever sagrado a ser exercido para o bem de outros.

Isto se torna muito evidente no casamento. A Bíblia não dá ao marido o direito de usar a força física para conduzir a esposa à submissão. O livro de Efésios mostra Cristo conduzindo sua noiva à santidade (5.25-27). Nesse texto vemos Cristo sofrer pela igreja, ao invés de fazer com que ela sofra por Ele. A autoridade do marido é uma responsabilidade divina a ser desempenhada em humildade, e não um direito a ser exibido com orgulho.

Resumindo, podemos dizer que autoridade, de um modo geral, é o direito, o poder e a responsabilidade em liderar outras pessoas. Mas, o equilíbrio entre esses elementos toma formas diferentes nos diversos relacionamentos da vida.

30. Em uma igreja que adota uma forma de governo onde a maior autoridade, abaixo de Cristo e das Escrituras, é a própria igreja e não os pastores, as mulheres podem votar?

Sim. Lemos em Atos 15.22: "Então pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia". Este texto parece ser uma referência ao sacerdócio de todos os crentes (1 Pedro 2.9; Apocalipse 1.6). Não achamos haver nisso incoerência com 1 Timóteo 2.12, porque a autoridade da igreja é diferente da autoridade das pessoas que compõem a igreja. Quando falamos que a congregação tem autoridade ao tomar decisões em conjunto, não queremos dizer que cada mulher e cada homem tem essa autoridade. Assim, nos momentos de decisão, a questão de ser homem ou ser mulher não está primariamente em vista.

31. Em Romanos 16.7, Paulo escreveu: "Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim". Júnias era uma mulher? Não fazia parte do apostolado? Então, isso não significa que Paulo reconhecia haver uma mulher ocupando uma importante posição de autoridade sobre os homens, na igreja primitiva?

Vamos tratar dessas três questões separadamente.

1. *Júnias era, de fato, uma mulher?* Não há como saber. A literatura grega não deixa isso evidente. Na época em que o Novo Testamento foi escrito, Júnias era usado como um nome feminino; mas os Pais da igreja se dividiam quanto ao sexo da pessoa a quem Paulo estava se dirigindo. Epifânio assumia que era um nome masculino; Crisóstomo dizia que era feminino. Contudo, talvez a opinião mais importante é a de Orígenes, um dos eruditos mais proeminentes do mundo antigo. A tradução latina de seu comentário aos Romanos deixa implícito que ele pensava tratar-se de um homem. Juntando esses fatos, vemos que há mais apoio à idéia de ser um homem. Porém, não há como ser dogmático a esse respeito; o nome pode ser masculino ou feminino.

2. *Júnias era um apóstolo?* Provavelmente; mas isso também é incerto. A frase "são notáveis entre os apóstolos" pode significar que Andrônico e Júnias eram altamente considerados pelos apóstolos. Dessa forma, eles não fariam parte do grupo apostólico. Mas esse argumento é improvável; uma vez que Paulo, sendo um apóstolo, não iria se referir aos apóstolos na terceira pessoa. Por outro lado, visto que Andrônico e Júnias "estavam em Cristo" antes dele, pode ser que Paulo tinha em mente o longo período de serviço no ministério, ao dizer que eles eram "notáveis entre os apóstolos". Não podemos, também, estar certos quanto a isso.

3. *Júnias ocupava uma importante posição de autoridade na igreja primitiva?* Provavelmente não! No Novo Testamento, a palavra *apóstolo* se refere a diferentes níveis de autoridade dos servos de Cristo.

a) Apocalipse 21.14 faz referência aos "doze apóstolos do Cordeiro", que tiveram o papel especial de dar testemunho da ressurreição de Jesus. Paulo se incluiu nesse grupo privilegiado, afirmando ter visto o Cristo ressurreto e ter sido chamado por Ele (Gálatas 1.1,12; 1 Coríntios 9.1-2).

b) Outro grupo, bem próximo a esse, era constituído pelos companheiros de Paulo em suas viagens (Barnabé - Atos 14.14; Silvano e Timóteo - 1 Tessalonicenses 1.1) e também por Tiago, o irmão do Senhor (Gálatas 1.19).

c) Finalmente, a palavra *apóstolo* é usada como um termo mais amplo, significando "mensageiro". Como exemplo, temos Epafrodito, em Filipenses 2.25, e outros "mensageiros das igrejas", em 2 Coríntios 8.23. Portanto, se Andrônico e Júnias fossem apóstolos, provavelmente estariam nesse terceiro grupo, servindo em algum ministério itinerante. O ministério seria significativo, mas não estaria necessariamente ao nível de orientador das igrejas, à semelhança de Paulo (2 Coríntios 10.8; 13.10).

32. Não é verdade que Paulo não permitia que as mulheres ensinassem, no primeiro século, por serem mal-instruídas? Entretanto, essa razão não é válida para os nossos dias. De fato, visto que hoje as mulheres são tão bem-instruídas quanto os homens, não poderiam elas também exercer o pastorado?

Essa objeção não está de acordo com a afirmação do texto bíblico, ao menos por três razões:

1. Paulo não cita a falta de instrução como causa para que a mulher não "ensine" nem "exerça autoridade" sobre o homem; antes, aponta para a criação (1 Timóteo 2.12-14). É arriscado montar um argumento sobre uma razão que Paulo não apresentou, em vez daquela que ele realmente deu.

2. Na igreja primitiva não havia uma exigência para que os líderes da igreja tivessem um treinamento formal nas Escrituras. Até mesmo alguns dos apóstolos não tinham um treinamento bíblico formal (Atos 4.13). Além disso, tanto os homens quanto as mulheres tinham acesso à instrução básica e, portanto, podiam ler e estudar as Escrituras. A literatura da época revela que entre as mulheres de fala grega, no Egito, a leitura era algo comum; e, na sociedade romana, muitas mulheres eram instruídas.

3. Se no Novo Testamento houve alguma mulher bem-instruída, essa mulher foi Priscila. Além de ter hospedado Paulo em sua casa por um ano e seis meses (Atos 18.2,3), provavelmente aprendeu com o apóstolo por mais três anos, enquanto ele permaneceu em Éfeso (ver Atos 18.18,19; 20.31). Tudo indica que Priscila e Áquila se afiliaram à igreja desse local, pois os vemos em Éfeso, novamente, ao final da vida de Paulo (2 Timóteo

4.19). Há razões até mesmo para crermos que Priscila estava em Éfeso quando a primeira carta de Paulo a Timóteo foi escrita. Ainda assim, observe que nem à bem-instruída Priscila foi dada a permissão para ensinar os homens, nas reuniões da igreja. Quando Paulo escreveu aos Efésios, "Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido", a razão não era a suposta falta de instrução da mulher, mas a ordem natural da criação.

33. Por que vocês mencionam o assunto do homossexualismo ao abordarem a questão dos papéis do homem e da mulher na igreja e no lar? A maioria dos feministas evangélicos são tão contrários à pratica do homossexualismo quanto vocês!

Mencionamos esse assunto por crermos que, ao minimizar a diferença de papéis entre os sexos, os feministas produzem maior confusão quanto à identidade sexual. E isso, por sua vez, resulta em um aumento da homossexualidade no meio social e, especialmente, nas gerações seguintes.

Alguns evangélicos, que inicialmente condenavam o homossexualismo, posteriormente deixaram-se levar pelos argumentos feministas e acabaram aprovando o compromisso de fidelidade entre casais homossexuais. Entre esses evangélicos estão Gerald Sheppard, Karen J.Torjesen, Nancy Hardesty e Virginia Mollenkott.

Também temos visto evidências clínicas mostrando que não existem crianças que já nascem com "tendências homossexuais". O Dr. George Rekers tem comprovado isso em muitos periódicos científicos. Rekers aponta para o fato de haver no lar influências que determinam a preferência sexual da criança. A presença de um pai amável, que afirma a masculinidade do filho ou a feminilidade da filha, é essencial para um desenvolvimento sadio. Porém, perguntamos: como pode ser cultivado esse tipo de afirmação, num lar onde as diferenças de papéis são constantemente diminuídas ou até mesmo negadas?

É comum ouvirmos que a única coisa que determina o papel de cada um é a sua competência, e que isso nada tem a ver com a sexualidade. Se isso é verdade, que farão os pais, então,

para moldarem a identidade sexual de seus filhos pequenos? Se disserem que nada farão a respeito, os filhos ficarão confusos quanto a si mesmos e, consequentemente, mais propensos à homossexualidade — pois, é isso que consta em muitos dos tratados psicológicos.

Portanto, para nós fica cada vez mais claro, com muito pesar, que os feministas evangélicos acabam sendo colaboradores no processo de ofuscar a importância da distinção entre os papéis do homem e da mulher. Essa distinção fornece a base não só para o casamento bíblico e para o bom funcionamento da igreja, mas também para a própria heterossexualidade.

34. Como vocês podem estar certos, quanto ao modo que interpretam a Bíblia, de que não sofrem grande influência de sua própria cultura e origem, ao invés de apresentar aquilo que os autores bíblicos realmente tencionavam dizer?

Estamos conscientes da nossa falibilidade. Sentimos a influência da cultura, da tradição e da preferência pessoal, assim também dos dardos enganosos do diabo. Mas, ficamos encorajados em saber que, até certo ponto, é possível evitarmos essas influências. Pois, a Bíblia nos exorta a não nos conformarmos com este século, mas a nos transformarmos pela renovação de nossas mentes (Romanos 12.1,2).

As convicções que temos se baseiam em cinco fatos: 1) Sempre procuramos examinar nossas intenções e esvaziarnos de tudo que possa ofuscar a verdadeira percepção da realidade. 2) Costumamos pedir a Deus que nos conceda humildade, sabedoria, imparcialidade e honestidade, ao interpretarmos sua Palavra. 3) Usamos todo esforço para compreender o sentido dos textos bíblicos em grego ou hebraico, utilizando os melhores métodos de estudo disponíveis, a fim de chegarmos o mais próximo possível das verdadeiras intenções dos escritores bíblicos. 4) Sempre testamos nossas conclusões à luz da exegese feita no decorrer da história da igreja. 5) Testamos nossas conclusões, levando-as àqueles a quem ministramos, esperando da parte das pessoas espirituais a confirmação do nosso ensino. Através destes

escritos, apresentamos aos leitores a nossa maneira de entender as Escrituras, confiantes de que a interpretamos de forma responsável e fiel.

35. Por que é aceitável cantarmos hinos e indicarmos livros escritos por mulheres, mas não permitir que elas falem em público as coisas que escrevem?

Não estamos *afirmando* que a mulher não pode falar em público. Paulo diz: "Enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos... hinos e cânticos espirituais" (Efésios 5.18,19). Ao lermos esses versículos podemos imaginar as mulheres cantando e declamando na igreja primitiva, aquilo que haviam recebido do Senhor. Além do mais, regozijamo-nos pelo fato que tanto os homens quanto as mulheres aprendem e sentem-se edificados por esse ministério poético.

Tampouco estamos ensinando que uma escritora de livros ou artigos não deve falar na igreja. Para nós, a questão em foco é se ela deve fazer parte da liderança que tem a responsabilidade do ensino, em uma comunidade composta por homens e mulheres. É óbvio que não excluímos o ensino de uma mulher a outras mulheres, seja em um ministério restrito ou de abrangência mundial. Nem nos opomos a que ocasionalmente a mulher se dirija à mulheres e homens, em conferências nacionais ou locais (o que é algo distinto de exercer uma posição de ensino na igreja).

Usamos o termo *ocasionalmente* porque a regularidade no ensino a um grupo de pessoas é aquilo que diferencia o ensino *oficial* ministrado pela liderança da igreja. Um exemplo de ensino *não-oficial* temos em Atos 18.26, no ministério de Priscila e Áquila.

Ao dirigir-se a uma audiência mista, a mulher *deve ter* uma atitude que confirme a liderança do homem. Reconhecemos ser difícil distinguir entre o que é apropriado ou inapropriado à mulher, ao falar em público. A nossa esperança não é que cheguemos à uma definição exata quanto ao que é certo ou errado, mas que juntos venhamos a afirmar a veracidade desses princípios básicos.

36. Não é verdade que, na Bíblia, Deus é inúmeras vezes chamado de nosso "ajudador" e que esta palavra é a mesma usada para descrever Eva, quando foi chamada de "auxiliadora" idônea para o homem? Será que isso não elimina a idéia de um papel de submissão para a mulher, ou até mesmo confere a ela mais autoridade do que ao homem?

É verdade que Deus é frequentemente chamado de nosso "ajudador"; mas essa palavra não traz em si qualquer implicação de posição ou autoridade. O contexto em Gênesis determina que tipo de "auxiliadora" Eva deveria ser: uma pessoa forte que ajuda outra mais fraca ou alguém que presta assistência a um líder amável. Em Gênesis 2.19-20, Adão procura a sua "auxiliadora" primeiro entre os animais. Mas entre eles não a pôde encontrar, por não serem "idôneos" ou adequados a ele. Assim, "do homem" Deus formou a mulher. A partir de então, havia um ser que era adequado a Adão e que compartilhava de sua natureza humana. Deus nos ensina que a mulher era "auxiliadora" do homem no sentido de prestar uma assistência leal e apropriada na vida do jardim. (Para mais esclarecimentos, ver capítulo 2.)

37. 1 Coríntios 7.3-4 diz: "O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração..." Esse texto não deixa claro que a autoridade unilateral da parte do marido é algo errado?

Sim, concordamos. Mas, vamos ampliar a questão para aprendermos o máximo possível com o texto. Essa passagem bíblica pode ser gravemente distorcida por homens egoístas, que a usem para apoiar suas exigências na área sexual. Podemos imaginar um homem falando sarcasticamente à esposa: "A Bíblia diz que sou eu, e não você, quem tem autoridade sobre o seu corpo; então, é seu dever conceder-me o que eu quero".

No entanto, o texto bíblico não dá apoio à exploração sexual. Ao contrário, ensina a importância de concedermos preferência um ao outro, pois a Bíblia diz: "Preferindo-vos em honra uns aos outros" (Romanos 12.10); "Considerando cada um os outros superiores a si mesmo" (Filipenses 2.3). O que está em foco não é o direito que temos a exigir, mas o dever que temos a cumprir. Aqui Paulo não está enfatizando que o marido pode exigir a satisfação de seus desejos, mas, sim, que deve suprir o que sua esposa precisa. Em outras palavras, quando está ao seu alcance satisfazer as necessidades de seu cônjuge, faça-o.

Na verdade, há uma maravilhosa mutualidade e reciprocidade que permeia esse texto, do versículo 2 ao 5. Nem o marido nem a esposa possuem mais direitos sobre o corpo um do outro. E, quanto a suspender alguma atividade sexual, Paulo repudia qualquer decisão tomada unilateralmente.

O que está implícito a respeito da liderança do marido, nesse texto? Fica claro que sua liderança não envolve escolhas egoístas e unilaterais. É preciso que ele se esforce para que o casal chegue a um acordo, o que é o ideal. E deve levar em consideração que os desejos e as necessidades da esposa, na área sexual, são tão importantes quanto as suas. Esta passagem das Escrituras deixa bastante claro que a verdadeira liderança não consiste em o líder "fazer o que lhe convém".

38. Como é possível à mulher solteira compreender o mistério do relacionamento entre Cristo e a igreja, sendo que nunca experimentou o casamento?

A essa pergunta Elizabeth Elliot deu uma resposta que eu prefiro transcrever, ao invés de tentar, inutilmente, aperfeiçoar:

> O dom da virgindade é insubstituível e inestimável. É concedido por Deus e por isso deve ser dedicado a Ele. É um dom que pode ser ofertado na pureza do sacrifício matrimonial ou no sacrifício de uma vida celibatária. Isto soa como algo exageradamente elevado e santo? Mas, pense por um momento! Pelo fato de nunca ter conhecido um homem, a virgem é livre para dedicar-se integralmente às coisas do Senhor. O

apóstolo Paulo preceituou: "Para ser santa, assim no corpo como no espírito" (1 Coríntios 7.34). Vendo-se como noiva de Cristo, ela guarda o seu coração e oferece ao Noivo Celestial tudo o que é e tudo o que tem. Ao fazer isso, ou seja, dar-se voluntariamente em amor ao Senhor, ela não precisa justificar-se diante do mundo ou dos crentes, os quais a incomodam com questionamentos e sugestões. O "sacrifício vivo" da mulher solteira é um forte e humilde testemunho de seu amor radiante pelo Senhor; o que não é sempre possível à mulher casada. Penso que a mulher solteira pode compreender mais profundamente esse "mistério" do que qualquer um de nós.

39. Visto que muitos eruditos evangélicos discordam entre si sobre o papel do homem e o da mulher, como é possível a qualquer leigo chegar a ter convicções claras sobre isso?

Nós, juntamente com outros estudiosos da Bíblia, precisamos constantemente evitar dois perigos. De um lado, há a tentação de simplificarmos ao extremo o processo de interpretação dos textos, negligenciando o estudo cuidadoso da parte histórica e gramatical. De outro lado, há a tentação de utilizarmos nosso nível de estudo para enfatizarmos as dificuldades e complicações dos textos, de tal modo que os leigos perdem a confiança de poder entendê-los.

Reconhecemos que na Bíblia "há certas cousas difíceis de entender" (2 Pedro 3.16). Isso nos impede de exagerar quanto a simplicidade das Escrituras. Mas, cremos que a ênfase deve ser dada à *utilidade* de toda a Escritura. "*Toda Escritura* é inspirada por Deus e útil para o ensino (2 Timóteo 3.16). Não pretendemos desencorajar o leigo dedicado, dando a entender que interpretar as Escrituras é algo fora de seu alcance.

Queremos destacar também que, sob a inspiração divina, o apóstolo Paulo sentia a responsabilidade de sempre escrever *com clareza*. Ele afirmou: "Rejeitamos as cousas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2 Coríntios 4.2).

Gostaríamos, ainda, de encorajar os leigos a compreenderem que a existência de controvérsias sobre assuntos importantes torna evidente que vale a pena labutar pela verdade. É necessário haver controvérsias, quando o erro está se espalhando e pondo a verdade em risco. Portanto, os leigos devem alegrar-se pelo fato de estar sendo empreendida a batalha em prol da verdade. Devem entender que muitas das doutrinas em que hoje crêem e aceitam como corretas foram motivo de disputas intensas, no passado; e, devido a essas controvérsias, foram preservadas.

Quanto à questão acerca dos papéis do homem e da mulher, encorajamos os leigos a examinarem o que tem sido dito sobre o assunto. E os incentivamos a saturar suas mentes com as Escrituras e a orar fervorosamente, buscando o cumprimento de Filipenses 3.15: "Se porventura pensais doutro modo, também isto *Deus vos esclarecerá*". (Para outras orientações, ver questão 34.)

40. Sendo que há disputas acirradas sobre a interpretação das Escrituras que tratam sobre o papel do homem e o da mulher, não seria conveniente deixar esses textos de lado, não permitindo que influenciem nossa compreensão do assunto?

Não! Tal procedimento seria inconveniente. Primeiro, pois quase todos os textos que apresentam verdades preciosas são, de alguma forma, debatidos por alguns crentes. Segundo, pense como seria se não tomássemos qualquer posição sobre as verdades debatidas. Satanás nos enganaria mais facilmente, visto que não precisaria combater a verdade do texto bíblico descartado por nós. Teria apenas o trabalho de armar confusão o suficiente, para levar-nos a dispensar textos importantes.

Terceiro, esse procedimento é desaconselhável porque, de alguma forma, todos somos preconceituosos. É bem possível que usaríamos tal argumentação para justificar nosso desprezo por certos textos que nos incomodam. Ao mesmo tempo, consideraríamos muito claros os textos que se adequam ao nosso ponto de vista. Este parece ser o erro da abordagem feita por Gretchen Gaebelein Hull, em seu livro *Equal to Serve*. Ela cita uma série

de textos, afirmando serem claros e indiscutíveis; depois cita uma outra série, dizendo serem obscuros e controversos. Então, conclui que esses últimos não devem exercer influência significativa em nossa maneira de compreender o assunto. Dessa forma, são deixados de lado vários textos-chaves, como 1 Timóteo 2.8-15 e 1 Pedro 3.1-6. O perigo de tal procedimento é evidente.

O que devemos fazer, no entanto, é continuar lendo as Escrituras de forma cuidadosa e em oração, buscando não desprezar nenhum texto, mas interpretar de modo coerente todos os textos que são relevantes. E, depois disso, é nosso dever obedecer ao claro ensino da Palavra.

41. Visto que nas igrejas há discórdias sobre o papel do homem e o da mulher, não deveríamos, então, considerar essa questão como secundária, ao definirmos padrões de fé e prática denominacionais?

Inicialmente, precisamos reconhecer que, por haver discórdias, isto não significa que o assunto seja irrelevante. A história nos ensina que as importantes questões doutrinárias foram, muitas vezes, motivo de grandes controvérsias. De fato, a duração e a intensidade de uma controvérsia mostra, às vezes, o quanto a questão é relevante; e, não, a sua irrelevância.

Se examinarmos as Confissões de Fé da maioria das denominações, descobriremos que alguns dos ítens foram incluídos por ter havido controvérsias sobre determinado assunto. E, para o bem da igreja, foi necessário tomar-se uma posição. Entende-se também que muitas verdades preciosas talvez não tenham sido incluídas, simplesmente porque na época havia um consenso geral. Até recentemente, por exemplo, não havia necessidade de um posicionamento oficial quanto às práticas homossexuais e uso de drogas.

A maioria das denominações, até o presente, tem aceito que cabe ao marido a responsabilidade de liderar a família e aos homens espirituais a liderança da igreja. Portanto, essas verdades bíblicas não têm sido alvo de um posicionamento oficial por parte das igrejas. Essa falta de posicionamento *não é* um indício da irrelevância dessas questões; pelo contrário, é um sinal de que, para o meio evangélico, são questões de valor intenso e duradouro.

No nosso modo de entender, a igreja hoje em dia se posiciona sobre coisas bem menos importantes do que as verdades cruciais tratadas aqui. Diríamos que estas questões são mais essenciais para a igreja do que as concernentes ao batismo de crianças ou às diferentes formas administrativas.

Além disso, a falta de posicionamento sobre as verdades tratadas neste questionário é, na verdade, uma tomada de posição, devido à pressão exercida constantemente pelos feministas, que atacam de todos os lados. Defender publicamente essas questões gera tantas críticas que muitos líderes cristãos procuram evitar essa polêmica. Mas, não há como evitá-la. O papel do homem e o da mulher é um assunto de importância fundamental; é uma questão que atinge o cerne de nossa personalidade e afeta todos os aspectos da nossa vida. Rogamos aos líderes cristãos que despertem para a importância desse assunto e busquem a sabedoria do alto, a fim de agirem para o bem da igreja e para a glória de Deus.

HOMEM e MULHER

A década passada vivenciou o começo de um movimento chamado "Feminismo Evangélico". Em Homem e Mulher, diversos autores empregam seus talentos a fim de produzir uma ampla resposta a este movimento.



Esta obra combina argumentação sistemática com a aplicação prática. Trata das principais passagens das Escrituras usadas como argumentos nesta controvérsia.

Todos os que se preocupam com esta questão fundamental, a respeito do relacionamento correto entre homem e mulher no lar, na igreja e na sociedade, desejarão ler esta importante obra.